

Departamento de Sociologia

A Fronteira da Intimidade
Identidade europeia e relações íntimas binacionais intraeuropeias

João Paulo Vicente Henriques

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Sociologia

Orientadora:

Doutora Maria das Dores Horta Guerreiro, Professora Auxiliar,
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Coorientador:

Doutor António Manuel Hipólito Firmino da Costa, Professor Catedrático,
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2016

“Todos descobrem, mais tarde ou mais cedo na vida, que a felicidade perfeita não é realizável, mas poucos se detêm a pensar na consideração oposta: que também a infelicidade perfeita é, igualmente, não realizável. Os momentos que se opõem à realização de ambos os estados-limite são da mesma natureza: derivam da nossa condição humana, que é inimiga de tudo o que é infinito. Opõe-se-lhe o nosso sempre insuficiente conhecimento do futuro; e a isto se chama, num caso, esperança; no outro, incerteza do amanhã. Opõe-se-lhe a certeza da morte, que impõe um limite a qualquer alegria, mas também a qualquer dor. Opõem-se-lhe as inevitáveis preocupações materiais que, assim como poluem qualquer felicidade duradoura, também distraem assiduamente a nossa atenção da desgraça que paira sobre nós e tornam fragmentária, e por isso mesmo, suportável, a consciência dela.

Foram precisamente as privações, as pancadas, o frio, a sede, que não nos deixaram afundar no vazio de um desespero sem fim, durante a viagem e depois. Não a vontade de viver, nem uma resignação consciente: pois são poucos os homens capazes disso, e nós mais não éramos que uma vulgar amostra de humanidade.

(Primo Levi, in “Se isto é um Homem”)

“Se no futuro tivermos de recordar por que pareceu tão importante construir um determinado tipo de Europa a partir do crematório de Auschwitz, só a História nos poderá ajudar. A nova Europa, unida pelos sinais e símbolos do seu terrível passado, é uma vitória notável; mas permanece hipotecada nesse passado. Se os europeus estão determinados a manter este vínculo fundamental – se o passado da Europa continuar a projectar no futuro um significado admonitório e um propósito moral – então terá de ser ensinado do princípio a cada nova geração. A «União Europeia» será, talvez, uma resposta à História, mas nunca poderá substituí-la.”

(Tony Judt, in “Pós-Guerra. A História da Europa desde 1945”)

AGRADECIMENTOS

Sinceramente, não sei quando. Não sei quando este trabalho de pesquisa começou. A verdade é que, desde então, desde que tudo começou, tudo foi importante, como se tudo o que sucedeu apreendesse o seu sentido. Este.

Certamente, e indubitavelmente, que é ao grupo de entrevistados a quem devo agradecer em primeiro lugar, e expressar a minha profunda gratidão pela sua receptividade e pela partilha de parte da sua vida, perante alguém que desconheciam. Aos 36 entrevistados os meus sinceros agradecimentos, sem *vós* o meu objectivo não seria mais do que algo inócuo.

Em segundo lugar agradeço o apoio prestado pelos meus dois orientadores, a Professora Maria das Dores Guerreiro e o Professor António Firmino da Costa. À Professora Maria das Dores Guerreiro devo mais do que um agradecimento estrito à elaboração deste trabalho de pesquisa, pois ofereceu-me a oportunidade para colaborar num projecto de investigação enquanto frequentei o Mestrado em Sociologia. Quanto a este estudo agradeço os seus conselhos, as suas sugestões, a sua disponibilidade para alguns dos debates que envolveram algumas das decisões mais importantes do estudo, e, por fim, pela sua revisão escrupulosa de conteúdo. Ao Professor António Firmino da Costa pela sua, sempre, disponibilidade em prestar esclarecimentos, mesmo que de modo *infórmal*, e pela sua capacidade em guiar os alunos por terrenos firmes, libertando-os, incluindo eu *pr prio*, das areias movediças do campo sociológico. Também pelo seu entusiasmo contagiante e por acreditar.

Em terceiro lugar agradeço ao Professor José Luís Casanova, à Professora Patrícia Ávila e à Professora Helena Carvalho pela disponibilidade em esclarecerem algumas dúvidas de carácter mais restrito, mas cujas elucidações foram igualmente pertinentes para a tomada de decisões importantes e para a execução de partes específicas da análise.

Por último, agradeço a todos os meus colegas de curso que comigo partilharam as salas de aulas e alguns momentos de estudo. Neste caso, um especial agradecimento à Joana Vieira pela sua disponibilidade em me orientar e ajudar, por vezes, na minha incursão pelas ciências sociais mas também nesta dissertação de mestrado, com quem por vezes discuti opções teóricas, metodológicas e, claro, epistemológicas.

ao meu avô

RESUMO

Privilegiando a avaliação da integração europeia a partir da vida quotidiana dos seus cidadãos, e, particularmente, as uniões matrimoniais como um indicador de integração, esta pesquisa avalia a dialética entre a identidade europeia e o envolvimento numa relação íntima binacional intraeuropeia, investigando paralelamente as dimensões da vida conjugal, e das relações familiares, que se associam a um sentimento de pertença europeu. O plano de análise funda na teoria transacional de Karl Deutsch, segundo a qual, o aumento de interações transnacionais contribui para consubstanciar valores comuns, repercutindo-se num sentimento de pertença coletivo. Através da perspectiva de percurso de vida, entrevistaram-se 36 indivíduos, com escolaridade superior, e envolvidos numa relação íntima binacional intraeuropeia. O plano de análise enquadra os perfis dos entrevistados na estrutura do espaço de identidade europeia, e apoia-se no conceito de capital nas suas várias formas.

As conclusões demonstram a especificidade destes indivíduos, e casais, pois realizaram interações transnacionais significativas, e revelaram uma capacidade reflexiva ancorada, também, no seu capital cultural incorporado. As ligações intergeracionais, nos dois sentidos, serão fundamentais para a preferência da Europa como espaço de vida, e as redes de sociabilidade transnacionais dos cônjuges poderão influenciar o sentimento de pertença europeu. A intimidade binacional intraeuropeia, tanto pode orientar o indivíduo para uma ligação à Europa ou ao país do parceiro(a). No final, propôs-se uma tipologia destes indivíduos considerando seis dimensões: a autocategorização, as representações sobre a Europa, as interações transnacionais, a orientação do efeito da relação íntima binacional intraeuropeia, a nacionalidade e o país de residência.

Palavras-chave: Europa, Identidade europeia, relação íntima binacional intraeuropeia, casais binacionais, interação transnacional, sentimento de pertença, capital.

ABSTRACT

This research aims at evaluating European integration through the daily lives of its citizens. The goals are to assess the association between the engagement in an intra-European intimate bi-national relationship and the European identity and to find which dimensions of conjugal life, as well as family relationships, are associated with a sense of a European collective belonging. The analysis focus on the transactional theory of Karl Deutsch. Thus, the increase in transnational interactions promotes the embodiment of common values, which will be reflected in a sense of collective belonging. Through the life course perspective, 36 individuals, with higher education and engaged in an intra-European bi-national intimate relationship, were interviewed. The analysis links the profile of the respondents to the structural space of European identity, and bears on the concept of capital in its several forms.

The findings validate the particularity of these individuals, and couples, as they've experienced significant transnational interactions, and exhibit a reflexive capacity linked to theirs' embodied cultural capital. Both directions of intergenerational relationships are major criteria to consider Europe as a preferred living space, and the spouses' transnational social networks may contribute to a sense of belonging. The bi-national intimacy, or living abroad, can lead the individual to a connection to Europe or to the partners' country. As a result, a typology of these individuals is proposed, bearing in mind six dimensions: self-categorization, representations of Europe, transnational interactions course, the direction of the effect of the intra-European intimate relationship, nationality and country of residence.

Key-words: Europe, European identity, intra-European bi-national intimate relationship, bi-national couples, transnational interaction, sense of belonging, capital.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO.....	iii
ABSTRACT.....	iv
ÍNDICE DE QUADROS.....	vi
ÍNDICE DE FIGURAS.....	vi
GLOSÁRIO DE SIGLAS.....	vii
INTRODUÇÃO	1
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E EMPÍRICO.....	3
1.1 IDENTIDADE EUROPEIA.....	3
1.1.1 A Europa, as suas representações, e os processos de carácter discursivo e interpretativo.....	5
1.1.2 O nível de análise e os processos de carácter relacional	6
1.1.3 Casos de estudo envolvendo relações íntimas binacionais intraeuropeias.....	7
1.2 ATITUDES, VALORES E PRÁTICAS NA CONJUGALIDADE NOS CONTEXTOS ESTRUTURAL E SOCIAL EUROPEU....	9
1.3 MODELO DE ANÁLISE.....	12
2. DELIMITAÇÃO DO OBJETO, MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA.....	13
3. ANÁLISE DE DADOS E DE CONTEÚDO.....	15
3.1 ANÁLISE CONTEXTUAL: INDICADORES DE IDENTIDADE EUROPEIA E FATORES EXPLICATIVOS.....	15
3.1.1 Interações transnacionais: análise descritiva e bivariada.....	16
3.1.2 Escolaridade: análise descritiva e bivariada	18
3.1.3 Interações transnacionais e escolaridade: análise trivariada.....	19
3.1.4 A alteração de referencial: a Europa versus o Mundo.....	21
3.1.5 Conclusões da análise contextual.....	21
3.2 A RELAÇÃO ÍNTIMA BINACIONAL INTRAEUROPEIA: ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS	22
3.2.1 O percurso interacional transnacional antes da atual relação conjugal.....	22
3.2.2 O envolvimento na relação íntima binacional intraeuropeia.....	25
3.2.3 Identidade europeia.....	32
3.2.4 Para uma tipologia de identidade europeia.....	33
3.2.5 Considerações finais da análise de conteúdo das entrevistas.....	40
CONCLUSÃO.....	41
BIBLIOGRAFIA	43
ANEXOS.....	I
ANEXO A – MODELO DE ANÁLISE E TIPOLOGIA DE INTERAÇÕES TRANSNACIONAIS	I
ANEXO B – GUIÃO DA ENTREVISTA.....	II
ANEXO C – ANÁLISE CONTEXTUAL: APONTAMENTOS COMPLEMENTARES.....	VI
C.1 Interações transnacionais: análise descritiva bivariada - complementos	VI
C.2 Escolaridade: análise descritiva e bivariada – complementos.....	VI
C.3 Interações transnacionais e escolaridade: análise trivariada - correlações.....	VIII

C.4 A alteração de referencial: a Europa versus o Mundo - complementos.....	VIII
ANEXO D – CARATERIZAÇÃO DA AMOSTRA E PERFIL NA CONJUGALIDADE.....	IX
ANEXO E – TIPOLOGIA.....	X
ANEXO F – CONTEÚDO DISCURSIVO: REPRESENTAÇÕES SOBRE A EUROPA.....	XI
ANEXO G – CONTEÚDO DISCURSIVO: INTERAÇÕES TRANSNACIONAIS: ... AS VIAGENS... ..	XII
ANEXO H – CONTEÚDO DISCURSIVO: DIMENSÕES DA RELAÇÃO ÍNTIMA BINACIONAL INTRAEUROPEIA.....	XIII
ANEXO I – CONTEÚDO DISCURSIVO: SENTIMENTO DE PERTENÇA.....	XV

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 3.1 – Autocategorização por tipo de interação no conjunto da UE28.....	20
Quadro 3.2 – Autocategorização em indivíduos a residir fora do país da sua nacionalidade por tipo de interação.....	20
Quadro 3.3 – Autocategorização em indivíduos a residir fora do país da sua nacionalidade por tipo de interação e por escolaridade.....	21
Quadro 3.4 – Nacionalidades representadas por sexo, e países representados na amostra.....	22
Quadro 3.5 – Redefinição da tipologia de interações transnacionais.....	24

Lista de quadros em anexo

Quadro A.1 – Construção da variável referente à tipologia de interações transnacionais.....	I
Quadro C.1 – Correlações entre o tipo de interação e as variáveis macrossociais em 2014 por país.....	VI
Quadro C.2 – Correlações entre o <i>gap</i> identitário escolar e as variáveis macrossociais em 2014 por país.....	VII
Quadro C.3 – Correlações entre o <i>gap</i> identitário escolar e as variáveis macrossociais em 2007 por país.....	VII
Quadro C.4 – Correlações entre o <i>gap</i> identitário escolar na autocategorização por tipo de interação e as variáveis macrossociais em 2014 por país.....	VIII
Quadro C.5 – Correlações entre o sentimento de ligação ao Mundo e as variáveis macrossociais em 2007.....	VIII
Quadro D.1 – Caraterização sociodemográfica e perfil na conjugalidade.....	IX
Quadro E.1 – Tipos de relação entre indivíduos envolvidos em relações íntimas binacionais intraeuropeias e o sentimento de pertença europeu.....	X

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 3.1 – Sentimento de ligação e autocategorização como Europeu segundo o país em 2007 e 2014.....	15
Figura 3.2 – Tipo de interações realizadas segundo o país em 2014.....	16
Figura 3.3 – Autocategorização segundo o tipo de interação transnacional.....	17
Figura 3.4 – Autocategorização como europeu por país e segundo a escolaridade em 2014.....	18
Figura 3.5 – Sentimento de ligação à Europa por país e segundo a escolaridade em 2014.....	18
Figura 3.6 – Autocategorização como europeu no grupo sem interações segundo a escolaridade.....	19
Figura 3.7 – Autocategorização como europeu no grupo de interações curtas segundo a escolaridade.....	19

Lista de figuras em anexo

Figura A.1 – Modelo de análise.....	I
-------------------------------------	---

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

UE – União Europeia

UE15 – Conjunto dos primeiros 15 países da União Europeia

UE28 – Conjunto dos 28 países da União Europeia

Lista de Países

AT	Áustria
BE	Bélgica
BG	Bulgária
CY	Chipre
CZ	República Checa
DE	Alemanha
DE-E	Alemanha Oriental
DE-W	Alemanha Ocidental
DK	Dinamarca
EE	Estónia
ES	Espanha
FI	Finlândia
FR	França
UK	Reino Unido
GB	Grã-Bretanha
GB-NIR	Irlanda do Norte
GR	Grécia
HU	Hungria
IE	Irlanda
IT	Itália
LT	Lituânia
LU	Luxemburgo
LV	Letónia
MT	Malta
NL	Países Baixos
PL	Polónia
PT	Portugal
RO	Roménia
SE	Suécia
SI	Eslovénia
SK	Eslováquia
UK	Reino Unido
EUA	Estados Unidos da América

INTRODUÇÃO

No conjunto da sua obra, Tony Judt, historiador, reflete sobre o século XX esquecido (Judt, 2008). Um dos capítulos é dedicado a quem contribuiu extraordinariamente para a passagem do último século, entre outros, Primo Levi, Hannah Arendt e Albert Camus, que o autor sugere não olvidar. Mas, porventura, um outro capítulo merece atenção: “*The Stateless State: Why Belgium Matters*” (*idem*, p. 233-249). Na verdade, a Bélgica foi fundada pelas elites e pela burguesia e, atualmente, constitui-se como uma democracia federal, onde as comunidades linguísticas, as comunidades regionais, e as comunidades religiosas não coincidem. Por outro lado, o autor expõe a panóplia de transformações da sua sociedade no século XX, tais como o declínio do catolicismo e do socialismo, o acesso generalizado à educação superior, o declínio da indústria, e a inextricável teia de relações político-económicas e sociais entre a Valónia e a Flandres, concluindo retoricamente: “*But what, then, will keep the country together?*”. Assim, demonstra por que é a Bélgica um exemplo para a Europa, sustentando analogamente a ideia do projeto da UE como um vetor de integração europeia.

Numa outra obra, o autor tece considerações sobre a Europa do pós-guerra (Judt, 2011). Alcançada a paz e um certo nível de integração, não é surpreendente que o último capítulo se intitule “A Europa como Estilo de Vida” (*idem*, p. 870-895). Aos poucos distancia-se de um nível superior e macrossocial, da governação, do Cristianismo e do Islão, para se focar nas comunicações e trocas inéditas, nas suas fronteiras e na “multiplicidade de linhas de divisão sobrepondo-se aos limites sociais e nacionais antes evidentes” (*idem*, p. 871). Para o autor, em síntese, serão “todos estes fatores que tornam mais difícil a interpretação da experiência coletiva.” (*idem*, p. 871). Na verdade, no final do século XX não se verifica a homogeneidade por muitos preconizada mas “ainda assim, estava a surgir uma identidade caracteristicamente europeia, e era possível discerni-la em vários modos de vida.” (*idem*). Judt elabora uma descrição e análise detalhadas de dimensões como a relação entre os europeus e o estado social, a cultura no sentido das artes, a programação televisão europeia, o desporto, etc. Por fim conclui,

“A ilusão de que vivemos num Mundo pós-nacional ou pós-Estado advém do facto de prestarmos demasiada atenção aos processos económicos «globalizados»... e de julgarmos que outros processos igualmente transnacionais poderão estar a decorrer em todas as outras esferas da vida humana (...) vista como um espaço de poder, legitimidade política ou afinidades culturais, a Europa continuava a ser aquilo que há muito era: uma acumulação familiar de partículas estatais distintas” (Judt, 2011: p. 894)

Com menor ou maior otimismo, menor ou maior aspiração, este é o segundo vetor de integração, a partir do quotidiano de todas as outras esferas da vida humana, que no limite interpretativo se traduz no quotidiano dos europeus. Ora, no rescaldo da crise financeira iniciada em 2008, da ainda crise dos refugiados, e do referendo do Brexit no Reino Unido, e num momento em que na Europa se debate tanto a integração como a desintegração, fará todo o sentido explorar, exatamente, parte dos processos transnacionais no quotidiano dos europeus. Mas, primeiro, é fundamental alcançar uma pergunta de partida e enquadrar os objetivos no campo sociológico. Segundo Deutsch (1978) uma das condições

básicas de integração de diferentes unidades políticas é um certo grau de identidade comum ou lealdade, generalizadas, e outra é a compatibilidade entre valores. Chegamos então à questão da identidade. Por outro lado, os desenvolvimentos e o acesso generalizado no sector dos transportes, assim como o projeto da UE, permitiram, como nunca antes na história, uma mobilidade transnacional intraeuropeia. A abertura das fronteiras político-administrativas permite, hoje, trabalhar, estudar, viajar, ou simplesmente viver num outro país da UE. É neste cenário que, ao nível das relações pessoais, um dos indicadores de integração de comunidades migrantes no país de acolhimento são as uniões matrimoniais com indivíduos do país recetor. Poder-se-á, analogamente, como ponto de partida, indagar em que sentido as uniões matrimoniais intraeuropeias se relacionam com a integração europeia. E, poderão os casais binacionais intraeuropeus constituir-se como uma categoria social específica no estudo da identidade europeia? Considera-se então que as relações íntimas binacionais intraeuropeias, são uma dimensão que, além de permitirem avaliar o grau de integração europeia, constituem uma das fronteiras na emergência de uma identidade europeia, a fronteira da intimidade.

O objetivo de pesquisa é, então, o de efetuar um estudo exploratório, que surta pistas condutoras de uma resposta à seguinte questão: *qual a associação entre o envolvimento numa relação íntima binacional intraeuropeia e identidade europeia?* Implicitamente esta questão dita uma outra: *quais as dimensões na conjugalidade, e nas relações familiares, que se relacionam com um sentimento de pertença europeu?* A primeira questão reporta-se aos indivíduos em particular, e a segunda questão mais às contingências da relação íntima binacional implicadas no sentimento de pertença europeu. Esclarece-se que o objetivo da investigação não é caracterizar um perfil de conjugalidade, antes se pretende avaliar a associação entre um sentimento de pertença europeu e o envolvimento, e a vida na conjugalidade, com um(a) parceiro(a) de outro país europeu. Não se exclui, contudo, a pertinência em obter pistas para o desenvolvimento de futuras pesquisas para a caracterização de perfis na conjugalidade.

No capítulo 1 desenvolvem-se as bases teóricas, primeiro da temática da identidade europeia e, segundo, da conjugalidade e família no contexto europeu, definindo-se as principais dimensões a investigar e a sua operacionalização. No capítulo 2 procede-se à objetivação do universo e à descrição dos métodos e técnicas de pesquisa. Optou-se pela utilização de métodos mistos, recorrendo-se a métodos extensivos e intensivos. No capítulo 3 desenvolve-se a análise dos dados e do conteúdo relativamente às entrevistas realizadas. Primeiramente, a análise quantitativa, a um nível macro, contextualiza o espaço estrutural de identidade europeia. Em segundo, procede-se à análise das entrevistas efetuadas a 36 indivíduos envolvidos numa relação íntima binacional intraeuropeia, averiguando as suas trajetórias de vida até ao início da atual relação conjugal, as suas experiências transnacionais, a sua vida na conjugalidade e quais as suas especificidades com o espaço de vida europeu e o espaço de identidade europeia. O produto final é a proposta de uma tipologia que caracteriza os indivíduos envolvidos numa relação íntima binacional intraeuropeia em relação à identidade europeia. O capítulo 4 constitui-se de uma súpula onde são expostas as principais ideias, conclusões e recomendações da investigação.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E EMPÍRICO

Com o objetivo de estruturar o projeto de pesquisa, neste capítulo procede-se à construção do objeto estudo de forma a definir um modelo de análise articulado, uma amostra estruturada e a optar pela metodologia adequada, sem negligenciar que a sua referenciação não é desvinculada das possibilidades de mobilização da amostra assim como da metodologia e das técnicas de pesquisa.

1.1 Identidade europeia

O debate sobre uma identidade europeia apresenta tanto defensores de uma identidade étnico-cultural como de uma identidade cívica. A primeira baseada na ideia de identidade cultural e/ou numa ascendência comum, e a segunda firmada em direitos de cidadania e, por exemplo, no “patriotismo constitucional” proposto por Habermas, o qual permite contornar o argumento da multiculturalidade europeia (Citrin e Sides, 2004; Silva, 2004). Mas serão as duas perspectivas exclusivas? Se se considerar que o reconhecimento de pertença, ou proximidade étnico-cultural, pode impelir uma maior cooperação política a jusante, ou que uma união política pode também conduzir a uma maior interação intercultural que à *posteriori* consubstancie um conjunto de valores e normas comuns, poder-se-á sugerir que não se pode excluir uma relação de duplo sentido.

É nesta perspectiva que a teoria transacional de Deutsch (1963; 1966; 1978) propõe que o sentimento de pertença^{1 e 2} num espaço transnacional, emerge gradualmente pelo efeito de transações económicas, políticas e sociais. A proposta baseia-se na teoria da comunicação, pois, para o autor, a coesão das sociedades pode ser avaliada objetivamente pela capacidade de transmitir a informação eficazmente. Assim, uma comunidade étnica ou cultural pode ser uma rede de canais de comunicação e um estado, ou sistema político, uma rede de canais e de controlo de comando (Deutsch, 1963). O alicerce de uma identidade supranacional estará fundada na divisão social do trabalho, logo, se bem que as sociedades estão separadas por descontinuidades (territoriais, linguísticas, políticas, etc) juntas podem formar uma *Great Society* (Deutsch, 1966). A teoria de Deutsch possui o mérito de viabilizar a concomitância entre as perspectivas étnico-cultural e cívico-política por intermédio da objetivação das possibilidades, e da eficácia, de transmissão de informação. O aumento de interações, em frequência e em intensidade, repercutir-se-á no fortalecimento dos laços sociais e afetivos, que mais tarde consubstanciará a criação de instituições políticas comuns. Então, falamos de “europeização³ horizontal” quando as transações são realizadas no cenário de relações pessoais e categoriais, logo, a

¹ Weber (1978) caracteriza as relações sociais situadas variavelmente entre dois pólos tipo, a relação comunal, baseada no afeto e tradição, e a relação associativa, baseada na racionalidade e interesse. O sentimento subjetivo (e de auto-reconhecimento) de pertença, a uma nação e à família, fundam-se mais na relação comunal.

² O sentimento de pertença substantiva-se por um conjunto organizado de crenças, representações, normas e práticas comuns que geram solidariedade social entre os membros do grupo.

³ Alerta-se para a distinção entre os termos identidade europeia e europeização. O segundo caracteriza-se por “*a variety of cross-border interactions between European countries in terms of communication, the exchange of ideas and meanings, collective mobilisation across borders as well as cross border mobility and networks*” (Mau e Mewes, 2012:10)

partir do contexto europeu transnacional de mobilidade e comunicação. Este conjunto de interações e trocas a nível interpessoal é tão relevante quanto a denominada “europeização vertical”, proporcionada pelas instituições supranacionais europeias (Mau e Mewes, 2012), uma perspetiva focada nos processos políticos e administrativos. É importante esclarecer que, sociologicamente, a teoria de Deutsch funda no funcionalismo parsoniano. Por exemplo, “na maioria dos países, a função de integração é exercida basicamente por seus setores culturais e educacionais” (Deutsch, 1978). Mas uma das vantagens apontadas à teoria transnacional é a sua flexibilidade de operacionalização. Assim, são os indivíduos mais escolarizados, mais qualificados, os empresários, dirigentes e gestores, os homens, os grupos etários mais novos, e as classes sociais com capitais superiores que apresentam maiores percentagens de interações transnacionais, tais como viajar para um outro país europeu ou socializar com indivíduos de outras nacionalidades europeias, indicando a relevância da posse de recursos e, eventualmente, de disposições latentes para a realização de interações a nível transnacional. Logo, subsistem fatores de composição social que influenciam um sentimento de pertença europeu, pois as categorias sociais anteriores revelam maior propensão a identificarem-se como europeus, e a disporem de sentimentos e representações de caráter positivo (Fligstein, 2008; Comissão Europeia, 2015). Mas, em geral, a composição social em cada país europeu explica menos o número de interações transnacionais europeias do que as variáveis do contexto macrossocial, tais como o PIB *per capita*, o IDH, os anos de aderência à UE, o índice de globalização económica, entre outras (Mau e Mewes, 2012). Poder-se-á, então, afirmar que os processos que contribuem para a emergência ou o bloqueio de uma identidade europeia manifestam-se não só nos contextos de composição social nacionais mas também no contexto do espaço de desigualdades (Costa *et. al.*, 2015; Mauritti, *et. al.*, 2016) e do espaço de diferenças transnacional europeu (Fligstein, 2008; Mau e Mewes, 2012). Aliás, os espaços de desigualdades e de diferenças materializam-se, por exemplo, na estruturação de um espaço de mobilidade de alunos Erasmus (Mol e Ekamper, 2015). É pois relevante interligar a estrutura macrossocial europeia ao conjunto de interações dos agentes. Mas se por um lado os fatores transnacionais explicam um sentimento de pertença europeu, e se a possibilidade da realização dessas interações é explicada pelas propriedades sociais dos agentes, impõe-se uma questão: será que também as propriedades sociais dos agentes têm poder explicativo direto de uma identidade coletiva europeia? Não se nega que as interações transnacionais contribuem para a emergência de uma identidade europeia, mas não se pode excluir, à partida, que as interações não sejam também um efeito da disposição dos indivíduos. Por outras palavras, deve-se colocar como hipótese que as sociabilidades e as viagens são mais frequentes e intensas por existir *à priori* o sentimento de pertença, mesmo que latente. Por que não considerar que em certos cenários é o capital cultural que mais explica um sentimento de pertença? Por que não considerar que as interações são por vezes fator moderador? Estudos que recorreram aos alunos do programa Erasmus demonstraram que em países recetores como a Itália os alunos apresentaram valores de identificação europeia significativamente superiores após participação no programa (Jacobone e Moro, 2015), enquanto os alunos que realizaram o programa na

Inglaterra revelaram um decréscimo (Sigalas, 2010). Adicionalmente, os alunos Erasmus já apresentavam antecedentes interacionais a nível transnacional, tais como viajar, viver no estrangeiro, e falar mais línguas estrangeiras que os alunos não Erasmus (Sigalas, 2010). Este ponto evidencia a importância dos contextos locais no sentimento de pertença europeu, pois a Inglaterra é um país tradicionalmente eurocéptico enquanto a Itália é um país fundador da UE. De facto, outros estudos apontam que o efeito das interações no sentimento de pertença europeu é o dobro em indivíduos pouco escolarizados comparativamente aos mais escolarizados e que interações transnacionais e educação escolar são duas vias para o mesmo fim (Kuhn, 2012).

A identidade europeia não se desassocia assim da macroestrutura social nem das condições estruturais de existência, incluindo o capital – conjunto de recursos que representam riqueza e poder social e passíveis de troca – económico, social e cultural, herdados ou adquiridos (Bourdieu, 1998). O capital económico corresponde ao conjunto de rendimentos ou poupanças e o capital social ao conjunto de contatos e redes sociais. O capital cultural serão os recursos em três estados (Casanova, 1995): 1) o objetivado, caracterizando-se como o conjunto materializável de recursos culturais; 2) o institucionalizado, atribuído ao reconhecimento social de qualificações; e 3) o incorporado, como o conjunto de conhecimentos e representações adquiridos por socialização. Portanto, a identidade europeia é um fenómeno multidimensional, articulando recursos e representações, o que estabelece a primeira hipótese de trabalho: o espaço de identidade europeia é um espaço estrutural.

1.1.1 A Europa, as suas representações, e os processos de carácter discursivo e interpretativo

É no próprio contexto local (político, cultural, económico e institucional) que as narrativas sobre a Europa se constroem e substantivam (Scalise, 2015). As instituições sociais e os contextos locais são fatores intermediários da conceptualização das representações sobre a Europa, e estas não se destituem dos contextos e instituições locais, regionais, nacionais e transnacionais, concebendo-se a partir da articulação de narrativas multinível. Existem três conjuntos de variáveis determinantes que influenciam a maior abertura ou fechamento em relação à Europa (Scalise, 2015: p. 605): 1) a distribuição do capital social, económico e cultural, e experiências internacionais; 2) exposição aos meios de comunicação social, redes transnacionais e participação na esfera pública europeia e em organizações da sociedade civil; 3) o papel intermediário das instituições nos contextos locais. As clivagens nos discursos não se mapeiam unicamente pelas propriedades dos agentes mas também por divisões territoriais, consoante existam, ou não, localmente instituições europeias, o que em certa medida se pode considerar uma forma de exclusão. Então, se as condições de existência objetivas são determinantes dos valores, práticas e representações, relativamente à Europa, deve considerar-se as origens sociais dos indivíduos para se compreender os sistemas de disposições incorporadas, o *habitus* (Bourdieu, 2007; 1989), mas também as suas trajetórias sociais. Mas poder-se-á ignorar a capacidade dos indivíduos refletirem e agirem pró-ativamente sobre si próprios (Casanova, 2004)? De acordo com Archer (2003a; 2003b *apud* Caetano, 2011), a reflexividade poderá ser um mecanismo mediador entre

estrutura e agência, e a ação o resultado dos processos, em medida variável, reflexivos e disposicionalistas. Esta perspetiva coloca a hipótese de a identidade europeia também emergir diretamente a partir de processos reflexivos, baseados em “elementos racionais, utilitaristas, interpretativos e estratégicos” (Caetano, 2011; p. 160), e não só a partir de disposições incorporadas, ou do conjunto de interações transnacionais (e indiretamente pela reflexividade?). O sentimento de pertença poderá deste modo incluir processos tanto a nível do inconsciente e consciente do indivíduo. Citrin e Sides (2004) propuseram que na UE tanto existe um apoio “utilitarista”, baseado na aceitação de integração de políticas económicas e diplomáticas, e outro “afetivo”, mais baseado na aceitação da integração de políticas culturais e educativas comuns, e que o primeiro seria dominante. A dualidade utilitarismo-afetividade, ecoando em certa medida o referencial weberiano, tem desde então marcado parte do debate de uma identidade europeia, mas com um *handicap*: poucos estudos desarticulam os conceitos de UE e Europa e, maioritariamente, os indicadores utilizados referem-se ao conceito de UE e não de Europa. É natural, então, que se verifique prevalência de uma identidade utilitarista, colocando-se a questão: será correto proceder à análise das representações quando não se distinguem os conceitos de Europa e UE? Não se pode ignorar que ao adoptar-se uma perspetiva transaccional, mesmo que parcial, e discursiva, sobre a identidade europeia que, além do espaço definido pelos membros da UE, existem relações económicas, políticas e sociais privilegiadas com outros países europeus, tais como a Suíça, a Noruega, a Islândia, que aderiram ao espaço Schengen. O nível médio de um sentimento de pertença europeu não é menor na Noruega, Suíça (Joye, Schöbi, e Green, 2010) e Islândia (Comissão Europeia, 2015) do que em países da UE. Para um estudo ao nível horizontal é fundamental incluir todos os cidadãos que podem exercer opções de vida no espaço de livre circulação. Adicionalmente, alguns países ambicionam aderir à UE, e outros ponderam sair ou dela decidiram sair recentemente, como registado pelo referendo de 23 de Junho de 2016 no Reino Unido. Será interessante compreender como se aproximam e distanciam as representações entre Europa e UE e a sua dialética, o que estabelece a segunda hipótese de trabalho: transaccionalmente o sentimento de pertença europeu pode emergir em igual medida no conjunto de países de livre circulação.

1.1.2 O nível de análise e os processos de carácter relacional

Na modernidade, a institucionalização do indivíduo como entidade autónoma nos planos normativo e valorativo e como entidade consciente da respetiva autonomia e singularidade não implicou erosão de laços coletivos nem perda de consciência coletiva. O que se observou foi o desenvolvimento de novos tipos de pertenças coletivas, ou seja, novas combinações dessas pertenças (Simmel, 1923; Pires, 2012). Também não se observou a perda de consciência coletiva porque o que se regista é o desenvolvimento de sistemas de valores abstratos e gerais, capazes de abranger uma maior heterogeneidade de indivíduos não se limitando, portanto, a laços locais e comunitários (Giddens, 2000). De facto, no campo da Psicologia Social, a conceptualização da identidade comparativa, útil no estudo de estados plurinacionais como o Reino Unido e a Espanha, demonstrou a inclusividade entre identidades

nacionais e supranacionais, ou seja, a sua relação vertical (Huici, Gómes, e Bustilhos, 2010), tratando-se da pertença a um conjunto de círculos concêntricos (Simmel, 1923), portanto, a pertença a diferentes níveis de relação vertical e não antagônicos.

Os processos de construção de identidades coletivas são tanto relacionais como culturais, envolvendo dimensões simbólicas, afetivas e valorativas, mas também a relação entre o “nós” e os “outros” (Costa, 2008), ou seja, dimensões de autorrepresentação e heterorrepresentação dos agentes e baseados na partilha de atributos identitários (Pires, 2003). Merton (1970) propôs a concetualização de grupos de referência (o próprio grupo de pertença - o endogrupo - ou um grupo exterior, o exogrupo) para teorizar o processo que molda as atitudes, avaliações e comportamentos próprios, demonstrando que os sistemas de referência são moldados pela estrutura social. Neste sentido, Whelan e Maître (2009) verificaram, a respeito de fatores como o rendimento, a privação material e as dificuldades económicas familiares, o predomínio da mobilização de grupos de referência a nível dos contextos nacionais em detrimento do nível transnacional europeu, não obstante o último também se revelar importante. Mas como se processará a mesma referenciação de um ponto de vista transversal à sociedade, *i.e.*, por categorias sociais? E que dimensões (políticas, económicas, geográficas, culturais, etc) de referência são mobilizadas na efetivação de uma identidade coletiva supranacional europeia?

Quanto aos mecanismos inerentes, Delhey e outros (2014) propuseram que o nível de europeização deve ser estudado em termos de europeização absoluta e relativa, comparativamente ao nível nacional, (*National Openness*) e ao nível mundial (*European Closure*). Objetivamente, as práticas assumem uma saliência nacional, e os valores saliência próxima a nível europeu e mundial. É expetável que indivíduos em relações conjugais binacionais intraeuropeias apresentem valores “máximos” de *National Openness* a nível das práticas, restando avaliar se se traduz num sentimento de pertença europeu, pois a europeização definida em termos de interações transnacionais, pode ser um dos caminhos para uma identidade coletiva europeia. Estabelece-se então a seguinte hipótese de trabalho: a identidade europeia apresenta associação com os sentimentos de pertença nacional e ao Mundo

1.1.3 Casos de estudo envolvendo relações íntimas binacionais intraeuropeias

A supressão de fronteiras internas na UE e países aderentes a Schengen proporcionou o surgimento de novos padrões migratórios, gerando migrações não só por motivos económicos mas por indivíduos de elevadas qualificações, de estudantes, de mulheres independentes, distintos dos casos de estudo anteriormente realizados no âmbito do contributo das relações conjugais para a integração e coesão social (Koelet, e de Valk, 2014). Estarão estes novos padrões migratórios a contribuir para um sentimento de solidariedade entre europeus? E para a emergência de uma identidade coletiva europeia? Se bem que estudos preliminares (Mol, 2015; de Valk, e Medrano, 2014) apontem para que o envolvimento numa relação conjugal binacional não aumente o sentimento de solidariedade transnacional, constata-se que o mesmo envolvimento explica, em parte, a autoidentificação como europeu, pelo menos nos cônjuges que vivem fora do seu país (Mol, 2015; Schroedter, Rössel, e

Datler, 2015). Na verdade, os migrantes europeus, tem maiores possibilidades, estatisticamente significativas, de se autoidentificarem como europeus (Kuhn, 2012). Adicionalmente, constatou-se a saliência da identidade europeia em comparação à identidade de primeira cidadania para cidadãos da UE a residir na Suíça (Schroedter, Rössel, e Datler, 2015). Se a saliência é resultado da relação conjugal, se se deve ao facto de serem cidadãos da UE a residirem num país não pertencente à UE, ou simplesmente a viver noutro país, ou ainda se a propensão a escolher um parceiro de uma outra nacionalidade se deve a essa própria saliência, é uma questão em aberto⁴, para a qual se tentará com este estudo obter pistas qualitativas de resposta. E poderá a saliência ser interpretada no sentido de a identidade europeia constituir-se mais como uma questão de interesses, pois estes indivíduos beneficiam de oportunidades de trabalho e educacionais (*idem*)? Esta hipótese explicaria, em parte, por que não se registou, ainda, uma relação significativa com o sentimento de solidariedade transnacional, verificando-se, eventualmente, mais uma relação associativa do que uma relação comunal do ponto de vista weberiano. Mas, no sentido em que a solidariedade revela coesão e o nosso grau de vinculação perante os outros, e que, “onde ela é forte, inclina fortemente os homens uns para os outros, põe-nos frequentemente em contacto” (Durkheim, 1893: 319), colocará, a sua ausência, em causa a integração ou uma identidade coletiva europeia? Para Schroedter e outros (2015) o foco no conjunto de relações transnacionais intraeuropeias (*e.g.*, o envolvimento em relações íntimas, falar outra língua, redes de sociabilidade, etc) como variável explicativa da identidade europeia está, possivelmente, sobrestimado em detrimento do indivíduo ser ou não cidadão da UE, e das representações sobre a Europa, pelo que é importante aprofundar o estudo destas representações e averiguar os percursos de vida. As representações diferem entre suíços, que receiam a perda de identidade nacional, e os cidadãos da UE, que enfatizam as dimensões geográfica, política e valores igualitários.

O padrão da evolução do número de casamentos binacionais no espaço europeu não revela acréscimos, em proporção (Koelet, e de Valk, 2014; Schroedter, e Rössel, 2014; Haandrikman, 2014; Wissen, e Heering, 2014; Medrano *et. al.*, 2014). Os casamentos são mais frequentes em zonas fronteiriças, com cidadãos de países vizinhos, de cultura próxima, língua similar, e aparentam estar mais associados com os ciclos e padrões migratórios. Pelo contrário, a proporção de casamentos entre europeus e outras nacionalidades não europeias aumentou, colocando-se a hipótese de alguma bibliografia sobrestimar o efeito dos casamentos intraeuropeus na integração europeia. Por exemplo, em Espanha os casamentos binacionais são menos comuns em indivíduos com elevados níveis de escolaridade do que entre espanhóis e indivíduos da América Latina⁵ (Medrano *et..al.*, 2014). Os espanhóis qualificados tendem a casar-se com indivíduos da UE15, e os menos qualificados com indivíduos dos países do leste, que aderiram recentemente à UE, e cuja migração é de baixas

⁴ 6% dos europeus revêm-se primeiro como europeus e em segundo como nacionais (Comissão Europeia, 2015), logo, os indivíduos em uniões conjugais binacionais poderão constituir uma categoria significativa neste grupo.

⁵ Ressalva-se que muitos dos casamentos formalizados nestas circunstâncias podem sê-lo por razões pragmáticas e instrumentais, procurando assegurar direitos de cidadania adquiridos através do matrimónio formal.

qualificações. Logo, os casamentos binacionais não distinguem nacionalidades, apesar de existirem hierarquias de *status* dos países no mercado das uniões. Algumas nacionalidades, mesmo europeias, são conotadas com maior ou menor prestígio simbólico que outras, algumas até estigmatizadas (Djurdjevic, 2013; Gaspar, 2008), o que poderá ser analisado, em parte, recorrendo ao conceito de estratégias matrimoniais de Bourdieu (1998). O autor acentuou o constrangimento imposto pela estrutura social, o que o levou a propor conceitos como a reprodução social (Bourdieu, 2007; 1998) fundadas em estratégias de reprodução, entre as quais as estratégias matrimoniais, de fecundidade, de herança, económicas e educativas, para a perpetuação do seu “ser social”, ou seja, a manutenção do seu capital (Bourdieu, 1998:19). Ressalva-se que os dados anteriores referem-se a casamentos e que, o facto de indivíduos qualificados optarem cada vez mais pela informalidade na conjugalidade pode distorcer a análise precedente. Tanto mais que, a taxa de coabitação é superior em casais binacionais do que em casais nativos, pelo menos nos Países Baixos (Wissen e Heerring, 2013). Apesar do decréscimo do casamento formal, verificam-se novos modos de a conjugalidade se manifestar, alterando-se de uma modalidade baseada estritamente em interesses e estratégias de reprodução e sobrevivência familiar, para modalidades também baseadas na construção de uma relação amorosa, incluindo o percurso individual e a autodeterminação do *self* (Aboim, 2006). Este ponto elucida que o conjunto de nacionalidades a incluir neste estudo deve limitar-se a países do espaço Schengen, onde os cônjuges estão em igualdade de direitos, pois incluindo países europeus não aderentes a Schengen aspectos de ordem instrumental poderiam determinar parte das estratégias individuais e familiares.

Para Giddens (2001) a relação pura baseia-se no interior do casal, consubstanciando-se na negociação permanente e no compromisso. É um projeto de relações elegidas, de igualdade de género, fundada na partilha e na intimidade. Será este o expoente máximo do casal moderno?

Em suma, a escolha de um parceiro não nacional é um fenómeno social, influenciado por múltiplos fatores entre os quais o país de origem, o sexo, a idade, a escolaridade, a profissão, o rendimento, as origens sociais, etc. A próxima seção aprofunda a temática da conjugalidade.

1.2 Atitudes, valores e práticas na conjugalidade nos contextos estrutural e social europeu

O primeiro momento de vida a dois corresponde à *entrada na conjugalidade*, o que para parceiros de nacionalidades diferentes poderá implicar a escolha do país de residência. Os países nórdicos e do centro apresentam atitudes e valores mais modernistas e os do sul e do leste mais tradicionalistas, por exemplo, os primeiros expõem percentagens de coabitação superiores (Torres, Mendes, e Lapa, 2006). Por outro lado, a escolha do país de residência não é desestruturada (Gaspar, 2012), dependendo, por exemplo, da idade, do sexo, do capital (social, económico e cultural). Indivíduos mais qualificados e mais novos adotam estratégias de auto-realização educacional e profissional mas também de estilos de vida alternativos e de amor, enquanto os reformados buscam melhor qualidade de vida.

Em segundo lugar, a entrada na conjugalidade implicará uma norma de *divisão das tarefas domésticas* que definirá a *coesão interna* do casal. A coesão é fusional se os cônjuges efetuarem as tarefas em

conjunto, é autónoma se as efetuarem separadamente, e caracteriza-se por uma autonomia relativa no caso de combinar fusão e autonomia (Aboim, 2006). Quanto maior a escolaridade e a posição na hierarquia socioprofissional maior a tendência para se adotar uma atitude moderna (igualdade na divisão das tarefas domésticas e na realização de um trabalho profissional pago), em detrimento da tradicional (homem ganha-pão e mulher doméstica) (Wall, 2007). Esta relação é mesmo mais intensa do que com o sexo e a idade (*idem*). De facto, Gaspar (2010) ao estudar casais binacionais europeus de elevados capitais económicos, culturais e sociais verificou uma divisão relativamente igualitária das tarefas domésticas. Coloca-se então a seguinte hipótese de trabalho: estes casais apresentam um perfil moderno diferenciando-se pouco por nacionalidades. Mas, além de se considerar o nível de interação conjugal poder-se-á também considerar a família envolvida num sistema social mais amplo, de relações com a restante organização social e com o próprio estado, colocando-se a seguinte questão: o que caracteriza a relação dos casais binacionais europeus com o espaço macrosocial europeu, assim como, com os espaços e contextos locais? Do prisma parsoniano o estrutural-funcionalismo integra as interações familiares e as relações do sistema familiar com a estrutura social. Parsons propôs a importância da família nuclear no enquadramento dos processos de diferenciação da modernidade e, portanto, a sua especialização numa nova relação com a estrutura social (Parsons e Bales; 1955). A sociedade estará mais dependente da família nuclear em certas funções vitais, tais como a transmissão da cultura pela socialização primária e a estabilização da personalidade do adulto (Parsons e Bales, 1955; Parsons, 1970). Como unidade, a família moderna já não é uma agência muito importante na integração direta na sociedade pois os seus membros individuais participam nestas funções como indivíduos e não como membros da família. O isolamento da família nuclear ocasionaria o enfraquecimento dos laços entre a família de procriação e a família de orientação. Apesar da argumentação parsoniana sobre a disfuncionalidade da família em caso de rutura dos papéis, o seu mérito radica na análise do subsistema familiar, diferenciado, no âmbito alargado do sistema social, admitindo a presença de fatores tanto afetivos como instrumentais a pender nas decisões familiares, sendo a estrutura familiar basilar na manutenção dos sistemas sociais.

Quanto à *integração externa* do casal, objetivamente, esta mede-se pelas *práticas de sociabilidade externas* (frequência, volume e diversidade) caracterizando-se por uma menor ou maior abertura face ao exterior (Aboim, 2006), podendo as atividades ser realizadas de forma mais autónoma ou fusional⁶. A integração na sociedade é facilitada pela presença de um cônjuge nativo, auxiliando a integração do migrante em redes amicais e familiares, o denominado *bridging social capital* (Putman, 2000). Assim,

⁶ Uma caracterização detalhada distingue e combina as práticas domésticas e as lúdicas (Aboim, 2006). Assim, a fusão classifica-se em: 1) expressiva, se apenas se verificar na vertente lúdica; 2) instrumental, se apenas se verificar na vertente doméstica; 3) expressiva e instrumental, se se verificar em ambas as vertentes. As práticas são polivalentes se combinarem autonomia e fusão. Estas são polivalentes expressivas se apenas as atividades lúdicas forem realizadas ora autonomamente ora em conjunto, e são polivalentes expressivas e instrumentais se as atividades forem realizadas autonomamente e em conjunto tanto no foro doméstico como no lúdico.

devem-se diferenciar os casais que vivem no país de um dos cônjuges dos casais que vivem num terceiro país. Mol e Valk (2014) reportam que, em geral, nos Países Baixos, os níveis de satisfação com a relação binacional são superiores nos migrantes comparativamente aos nativos. Contudo, na presença de redes de apoio a satisfação com a relação tende a aumentar, demonstrando a importância da família, mesmo nas sociedades mais modernas e individualizadas.

A presença de *filhos* implicará uma menor satisfação com a relação dos casais binacionais em relação aos casais nacionais, o que se poderá explicar pelo choque entre diferentes atitudes, práticas e valores (Mol, e Valk, 2015). Porém, a menor satisfação encontra-se nos indivíduos nativos, pois estes, eventualmente, comparam as suas práticas com outros casais nacionais, e/ou, reconhecem certa (des)apreciação dos seus amigos e familiares relativamente ao desvio das práticas e normas locais. Estes motivos explicariam por que o cônjuge não estaria tão insatisfeito, indicando a importância do contexto social mais próximo. Mas existirá alguma relação entre a educação dos filhos e a identidade europeia? Do ponto de vista identitário, ser descendente de uma relação binacional europeia (Schroedter, Rössel, e Datler, 2015), e o nível de identidade europeia dos pais (Quintelier, Verhaegen, e Hooghe, 2014), são estatisticamente significativas para explicar um sentimento de pertença europeu, apresentando os filhos que conversam com as mães valores superiores de identificação. A preocupação dos pais na transmissão da língua materna tende a ser maior entre mãe e filhos e quando as línguas dos progenitores são importantes no contexto global, tais como o inglês, o alemão, o francês e o espanhol (Mol, e de Valk, 2015), revelando estratégias de reprodução social de âmbito instrumental.

Um olhar mais amplo do lugar da família examina a *conciliação entre vida familiar e a vida profissional*. Esta dimensão relaciona-se não só com os valores mas também com as políticas de apoio à família, à natalidade, e medidas de conciliação entre vida familiar e profissional. De facto, os países evidenciam diferentes percentagens de mulheres integradas no mercado trabalho e diferenças significativas a nível do tipo de integração (Guerreiro, Torres e Lobo, 2006; Guerreiro e Carvalho, 2007). Logo, as estratégias familiares adaptam-se à restante organização social. Mas será que as estratégias destes casais têm em consideração a estrutura do espaço europeu a nível de possibilidades de conciliação entre a vida familiar e a vida profissional? E em que medida se relaciona com a escolha do país de residência e com a decisão de terem filhos? De um ponto de vista mais alargado das relações verticais na família é conhecida a identificação de *clusters* de estados-providência (Esping-Anderson, 2003), e de políticas de apoio à família (Brandt, Haberkern, e Szydlik, 2009; Hantrais, 2004). Bourdieu admite a substituição de algumas das funções da família pelo estado, nomeadamente nas relações intergeracionais de filhos adultos e pais idosos, mas assume que “in order for intergenerational exchanges to continue despite everything, the logic of debt as recognition must also intervene and a feeling of obligation or gratitude must be constituted” (Bourdieu, 1998: 109), contrariando o enfraquecimento dos laços entre a família de procriação e a de orientação prevista por Parsons. Na verdade, os apoios e serviços do estado têm consequências nos apoios e cuidados que os filhos asseguram aos pais. Logo, os mecanismos de cuidados e apoio estruturam-se pelas dinâmicas

sociais, individuais e familiares, estabelecendo-se uma dinâmica sistémica entre o nível estatal e o familiar (Brandt, Haberkern, e Szydlik, 2009; Dellgran, Majen, Guerreiro, e Mauritti, 2012). Por exemplo, quanto maior a prestação de cuidados públicos mais os filhos conseguem ajudar e apoiar os pais, o que se verifica nos países nórdicos, enquanto nos países do sul o tempo ocupado pelos filhos a cuidar, e os menores rendimentos, impossibilitam outras ajudas e apoios (Brandt, Haberkern, e Szydlik, 2009). Em que medida as escolhas de vida destes casais são influenciados pelos valores e pelas práticas de apoio aos seus ascendentes? Qual a influência dos valores e atitudes do país de residência e o de nacionalidade do cônjuge serem distintos? Poderá a solidariedade intergeracional familiar contribuir para a emergência de uma solidariedade intraeuropeia?

Em suma, as estratégias na conjugalidade são multifacetadas, de carácter mais ou menos tradicional ou moderno, incrustadas na estrutura social (Therborn, 2004), por conseguinte não alheias às propriedades dos agentes. Os contextos sociais, a organização social e a relação com o estado são igualmente importantes. As escolhas e as trajetórias dos indivíduos não ignoram a estruturação do espaço europeu, sendo necessário interligar as suas características com as motivações e estratégias dos sujeitos, derivando na seguinte questão: em que medida os papéis familiares individuais, tanto a nível interno como externo da família, se envolvem no processo identitário supranacional?

1.3 Modelo de análise

Nesta pesquisa exploram-se as interações transnacionais como meio de promoção de sentimentos de pertença, focando-se as relações entre as condições de vida, o capital, e os valores e práticas dos agentes. As relações serão analisadas à luz da mediação de processos disposicionalistas e reflexivos. Esta abordagem funda na hipótese de que o sentimento de pertença europeu é um processo dinâmico, incrustado não só na estrutura social e nas origens sociais, mas também na capacidade reflexiva e na trajetória e experiências de vida. Se o envolvimento conjugal binacional está a montante, a jusante, ou é concomitante com o recrudescer do sentimento de pertença, é um ponto a desvelar.

O modelo de análise (ver figura A.1 do anexo A) contempla a seguinte organização esquemática, constituída por duas partes:

1) *Caraterização do espaço estrutural de identidade europeia*, comparando indicadores entre países e indicadores sociodemográficos, o que permitirá mapear os agentes na estrutura e elucidar das relações entre o nível de identidade europeia e as propriedades sociais dos agentes, concretamente, a dialética entre interações-reflexividade, permitindo decifrar a ligação com o percurso de vida dos indivíduos.

2) *Estudo qualitativo comparativo de casos*, com base em entrevistas semidiretivas a indivíduos, que abrangem as seguintes etapas: 2.1) avaliação sociodemográfica das origens sociais e trajetória social do indivíduo; 2.2) averiguação das interações transnacionais do indivíduo, e da família do indivíduo; 2.3) análise das representações e expectativas sobre a Europa; e, 2.4) avaliação do percurso e perfil conjugal, em articulação com os planos de vida pessoais e conjugal, no contexto transnacional, averiguando as suas especificidades e associações com a identidade europeia.

2. DELIMITAÇÃO DO OBJETO, MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Visto que um sentimento de pertença europeu depende em parte das propriedades dos agentes e dos constrangimentos estruturais, é essencial delimitar as propriedades dos indivíduos a estudar, o universo. Os critérios pretendem acautelar discrepâncias na fase de vida, nos perfis de conjugalidade, e na posse de capitais, impondo-se igualmente uma certa capacidade reflexiva e, eventualmente, de agência, considerando que esta não se define apenas pela ação individual mas que afeta também outras relações sociais. O objetivo é o de garantir uma pesquisa focada, viabilizando a análise e a interpretação dos resultados. Portanto, o universo caracteriza-se por indivíduos de primeira nacionalidade⁷ de países e a residirem no espaço Schengen, heterossexuais, entre os 25 e os 45 anos e com educação terciária, envolvidos na atual relação há pelo menos um ano e a coabitarem há pelo menos 6 meses. Os seus ascendentes têm de possuir a mesma nacionalidade que o entrevistado.

A primeira parte da pesquisa, seção 3.1, consiste de um enquadramento contextual, recorrendo aos programas SPSS e Excel. Infelizmente as bases de dados existentes de casais binacionais são de acesso restrito pelo que apenas se recorre a bases de dados gerais. Como indicadores de identidade europeia (variáveis dependentes) utilizam-se duas questões regulares dos inquéritos do Eurobarómetro. A primeira é uma questão de autocategorização, “*Como é que se vê?*”, com as seguintes opções de resposta: a) ‘*nacionalidade*’; b) ‘*nacionalidade e europeu*’; c) *europeu e ‘nacionalidade*’; d) *europeu*; e) *nenhuma*. Para medir a percentagem de cidadãos que se autocategorizam como europeus, numa primeira fase, são somadas as respostas b), c) e d), porque, primeiro, o importante é a autocategorização como europeu, independentemente da ordem. A segunda questão mede o sentimento de ligação, “*Em que medida se sente ligado à Europa?*” As hipóteses de respostas são: a) *Muito ligado*; b) *Ligado*; c) *Não muito ligado*; d) *Nada ligado*. Para medir a percentagem de cidadãos que se sentem ligados à Europa são somadas as respostas “Muito ligado” e “Ligado”. Este é um procedimento comum em investigações anteriores. Serão analisados estes dois indicadores segundo o país para os anos de 2007 (Eurobarómetro Especial 278) e 2014 (Eurobarómetros 81.4 e 82.3)⁸

Na seção 3.1.1, procede-se a uma análise bivariada, entre o indicador de autocategorização e uma tipologia de interações transnacionais (variável independente), construída a partir de dados do Eurobarómetro 81.4 de 2014. Usando a questão⁹ QD5, “*Para cada um dos resultados alcançados pela União Europeia diga-me se beneficiou deles ou não*”, criou-se uma tipologia com três tipos de interação:

⁷ Podem ter nascido fora da Europa, desde que tenham iniciado o seu percurso escolar já a residir na Europa.

⁸ Nas edições regulares do Eurobarómetro a questão “Em que medida se sente ligado(a) ...?”, apresenta três alternativas: a) à sua aldeia/vila/cidade? b) ao seu país?; c) à União Europeia? A alternativa ‘à Europa’ foi questionada num Eurobarómetro Especial em 2007 e acrescentada ao Eurobarómetro regular desde 2014. Adicionalmente, esta questão questionou o sentimento de ligação ao Mundo em 2007, que se analisará na seção 3.1.4. Mas tal considera-se viável pois pretende-se sobretudo analisar relações mais do que valores absolutos.

⁹ Apesar de a questão atribuir o benefício da realização de interações à UE, em nada a questão é conflituosa em associar as interações com identidade europeia no sentido de Europa e não de UE

1) sem interações; 2) interações curtas; 3) interações prolongadas (ver quadro A.1 do anexo A). O primeiro tipo de interação, *Sem interações*, corresponde ao grupo de indivíduos que não beneficiaram de nenhum item, ou seja, que não realizaram nenhuma interação das potencializadas pela lista de itens no questionário. O segundo tipo, *Interações curtas*, corresponde ao grupo de indivíduos que beneficiou, pelo menos, de um item que não incluía viver, estudar ou trabalhar noutro país da UE, pois estes itens caracterizam as *Interações prolongadas*. Nota que, quem realizou interações prolongadas poderá também ter realizado interações curtas. O critério de seleção engloba duas dimensões latentes, a duração da estadia e algum, eventual, modo de integração. As interações prolongadas, à partida, exigem uma estadia mais prolongada e algum grau de integração no país de destino, envolvendo uma vivência quotidiana, ao contrário das interações curtas.

Na seção 3.1.2 procede-se à análise bivariada entre a escolaridade (variável independente) e os indicadores de identidade europeia. O Eurobarómetro não questiona diretamente a escolaridade mas questiona em que idade terminou os estudos. As três categorias comumente construídas são: 1) até aos 15 anos; 2) dos 16 aos 19 anos; 3) com 20 ou mais anos, considerando-se uma boa aproximação aos níveis de ensino. Logo, assume-se que os indivíduos no primeiro grupo terão, em termos aproximativos frequentado, o ensino básico, os do segundo grupo o ensino secundário, e os do terceiro grupo o ensino superior. A relevância da análise quantitativa prende-se em otimizar a capacidade de análise de conteúdo, contextualizando a emergência de uma identidade europeia à categoria social com educação superior, e não com as médias nacionais.

Na segunda parte, seção 3.2, procede-se à aplicação de métodos intensivos com a realização de entrevistas *semiestruturadas*. A construção do guião da entrevista (ver anexo B) respeita as etapas da segunda parte do modelo de análise. Foram realizadas 4 entrevistas exploratórias. Além de questões abertas, colocaram-se as duas questões de indicadores de identidade europeia do Eurobarómetro para concluir o guião, solicitando, adicionalmente, ao entrevistado a justificação das suas respostas. A informação recolhida foi tratada pela técnica de análise de conteúdo

No plano da seleção da amostra, os critérios pretendem abranger o máximo de nacionalidades e de países de residência, e incluir casais que vivem no país de um dos parceiros e num terceiro país. O número previsto de entrevistas era de 30, correspondendo a 15 casais. Infelizmente, não foi possível assegurar este procedimento. No total, entre janeiro e julho de 2016, foram entrevistados, individualmente, 36 indivíduos, pois pretende-se analisar cada percurso pessoal, em língua portuguesa ou inglesa. A duração média das entrevistas foi de 60 minutos. Contabilizam-se 16 casais em que ambos os parceiros concordaram participar, mais quatro em que apenas participou a parceira, sendo que 15 casais vivem no país de um dos cônjuges e cinco num terceiro país. A construção da amostra partiu de contactos diretos e indiretos, mas informais, sem sucesso na aplicação do método de bola de neve. Quatro entrevistas foram realizadas pessoalmente e 32 por *skype*. A realização de entrevistas a mais de 15 casais diversificou as nacionalidades presentes na amostra, acrescentando um novo país de residência, ou uma nova combinação entre países dos cônjuges e país de residência.

3. ANÁLISE DE DADOS E DE CONTEÚDO

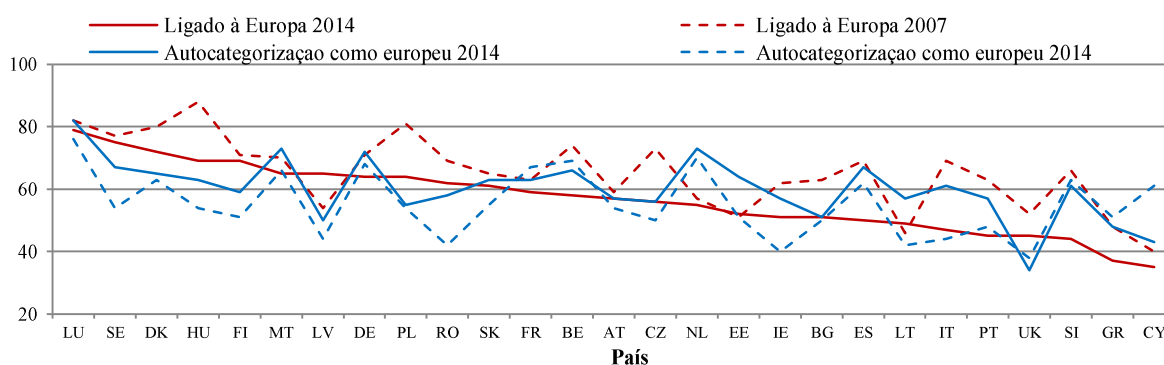
Na primeira seção deste capítulo a análise de dados quantitativos pretende averiguar a estruturação de um espaço de identidade europeia que apoie a análise qualitativa da segunda seção.

3.1 Análise contextual: indicadores de identidade europeia e fatores explicativos

Em 2014 os países nórdicos e os do centro da Europa apresentam percentagens médias de sentimento de ligação à Europa superiores comparativamente aos países do sul. Entre 2007 e 2014, à excepção dos novos membros do Báltico, o sentimento de ligação desceu em todos os países: na Itália e Eslovénia mais de 20%, em Espanha, Hungria, Portugal, Polónia, República Checa e Bélgica entre 15 a 20%, e na Bulgária, Grécia e Irlanda entre 10 e 15%.

Quanto à autocategorização como europeus a ordem dos países altera-se. Os Países Baixos (+11% comparativamente ao sentimento de ligação), Malta e Croácia estão agora no topo, seguindo-se então os países nórdicos. Também os países do sul aumentam a sua representatividade. A figura 3.1 ilustra os valores percentuais por país nos anos de 2007 e 2014.

Figura 3.1 – Sentimento de ligação e autocategorização como europeu segundo o país em 2007 e 2014

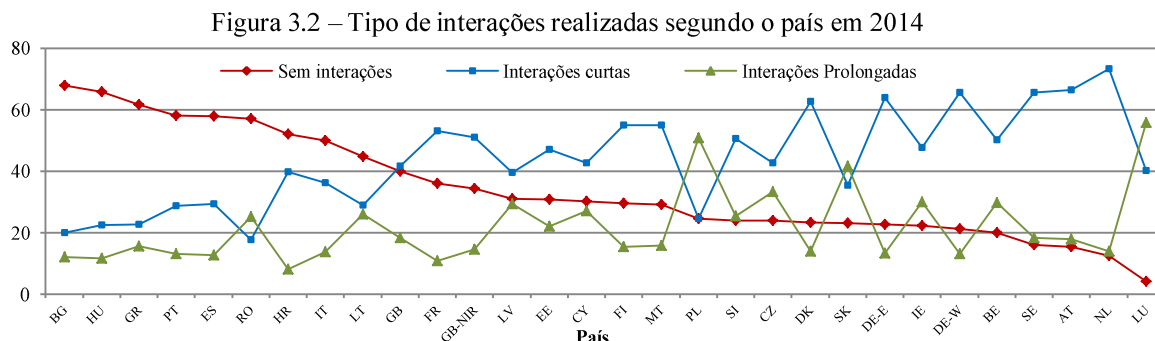


Fonte: Eurobarómetro 67.1 (Comissão Europeia, 2007) e Eurobarómetro 82.3 (Comissão Europeia, 2014a)

Entre 2007 e 2014, em geral, o sentimento de ligação à Europa e a autocategorização como europeu evoluíram em sentido contrário: o primeiro diminuiu e o segundo aumentou. Em 2007 os países apresentavam maiores percentagens de sentimento de ligação do que autocategorização mas em 2014 apenas se verifica a mesma relação para os países com percentagens superiores de sentimento de ligação. Conclui-se que apesar de as variáveis independentes explicativas dos dois indicadores serem usualmente semelhantes o sentido do seu efeito poderá ser contrário, pelo menos em determinados contextos, e/ou existem outras variáveis explicativas distintas. Logo, uma análise estática à relação entre estas duas variáveis dependentes não só é incompleta, como pode dissimular os efeitos diretos e/ou as interações entre as variáveis independentes. A relação entre as duas variáveis dependentes (dicotómicas) é menor em 2007 ($\Phi=0,26$), e é significativa ($\chi(1)=1768,4; p<0,001$), do que em 2014 ($\Phi=0,41$; $\chi(1)=4779,5$; $p<0,001$), verificando-se neste período uma aproximação da opinião dos indivíduos em relação às duas variáveis. Neste sentido, a relação linear entre os valores absolutos das percentagens do sentimento de ligação e de autocategorização, por país, apresenta uma correlação maior em 2014 ($r=0,629$) comparativamente a 2007 ($r=0,334$).

3.1.1 Interações transnacionais: análise descritiva e bivariada

Em 2014 cerca de um terço dos europeus nunca realizou nenhuma interação transnacional, pelo menos desde que os respetivos cidadãos dispõem dos direitos atribuídos pela UE. A figura 3.2 ilustra a distribuição por tipo de interação e por país.



Fonte: produção própria a partir de dados do Eurobarómetro 81.4 (Comissão Europeia, 2014b)

Os países do sul e leste registam maiores percentagens de indivíduos sem interações comparativamente aos do centro e norte. À medida que a percentagem sem interações diminui a percentagem de interações curtas tende a crescer. Poucos países, provavelmente pela tradição migratória, têm percentagens superiores de interações prolongadas do que curtas (Polónia, Eslováquia, Roménia, Irlanda e Luxemburgo). Aproximadamente 43% dos europeus realizaram interações de tipo curto e pouco menos de um quinto realizou interações prolongadas. A relação entre país e tipo de interação é moderada (V de Cramer = 0,313) e significativa ($\chi(58) = 5478,54; p < 0,001$).

Quanto à escolaridade¹⁰, quanto mais instruídos os indivíduos maior a percentagem de interações curtas e prolongadas. No grupo que terminou os estudos até aos 15 anos cerca de dois terços nunca realizou nenhuma interação, contra apenas um quinto nos indivíduos que terminaram a partir dos 20 anos. Os menos escolarizados também realizaram menos interações curtas e prolongadas, cerca de 29% e 11% respetivamente, do que os mais escolarizados, aproximadamente metade e pouco mais de um quarto. A relação entre tipo de interação e a escolaridade é baixa (V de Cramer = 0,20) e significativa ($\chi(12) = 2278,33; p < 0,001$).

Do ponto de vista de alguns determinantes macrossociais testaram-se as relações entre o tipo de interação por país e o IDH (UNPD, 2015) o PIB *per capita* PPS (Paridade do Poder de Compra Padrão), e o coeficiente de Gini dos rendimentos¹¹ (Eurostat, 2016a; 2016b). Quanto maior o IDH e o PIB de um país mais tendem os indivíduos a realizar interações curtas e menos tendem a não realizar interações. A relação entre a percentagem de indivíduos sem interações e o IDH e o PIB é moderada ($r = -0,644$ e $r = -0,654$, respetivamente). Mas a relação da percentagem de indivíduos que realizaram interações curtas é forte com o IDH ($r = 0,746$) e moderada com o PIB ($r = 0,471$). Por outro lado, quanto maior o coeficiente de Gini maior a percentagem de indivíduos no grupo sem interações ($r = 0,617$) e menor a

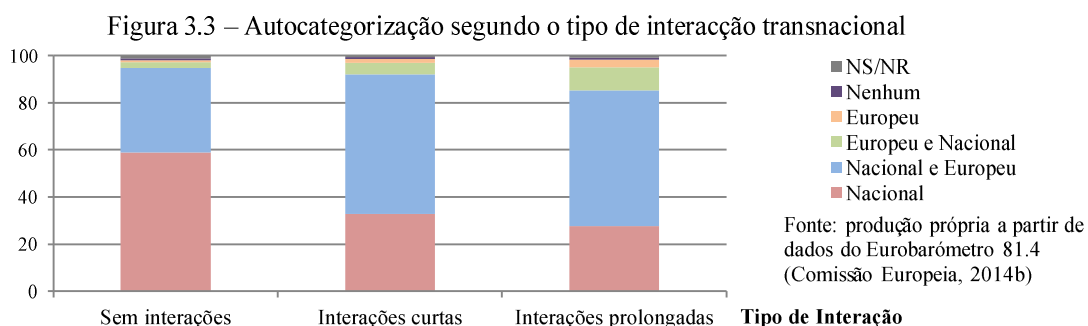
¹⁰ Sendo que apenas se pretende avaliar o efeito da escolaridade e das determinantes por país, a análise descritiva entre as interações transnacionais e outras variáveis microsociais encontra-se no anexo C, seção C.1.

¹¹ Ver quadro C.1 do anexo C seção C.1.

percentagem de indivíduos no grupo de interações curtas ($r=-0,606$), indicando um possível efeito das desigualdades internas. Ou seja, quanto maiores as desigualdades mais indivíduos não realizam interações. Relativamente ao grupo de indivíduos que realizaram interações prolongadas a relação com o IDH e o Gini é muito fraca, e a relação com o PIB é fraca ($r=0,357$), aumentando o número de interações com o aumento do PIB. Assim, os três indicadores macrossociais explicam, em parte, a realização de interações curtas, mas será o PIB que poderá explicar melhor a realização de interações prolongadas (?). Será que o IDH e o coeficiente de Gini incorporam outras dimensões que poderão, eventualmente, colmatar ou impulsionar, respetivamente, o arbítrio de realizar interações prolongadas?

Poderá concluir-se que a realização, ou não, de interações transnacionais apresenta condicionantes microssociais, embora a variável (das analisadas) que demonstra maior efeito direto (sem controlo por outras variáveis) é a do país, o que poderá indicar a importância de fatores geográficos e macrossociais, tais como a localização espacial do país, o nível de desenvolvimento e, eventualmente, fatores culturais. Aliás, a ordem de grandeza da influência do IDH, do PIB e do coeficiente de Gini é superior à das variáveis microssociais, o que está em linha com as conclusões de Mau e Mewes (2011).

A figura 3.3 demonstra a autocategorização como europeu segundo o tipo de interação transnacional. Consta-se que cerca de três quintos dos indivíduos que não efetuaram qualquer tipo de interação autocategorizam-se apenas como nacionais. Pouco mais de um terço autocategoriza-se como nacional e europeu, e menos de 5% como primeiro europeu e em segundo lugar nacional, ou só europeu. No grupo dos indivíduos que realizaram interações curtas as percentagens invertem-se entre os grupos de só nacional e de primeiro nacional e segundo europeu. E a percentagem aumenta para o dobro nos indivíduos que se autocategorizam como primeiro europeu e em segundo nacional, ou só como europeu, num total de 6,4%. Quanto ao grupo que realizou interações prolongadas a percentagem de indivíduos que se autocategorizam apenas como nacional cai para cerca de um quarto. A percentagem que respondeu primeiro nacional e em segundo lugar europeu mantém-se estável, registando-se um novo aumento, para o dobro, dos indivíduos que se autocategorizam primeiro como europeus e em segundo lugar como nacionais (9,8%) ou só como europeus (3,2%).

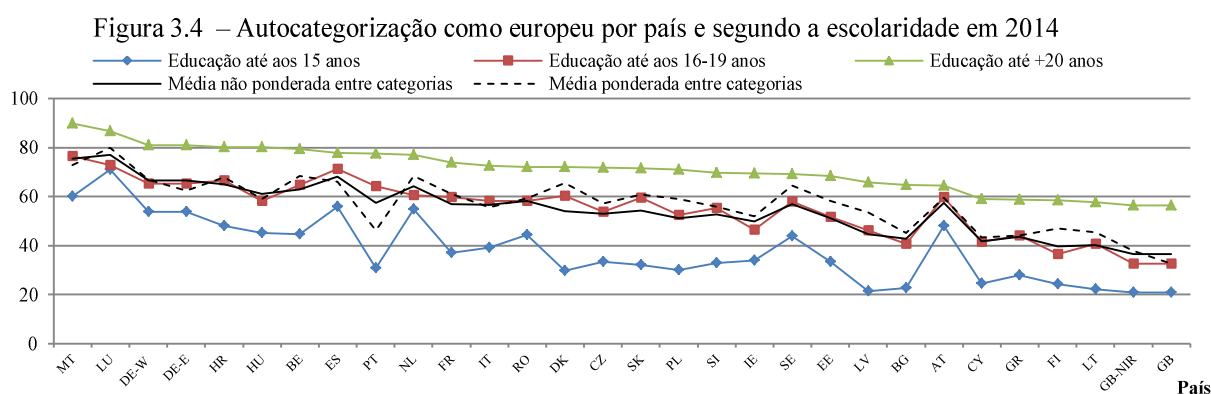


Estes resultados sugerem a hipótese de que a realização de interações transnacionais é relevante na passagem de uma autocategorização de apenas nacional para também europeu, mas que a ordem entre estas duas terá maior possibilidade de inversão no caso da realização de interações prolongadas, o que pode remeter, eventualmente, a sua explicação para os processos de integração. A análise por país

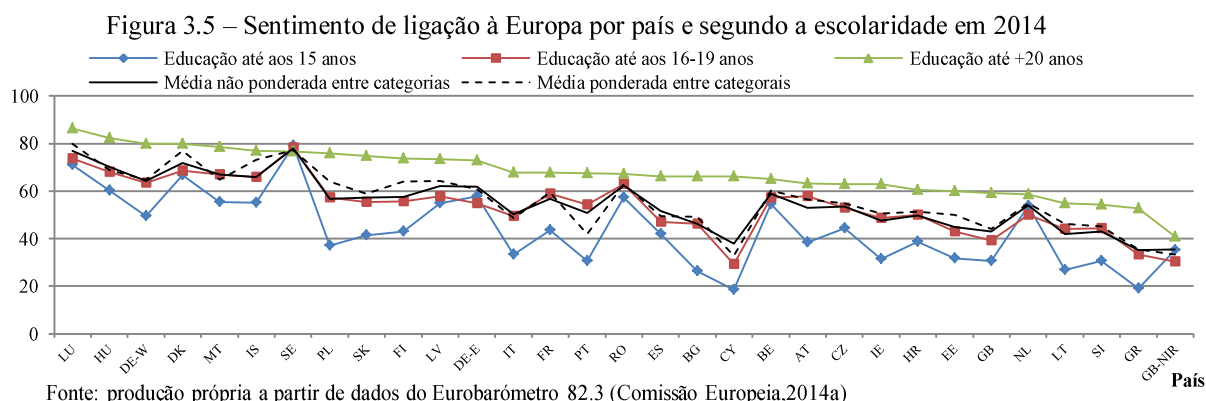
revela que no grupo de interações prolongadas cerca de um quarto dos alemães, croatas e luxemburgueses autocategorizam-se primeiro como europeus ou só como europeus. Seguem-se os austríacos, franceses, espanhóis, italianos e neerlandeses com cerca de um quinto. No global, a relação entre o tipo de interação e a autocategorização é baixa e significativa (V de Cramer = 0,21; $p < 0,001$).

3.1.2 Escolaridade: análise descritiva e bivariada

A autocategorização como europeu difere substancialmente com a escolaridade. A figura 3.4 demonstra que ao contrário das médias nacionais, não são os países nórdicos que revelam maiores percentagens de autocategorização com a Europa.



É possível verificar que a média aritmética entre as três categorias de escolaridade configura-se à tendência da categoria educacional dos 16 aos 19 anos. Este facto poderá indicar que a escolaridade contribui linearmente para o crescimento de um sentimento de ligação. Também é possível verificar que a linha da média ponderada, tendo em conta o peso real de cada categoria em cada país, eleva, ou mantém estável, em média, a autocategorização como europeu em todos os países à exceção de Portugal. Ora, em 2014 Portugal e Malta eram os únicos países com uma percentagem inferior a 50% da população com pelo menos o ensino secundário completado (Eurostat, 2016c). O mesmo exercício foi realizado para o sentimento de ligação à Europa, ver figura 3.5, com conclusões semelhantes.

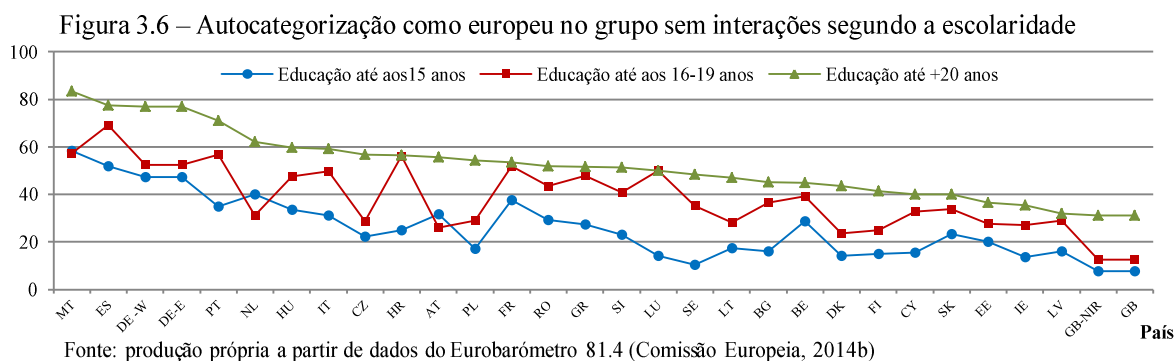


Comparando a diferença em percentagem absoluta das três categorias de educação é verificável que para a autocategorização existe um intervalo relativamente constante entre categorias e que para o sentimento de ligação o intervalo é mais volátil. Então, nuns países as três, ou duas, categorias aproximam-se, e noutros afastam-se. Que relações entre as categorias podem estabelecer-se para

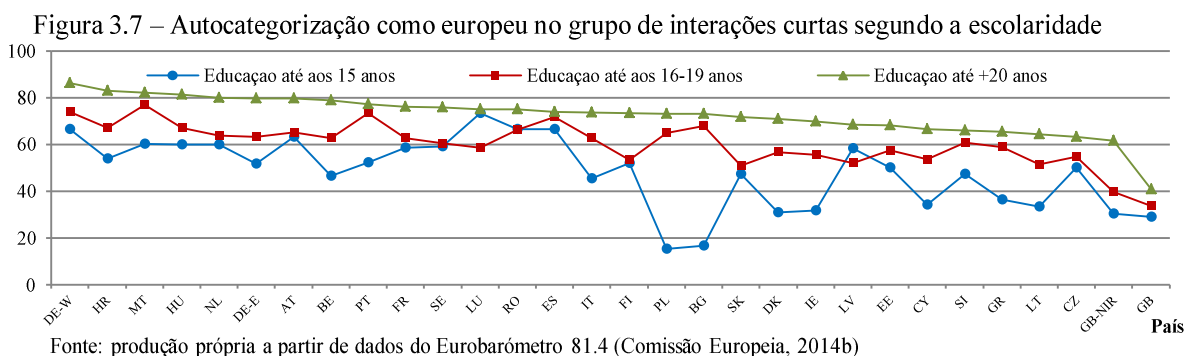
explicar a maior aproximação, ou afastamento, para o sentimento de ligação? Colocam-se duas hipóteses iniciais: a primeira remete para fatores internos dos próprios países, ou seja, para desigualdades internas, e a segunda considera as desigualdades entre os próprios países. Não sendo objetivo deste trabalho averiguar a relação entre as desigualdades sociais e a identidade europeia remete-se para o anexo C, seção C.2, um exercício analítico complementar.

3.1.3 Interações transnacionais e escolaridade: análise trivariada

Pela figura 3.6 verifica-se que nos países do centro e do sul da Europa e no grupo sem interações os indivíduos mais escolarizados autocategorizam-se como europeus em maior proporção.



Mas a figura 3.7 demonstra que a ordem dos países altera-se considerando o grupo de interações curtas, pois nos países nórdicos a autocategorização é superior em mais de 25 pontos percentuais comparativamente a quem não realizou interações nos respetivos países. Nos países do centro e do sul da Europa a diferença é menor e por vezes inexistente como no caso de Espanha, ou reduzida, como no caso de Portugal (+6%), revelando que para a mesma categoria social (escolaridade completada após os 20 anos) o efeito da realização de interações poderá ser distinto consoante o país.



Quanto maior o PIB menor tende a ser a diferença percentual entre as categorias de mais 20 anos e de menos de 15 anos - denomine-se esta diferença de *gap identitário escolar* - no grupo com interações curtas, e a relação é fraca ($r=-0,345$) (ver quadro C.4 do anexo C, seção C.3).

Em termos médios na UE28, ver quadro 3.1, no grupo com interações prolongadas, e que terminaram os estudos após os 20 anos, 80% autocategoriza-se como europeu, contra pouco mais de metade dos indivíduos menos escolarizados. Aliás, cerca de metade dos indivíduos mais escolarizados autocategoriza-se como europeu mesmo que não realize nenhuma interação, valor que os menos escolarizados só alcançam caso realizem algum tipo de interação, curta ou prolongada. Existem alguns

países em que a percentagem de indivíduos mais escolarizados e com a realização de interações prolongadas está acima dos 90%, como a França, Alemanha, Portugal, Malta, Luxemburgo e Croácia. Dos países nórdicos da Dinamarca, Suécia e Finlândia só o último passa a barreira dos 80%.

Quadro 3.1 – Autocategorização por tipo de interação no conjunto da UE28

Educação até aos	Sem interações			Interações curtas			Interações prolongadas		
	15 anos	16-19 anos	+ 20 anos	15 anos	16-19 anos	+ 20 anos	15 anos	16-19 anos	+20 anos
Nacional (%)	70,6	59,9	49,5	48,1	38,4	25,9	45,5	34,3	21,3
Nacional e Europeu (%)	27,4	36,5	46,5	47,4	55,5	67,2	43,8	55,3	64,0
Europeu e Nacional (%)	1,4	2,6	3,4	3,1	4,8	5,5	7,3	7,3	11,3
Europeu (%)	0,6	1,0	0,6	1,4	1,3	1,4	3,4	3,1	3,4

Fonte: produção própria a partir de dados do Eurobarómetro 81.4 (Comissão Europeia, 2014b)

O efeito da interação prolongada aumenta para o dobro o número de indivíduos que se autocategorizam primeiro como europeus, ultrapassando a barreira dos 10% para quem tem mais escolaridade. Para quem se autocategoriza apenas como europeu a escolaridade não se apresenta como fator diferenciador, além de os valores se manterem em níveis residuais, abaixo dos 5%. Poder-se-á afirmar que o grupo de maior escolaridade e com a realização de um qualquer tipo de interação, apresenta elevadas percentagens de autocategorização como europeus, quatro quintos, mas que uma possível saliência da autocategorização como europeu, relativamente à nacionalidade, terá maior relação com a realização de interações, e em particular as prolongadas.

Até ao momento a análise de dados considerou os residentes por país¹². Mas englobando os migrantes de todos os países¹³, ver quadro 3.2, conclui-se que mais de um quarto de quem vive fora do país da sua nacionalidade, e que também já efetuou interações prolongadas (o que pode incluir exatamente a experiência atual), autocategoriza-se primeiro como europeu e em segundo nacional, ou só europeu, e que somente 13% se autocategoriza apenas como da sua nacionalidade

Quadro 3.2 – Autocategorização em indivíduos a residir fora do país da sua nacionalidade por tipo de interação

	Sem interações		Interações curtas		Interações prolongadas	
	%	N=58	%	N=121	%	N=495
Nacional	51,7	30	28,1	34	12,9	64
Nacional e Europeu	31,0	18	52,9	64	58,6	290
Europeu e Nacional	10,3	6	13,2	16	19,4	96
Europeu	6,9	4	5,8	7	9,1	45

Fonte: produção própria a partir de dados do Eurobarómetro 81.4 (Comissão Europeia, 2014b)

Cruzando estes dados com a escolaridade, ver quadro 3.3, verifica-se que um terço dos indivíduos mais instruídos e que realizaram interações prolongadas autocategorizam-se primeiro como europeus, ou só europeus, e apenas um décimo como nacionais. Este valor representa mais do dobro comparativamente à média dos residentes na UE28, colocando-se a hipótese do efeito das interações prolongadas esvaírem-se a partir do momento em que os indivíduos regressam ao país de origem.

¹² Os indivíduos de nacionalidade diferente da do país de residência são residuais na amostra por país.

¹³ Poderá incluir migrantes de 1^a e de 2^a geração, pelo menos, pois existem indivíduos que apenas realizaram interações curtas e outros que nunca realizaram interações. Então, alguns indivíduos podem ter nascido no país onde os ascendentes são imigrantes e terem assim a mesma nacionalidade dos seus progenitores e não a do país de nascimento, e nunca terem saído desse país.

Quadro 3.3 – Autocategorização em indivíduos a residir fora do país da sua nacionalidade por tipo de interação e por escolaridade

Educação até aos	Interações curtas						Interações prolongadas					
	15 anos (%)	N	16-19 anos (%)	N	+20 anos (%)	N	15 anos (%)	N	16-19 anos (%)	N	+20 anos (%)	N
Nacional	15,8	3	45,7	21	17,1	7	9,7	6	20,4	33	10,1	2
Nacional e Europeu	57,9	11	37,0	17	65,9	27	64,5	40	56,8	92	56,7	118
Europeu e Nacional	21,1	4	13,0	6	9,8	4	16,1	10	14,8	24	23,1	48
Europeu	5,3	1	4,3	2	7,3	3	9,7	6	8,0	13	10,1	21

Fonte: produção própria a partir de dados do Eurobarómetro 81.4 (Comissão Europeia, 2014b)

3.1.4 A alteração de referencial: a Europa *versus* o Mundo

A relação entre o PIB, o IDH e o tipo de interações, assim como com os indicadores de identidade europeia, impõe uma questão: se, tendencialmente, são os indivíduos dos países mais desenvolvidos que se sentem mais ligados à Europa, por que não considerar que são também estes indivíduos que se sentem mais ligados ao Mundo? E que relações de saliência se verificam? Em 2007 (ver anexo C, seção C.4), os países em que em média os cidadãos se sentem mais ligados ao Mundo do que à Europa (e o respetivo quociente Europa/Mundo) são o Chipre (0,84), Grã-Bretanha (0,82) e Países Baixos (0,84). Do lado oposto, os países que apresentam saliência de sentimento de ligação à Europa são: Alemanha Ocidental (1,30), Áustria (1,28), Luxemburgo (1,28) e Eslováquia (1,67). Entre o rácio de 1,20 e 1,25 encontram-se a República Checa, Dinamarca, Estónia, Grécia e Polónia. Ou seja, existe um bloco de países do centro da Europa que apresenta saliência Europeia relativamente ao Mundo.

3.1.5 Conclusões da análise contextual

Os países nórdicos apresentam percentagens médias superiores no sentimento de ligação, o que poderá relacionar-se tanto com fatores micro e macro sociais, pois apresentam taxas superiores de escolarização e rendimentos mais elevados, portanto, pelo menos, maiores recursos de capital cultural e económico que viabilizam a realização de interações, revelando a importância da distribuição de capitais nas suas mais variadas formas, e/ou transferências entre as diversas formas de capital. Mas na categoria dos indivíduos mais escolarizados os países nórdicos não possuem, em média, uma autocategorização como europeus superior aos países do centro, leste, ou sul, e a diferença no sentimento de ligação esbate-se, o que poderá associar-se a um acesso mais equilibrado a capital económico, social e cultural. Aliás, uma vez que a segunda parte da pesquisa compõem-se de um estudo qualitativo a indivíduos com escolaridade superior, coloca-se a hipótese de trabalho de que a distinção analítica de um sentimento de pertença europeu nesses indivíduos se relacione mais com as representações do que propriamente com as propriedades dos agentes, pelo que, será importante esclarecer qual a distinção cognitiva entre a autocategorização e o sentimento de ligação. A relação entre um sentimento de ligação ao Mundo e a ligação à Europa também poderá constituir-se como um vetor estruturante, e estar incrustada nos contextos nacionais. Ou seja, coloca-se a hipótese de alguns indivíduos evidenciarem maior disposição para direcionar as suas opções de vida mais para o Mundo, como os britânicos e os neerlandeses, e outros, eventualmente, evidenciarem maior disposição para a Europa, como os alemães, e, em geral, o centro da Europa.

3.2 A relação íntima binacional intraeuropeia: análise de conteúdo das entrevistas

No total estão representadas 15 nacionalidades (seis nos homens e 12 nas mulheres) e 9 países de residência¹⁴, ver quadro 3.4. Contactaram-se cidadãos de todas as nacionalidades exceto cidadãos, búlgaros, letões e lituanos. No total 40 indivíduos referentes a 20 casais recusaram participar.

Quadro 3.4 – Nacionalidades representadas por sexo, e países representados na amostra

	Alemanha	Bélgica	Eslovénia	Espanha	Estónia	França	Grécia	Hungria	Islândia	Itália	Noruega	Países Baixos	Polónia	Portugal	Reino Unido	Suiça	Idade média (anos)	Idade máxima (anos)	Idade mínima (anos)
Mulheres	2	-	2	1	2	-	1	1	1	1	-	-	3	3	2	1	33,7	42	25
Homens	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	11	1	1	35,1	41	31
País de residência (nº de casais)	-	1	-	1	2	-	-	-	1	-	2	1	2	4	3	3	-	-	-

A idade média dos indivíduos é de cerca de 34 anos, um ano superior nos homens e ligeiramente inferior nas mulheres, mas as mulheres registam uma amplitude superior, 17 anos, do que os homens, 10 anos. O campo profissional dos indivíduos é diversificado, incluindo trabalhadores por conta de outrem e por conta própria. Duas entrevistadas estavam, ao momento, desempregadas.

Quanto às suas origens sociais, são 14 os participantes em que ambos os ascendentes possuem um diploma do ensino superior, e quatro em que apenas a mãe detém esse diploma e outros quatro em que apenas o pai o detém. Em sentido oposto, são oito os indivíduos em que ambos os ascendentes apenas detêm escolaridade até ao fim do ensino básico, e cinco em que ambos detêm o ensino secundário. Regista-se um único participante em que um dos ascendentes tem o ensino básico e o outro o ensino secundário. Verifica-se deste modo a aumento do nível de escolaridade em 14 indivíduos comparativamente ao seu ascendente mais escolarizado.

3.2.1 O percurso interacional transnacional antes da atual relação conjugal

Em primeiro lugar, não existe nenhum indivíduo sem interações transnacionais¹⁵, mesmo antes do início da atual relação conjugal. Do ponto de vista de interações curtas, apenas quatro indivíduos não viajaram com os pais para outro país europeu, mas os que viajaram, a maioria fê-lo a países vizinhos. Assim, 11 indivíduos viajaram com os pais para outros destinos europeus que não só os países vizinhos, não se verificando nenhuma tendência por origem social, ou seja, pelo estatuto socioprofissional dos pais. O estatuto socioprofissional dos pais poderá apresentar, para os casos em estudo, uma maior preponderância na realização de viagens fora da Europa porque, no total de 10 casos, cinco têm ascendentes que detêm o ensino superior e os restantes viajaram para visitar familiares emigrados. Mas contabilizando todo o percurso de vida são 27 os indivíduos que realizaram viagens fora da Europa, evidenciando o recurso a novos capitais, social, cultural e económico.

De um ponto de vista de interações prolongadas, 18 dos indivíduos estudaram durante um certo período do seu percurso universitário num país estrangeiro, embora dois indivíduos o tenham realizado

¹⁴ Ver quadro D.1 do anexo D para a caracterização sociodemográfica da amostra e os perfis conjugais.

¹⁵ Para o conjunto de citações seleccionadas da dimensão de interações transnacionais ver anexo G.

após estarem envolvidos na sua atual relação íntima. Dos indivíduos que estudaram no estrangeiro, cinco fizeram-no fora da Europa (no Japão, Austrália, Canadá e EUA), sendo que os pais de três destes cinco indivíduos possuem ambos escolaridade superior, e apenas um dos cinco indivíduos não mobilizou contactos das suas redes sociais, incluindo as dos seus pais. Os dois indivíduos cujos pais não têm o ensino superior têm a nacionalidade, e eram residentes, num país de elevados rendimentos, a Suíça, verificando-se estratégias que promovem trocas entre as diferentes formas de capital. Não se está a argumentar que as experiências fora da Europa dependem simplesmente das condições de vida, principalmente dos seus capitais, mas coloca-se a hipótese de que as possibilidades de mobilidade externas à Europa, se apresentam mais determinadas pelas condições de vida do que a mobilidade intraeuropeia. De facto, a maioria dos indivíduos que estudaram na Europa declararam que a escolha do país de destino respeitou dois critérios principais, a disponibilidade de vagas e o custo de vida, o que se enquadra na estruturação de um espaço europeu de movimentação de alunos de Erasmus (Mol e Ekamper, 2015). A hipótese assim colocada é que sendo a Europa um espaço de desigualdades (Costa *et.al.*, 2016; Mauritti *et.al.*, 2016) ainda existem possibilidades transnacionais intraeuropeias exatamente por existirem destinos conciliáveis. Neste sentido, o capital linguístico é dos principais fatores de decisão na escolha de um país para viver, trabalhar e estudar. Particularmente, os britânicos, e quem reside no Reino Unido, limita as suas opções a este constrangimento, ponderando como opção de vida países anglófonos, principalmente, e por ordem de número de casos, a Austrália, EUA, Nova Zelândia e Canadá. Aliás, dos quatro indivíduos que apenas realizaram interações prolongadas fora da Europa, dois são cidadãos britânicos, consubstanciando a importância de analisar o sentimento de pertença à Europa não só de forma absoluta mas relativamente ao Mundo.

Um grande número de indivíduos (19) trabalharam no estrangeiro (15 apenas na Europa e seis no resto do Mundo) antes de iniciar a relação íntima, dos quais sete também já tinham efetuado estudos fora do seu país. Entre os que trabalharam no estrangeiro, sete revelaram que a opção de trabalhar fora do seu país deveu-se mais a uma migração forçada do que livre (seis portugueses e uma polaca).

Em síntese, antes do início da atual relação conjugal, 25 indivíduos realizaram uma interação prolongada, dos quais 21 fizeram-no, pelo menos, também num país europeu.

As experiências dos indivíduos ilustram um outro tipo de interação que se caracteriza como um tipo intermédio, ou híbrido, entre interações curtas e prolongadas. Estas experiências são, por exemplo, ações de voluntariado, cursos de línguas no estrangeiro, outros cursos intensivos universitários, e a pertença a organizações transnacionais europeias, como organizações de estudantes. No primeiro e segundo casos a duração destes programas é variável, entre períodos de quinze dias a alguns meses. No terceiro caso os cursos tinham duração média de quinze dias mas alguns indivíduos além de participaram nos cursos, prolongaram a sua colaboração com as organizações. O comum neste tipo de interações é a sua forte componente multicultural, onde participam cidadãos de vários países europeus. O seu efeito num sentimento de pertença é demonstrado pelo caso de *MF*, português:

“a primeira coisa que fiz foi ir a um curso BEST [*Board of European Students of Technology*] a Barcelona (...) e depois a partir daí tu vês pessoas de todos os países da Europa, e aí eu percebi, e disse a mim próprio, 'Ok, eu não sou português eu sou Europeu'. E desde aí tento não parar (...) Porque foi nessa viagem que estive pela primeira vez naquele ambiente de pessoas de todos os países” (*MF*, português)

Poderá indagar-se se estudar num outro país deverá incluir-se numa interação prolongada ou numa interação multicultural. De facto, significa um pouco de ambas. Poderá verificar-se, por exemplo, que trabalhar e viver num outro país poderá não implicar, necessariamente, um ambiente multicultural. Tudo dependerá do contexto e da dinâmica individual de integração social e de mobilização de redes sociais. Mas será que viver ou trabalhar num outro país apenas instiga o sentimento de pertença à Europa se incluir interações multiculturais? Na verdade, como já demonstrado, tanto a realização de interações curtas como prolongadas contribuem para a emergência de um sentimento de pertença à Europa, embora, as multiculturais e as prolongadas revelem um sentimento de maior intensidade que poderá instigar a troca de ordem na autocategorização, logo, na dialética nacional-europeu. Mas mesmo sem inserção em círculos multiculturais, prova-se relevante a inclusão no espaço de livre circulação europeia, reconhecendo-se os direitos da cidadania atribuídos pela UE, a da importância de mecanismos simbólicos, como demonstra o caso experienciado por *TE*:

“nem a carta de condução troquei, quando vejo aquelas estrelinhas todas à volta acho que é suficiente. Aqui na Polónia não utilizo o passaporte nem nada, é só o bilhete de identidade e funciona tudo bem. Acho que ser europeu é mesmo uma vantagem, o Schengen abriu as portas.” (*TE*, português)

Se se contabilizarem as denominadas interações multiculturais somam-se sete indivíduos totalizando 28 casos que realizaram pelo menos um tipo de interação prolongada ou multicultural que fomenta um sentimento mais intenso de pertença à Europa. A questão pendente é se as interações prolongadas e as multiculturais devem ser incluídas num tipo único, já que o efeito aparenta ser semelhante. De momento propõe-se englobar estes dois tipos de interações, denominando-as de *Interações Intensas*, renomeando-se igualmente as interações curtas para interações *Não Intensas*, ver quadro 3.5.

Quadro 3.5 – Redefinição da tipologia de interações transnacionais

Interação não intensa	Interação intensa
Interações curtas	Interações prolongadas e Interações multiculturais

Salienta-se que alguns indivíduos expuseram espontaneamente um discurso direccionado para um sentimento de ‘identidade’ europeia nas questões colocadas sobre as suas viagens. Esta referência surgiu apenas quando as viagens se reportavam a interações multiculturais, tal como exemplificado anteriormente no caso de *MF*, mas também em experiências fora da Europa como no caso de *JR*:

“Quando fui ao Japão marcou-me bastante pela diferença entre a sociedade japonesa e as sociedades europeias. Foi a primeira vez que me apercebi que nós na Europa somos muito muito mais parecidos do que pensamos. Até então estava sempre focado nas diferenças, (...) apercebi-me que na realidade os europeus são todos bastante parecidos. E para os japoneses tanto faz seres dinamarquês como espanhol, somos todos europeus. Foi nessa altura que aquela coisa da identidade europeia começou a crescer em mim e eu comecei a identificar-me primeiro como europeu e depois como português.” (*JR*, português)

Em outros indivíduos a relação das suas experiências com um sentimento de ‘identidade’ europeia foi exposta nas questões das representações sobre a Europa.

“Some of the positives [of Europe], I guess, I think even now there's a sense of shared identity. I mean, it's something not very tangible perhaps, but for example last year we went to New York and Washington (...) and it did feel different. I think there's really a sense of identity. When you travel in Europe I feel like it's home, even if I'm in Portugal and Spain, and Italy or France or Germany. I still feel quite safe. It's really difficult to describe. It really feels like home, it's something I wasn't feeling in America, even though I speak English. It's really about how things are done, the perception of a big family, despite the current discussions about the Brexit.” (AM, grega)

Numa subtileza lacónica esse sentimento de pertença traduz-se numa palavra quanto às representações da Europa: ‘Casa.’ (CA, alemã,), em inglês ‘*it's home.*’ (CC, suíça,).

3.2.2 O envolvimento na relação íntima binacional intraeuropeia

O envolvimento na relação íntima binacional intraeuropeia¹⁶ ditou que oito dos indivíduos realizassem pela primeira vez uma interação prolongada na Europa, se bem que sete já tinham realizado interações multiculturais. Metade dos casais conheceram-se em ambiente de interações multiculturais e a outra metade durante uma interação prolongada de pelo menos um dos cônjuges. Mas, também, proporção similar de entrevistados (16) estiveram anteriormente envolvidos em relação íntima com uma pessoa de outra nacionalidade. Os principais motivos alegados para o término dessas relações foram os planos de vida, prosseguindo percursos em países distintos. Em três dos casos os parceiros(as) não eram de origem cristã mas muçulmana. Porém, apenas um desses três casos mencionou terem-se afastado mais por distância cultural, se bem que todos assumiram maiores dificuldades na estabilidade da relação.

A duração média dos relacionamentos é de pouco mais de seis anos, sendo o mais prolongado de pouco mais de 13 anos e o mais recente de um ano. O período médio em coabitação é de pouco mais de quatro anos, com o máximo de 13 anos e o mínimo de seis meses. A entrada na conjugalidade é o primeiro indicador do perfil moderno destes casais, reforçando as conclusões de Gaspar (2010), pois esta decorreu em todos os casos de modo informal e por motivos, primariamente, de experimentalismo, bem evidenciado por CS, alemã, mãe de uma filha de seis anos, pois “talvez se nós conseguirmos chegar aos 60 anos, 65, de estarmos juntos ainda pensamos no casamento.” Um outro critério principal é a eliminação da distância geográfica, enquanto outros critérios instrumentalistas, como o económico (*e.g.* repartir despesas), subjazem num plano secundário. Contudo, os principais motivos para o casamento formal são instrumentais, incluindo-se as vantagens nas declarações de impostos, o reconhecimento oficial das autoridades, principalmente quando têm filhos, e a facilitação em caso de mudança para um outro país. Por outro lado, as entrevistadas polacas revelaram considerar o casamento uma instituição ainda importante a determinado momento do percurso conjugal, respeitando o tradicionalismo católico do seu país.

¹⁶ Para o conjunto de citações seleccionadas das várias dimensões da conjugalidade ver anexo H

O perfil moderno consubstancia-se na dinâmica interna do casal. A partilha das tarefas domésticas ocorreu, em geral, naturalmente, estabelecendo-se negociação à medida que os desacordos surgiram. As tarefas dividiram-se mais de acordo com o que cada indivíduo prefere executar, prevalecendo uma coesão por autonomia ou autonomia relativa. À medida que a vida em comum prosseguiu registaram-se alterações devido a dois fatores: a compatibilização com a vida laboral e o nascimento dos filhos. Em síntese, em nove casais a repartição é igualitária, em seis verifica-se uma ligeira prevalência do trabalho feminino (60/40), em dois predomina o trabalho doméstico por parte da mulher, e em outros dois verifica-se um perfil moderno de maternidade (este perfil considera valores igualitários na repartição das tarefas domésticas e na prossecução de uma carreira profissional entre cônjuges excepto se o casal tiver filhos, caso em que a mulher toma conta e cuida dos filhos, trabalhando em regime parcial (Wall, 2007)). Por último regista-se um caso em que as tarefas são maioritariamente executadas pelo homem. Realça-se que a realização de tarefas é adaptada aos constrangimentos da esfera profissional de ambos (*e.g.*, cozinha quem chega primeiro a casa).

Quanto à dinâmica externa, as redes de sociabilidade encontram-se diferenciadas por dois critérios principais: se o indivíduo reside no seu país de origem ou fora do seu país de origem. No primeiro caso é natural que a sua rede amical se constitua predominantemente por indivíduos da própria nacionalidade. Mas a entrada numa relação binacional pode alterar esta configuração pois quem reside fora do seu país apresenta uma rede mais diversificada de nacionalidades. Logo, dos 12 indivíduos que vivem no seu país oito afirmaram que a relação contribuiu para a inclusão no seu círculo de sociabilidade de indivíduos de outras nacionalidades. Em geral, constata-se um perfil polivalente ou fusional (ver anexo D). O modo de integração do cônjuge e a caracterização das redes de sociabilidade poderá explicar, em parte, a menor ou maior incorporação de um sentimento de pertença à Europa consoante se verá adiante. Por último, para os casais que vivem num terceiro país as suas redes de sociabilidade são comuns, e bastante reduzidas, o que remete para o campo teórico das migrações. Cruzando as dinâmicas externa e interna o perfil dos casais é predominantemente polivalente expressivo e instrumental e polivalente expressivo, e o tipo conjugal predominante, de acordo com a tipologia proposta por Kellerhalls (Segalen, 1999: p. 256), é o de Companheirismo e o de Associação.

Profissionalmente, o perfil destes casais é de dupla carreira verificando-se tanto o apoio da mulher como do homem na prossecução dos objetivos do cônjuge e a aceitação de que é importante tomar as opções conjuntas pois “a pessoa tem que se sentir realizada. Tem de haver um equilíbrio (...) mas principalmente o que faz o outro feliz” (*PG*, português), registando-se um compromisso entre o *self* e o ‘nós’. Na prática, numa primeira fase de vida na conjugalidade, verifica-se a prossecução de ambições profissionais após a conclusão dos estudos superiores, o que influencia a escolha dos países em que os indivíduos ponderam viver. Mas não se pode afirmar que as ambições profissionais se constituam sempre como uma prioridade, pois, então, nenhum destes casais viveria em países com menos oportunidades e menores condições remuneratórias uma vez que, “se eu tivesse dado prioridade à carreira não estaria cá. Estaria noutra país” (*AV*, italiana a viver em Portugal). Numa segunda fase a família

readquire importância, em ambos os sentidos das relações intergeracionais, ou seja, tanto a nível de constituir família como de manter ligações com a família de origem. Regista-se uma consideração significativa pelo balanço vida profissional-vida familiar, revelando-se como uma das principais razões de emigração, a par do salário e da restante organização e cultura laboral (*e.g.*, horários).

Dos 20 casais em análise apenas sete têm filhos, com idades compreendidas entre os poucos meses e os seis anos. Dos quatro casos em que a mulher já reiniciou a atividade laboral, dois homens assumiram maiores responsabilidades com os filhos no período imediato de forma a possibilitar à sua parceira o reencontro na sua carreira profissional. Nos outros dois casos, ainda que os homens também apoiaram a parceira, esta detinha um trabalho mais flexível que o deles. A existência de filhos na relação não foi reportada como um dos principais fatores que geram conflitos entre os cônjuges. Apesar de valores e práticas díspares, subsiste tolerância na aceitação da transmissão dos valores de cada cônjuge, mesmo que díspares, o que não substantiva os resultados de Mol e Valk (2014), não se podendo excluir a hipótese de os conflitos estarem mitigados, na amostra em estudo, pela ainda curta idade dos filhos. Assim verifica-se uma certa capacidade reflexiva pois os indivíduos questionaram os seus valores e práticas. Nesse cenário, os indivíduos dos países mais tradicionalistas tendem a assumir a mudança para uma atitude mais liberal e menos protecionista, promovendo valores de maior autonomia e independência. Tal não é surpreendente, pois apenas se estão aqui a estudar indivíduos com escolaridade superior, o que também poderá explicar, em parte, a discrepância com os resultados quantitativos de Mol e Valk (2014). Aliás, o facto de o cônjuge ser de outra nacionalidade pode ser um aspeto positivo, por exemplo, na educação dos filhos pois promove a transmissão de valores mais tolerantes e igualitários, mas também por motivos instrumentais como a possibilidade de aprender pelo menos dois idiomas, confirmando-se neste caso maior relevo na transmissão de línguas importantes no contexto global. Mas o principal critério de transmissão de ambas as línguas dos cônjuges é a ligação intergeracional com os avós, apesar de alguns indivíduos de países em que o inglês é uma segunda língua difusa, consentirem menor pertinência. A questão que se coloca é se, será o período de experimentação de vida a dois, antes da constituição de família, essencial para a tolerância a outros *habitus*, à alteração de práticas disposicionalistas, e ao desenvolvimento de perfis de negociação. Ou, por outro lado, serão as interações transnacionais, e indiretamente a socialização secundária, ao longo da vida que contribuem para a apreensão de capital cultural incorporado - o conhecimento efetivo - que geram tolerância a outros valores e atitudes? A relevância dos trajetos pessoais é evidente:

“Ajudaram a compreender muitas coisas (...) as diferenças culturais (...) Em certos aspetos fez-me sentir que tinha de mudar alguma coisa, em que tinha de me adaptar ou realmente mudar, por exemplo, fazer um esforço maior para chegar a horas (...) E por exemplo quando vim para a Estónia e combinávamos às 11 horas, é 11 não é 11 e 5, eu já estava habituado, foi mais fácil.” (RC português)

A alteração e maior tolerância de valores, atitudes e práticas, pode ser significativa e fundamental na estabilidade destes casais, assim como a negociação e o compromisso, tal como preconizado por

Giddens (2001). Coloca-se a hipótese de a reflexividade ser um mecanismo mediador relevante da ação, e diferenciador do perfil destes casais de outros casais binacionais com menor capital cultural incorporado e, assim, de maior inércia normativa pois apresentam perfis na conjugalidade mais tradicionais, logo, mais incrustados em valores e práticas locais. Aliás, o aspeto mais positivo do envolvimento na relação binacional é a possibilidade de conhecer outra cultura porque “é uma aprendizagem... o que uma pessoa de um outro país te dá (...) Completa-te muito mais do que uma pessoa do teu país. Porque eles trazem uma polivalência de experiências e de perspetivas que são completamente diferentes.” (MF, português). Então, estes indivíduos também beneficiam de um capital cultural adquirido durante a experiência conjugal, adicionalmente ao incorporado pela realização de interações transnacionais. Esta abordagem assume a dialética entre capital cultural incorporado e *habitus*, e que as experiências de vida contribuem para uma socialização contínua. A consciencialização de um distanciamento normativo pode também melhorar a comunicação uma vez que, “se fosse duas pessoas do mesmo país seria se calhar muito mais fácil. Mas eu vejo isso como um aspeto positivo porque obriga a que haja mais comunicação, obriga a que haja mais partilha”, (RC, português). Na verdade, “às vezes também pode acontecer que tu falando a mesma língua discutes mais” (NA, portuguesa), posicionando-se a língua tanto como um aspeto positivo como negativo, pois, falando uma segunda língua “you have misunderstandings more quickly.” (DH, neerlandês). Logo, as dificuldades na comunicação podem, por vezes, incrementar a sua eficácia comparativamente a uma relação com um cônjuge da mesma nacionalidade, pois nesse caso existem expectativas e menos tolerância. É neste cenário que os dois aspetos mais negativos na relação íntima binacional são a língua, mas também o facto de pelo menos um dos cônjuges estar longe da família, colocando-se as divergências culturais em segundo plano.

É nas relações intergeracionais no seio da família que a Europa também se revela como um espaço preferencial de opções de vida, principalmente, dos indivíduos que têm filhos, pois não querem privar os avós dos netos, nem vice-versa. Mas mesmo não tendo filhos, a maioria dos indivíduos de países familialistas, com exceções, afirmou querer apoiar os seus pais na velhice. Alguns dos indivíduos já acolherem um ascendente, por motivos de saúde, no seu país de residência, mesmo quando o parceiro é de um país não tradicionalista. A negociação aparenta constituir-se como um ritual fundamental para a consolidação destas relações binacionais, como demonstra BG, islandesa com parceiro português:

“I've heard his perspective on it, and I'm like more than fine with it, honestly. (...) I know it's very important for him to support his parents and to help them. And it's kind one of the reasons why we're going to Portugal. And I would say I was kind the instigator of pushing for going to Portugal. Because our plan was to go to another country but we hadn't any specific country in mind (...) and his parents are getting older (...) because I also know family is important for him.” (BG, islandesa)

Se ao valor colocado na ligação intergeracional entre avós e netos se acrescentar a possibilidade de deslocações rápidas e pontuais em caso de urgência para apoiar os pais na velhice, a instituição familiar apresenta-se como uma das principais dimensões que definem a Europa como espaço

preferencial de vida dos indivíduos, que aí nasceram e aí têm os seus familiares mais significativos a residir como no caso de *NS*, francês a viver na Suíça:

“It was useful to be working close to France, in the last year or two, when there were some issues with my father. So I could go and could help, that was important. At least it made it easier to me, because I wanted to go.(...) If I was living in Australia, that may have been more difficult, I would have to take one month of holidays but then I could not help anymore.(...) We know the grandparents want to see the kid growing. Probably there will be more issues in the near future, so we would like to be there. Clearly in the next few years is not best to go in a country so far, that's clear.” (*NS*, francês)

Mas se a Europa é um espaço privilegiado de opções de vida, por outro lado, a maioria dos casais escolheu o primeiro país de residência pela conjugação de dois fatores principais: as possibilidades profissionais, e/ou a existência de uma base de apoio, em princípio no país de um dos cônjuges, como por exemplo casa própria. Na verdade, a despeito de alguns indivíduos assumirem que fora da Europa encontrariam melhores desafios e condições profissionais, as suas opções de vida recaem sobre o continente europeu, aparentemente, não apenas pelo critério geográfico-familiar. Prevalece então a opinião de a Europa ser uma zona de maior segurança e de qualidade de vida, principalmente na relação vida profissional-vida familiar. Neste ponto os residentes em Portugal e Polónia assumem que o estado social não é um fator importante nas suas decisões de vida, o que se deve à opinião da debilidade dos sistemas sociais de ambos os países. Logo, apenas em países em que os indivíduos consideram o estado social abrangente (Países Baixos, Bélgica, Reino Unido, Estónia, Noruega) é que se regista a sua importância nas escolhas de vida. Numa terceira via, outros indivíduos mencionaram que a sua importância é relativa, uma vez que “isso depende sempre muito de quanto é o salário. Podemos estar num país sem estado social mas se ganharmos cem mil euros por mês somos o nosso próprio estado social” (*LP*, português). Porém, o discurso dos indivíduos que refutaram a importância do sistema de proteção social alude a direitos que este confere, principalmente licenças de maternidade, como um fator muito importante. Verifica-se que dão por adquirido um conjunto de benefícios de proteção social assegurados pelo estado-providência, mas não divisam que diretamente, ou indiretamente, beneficiam das suas medidas. De facto, para *CS*, alemã a residir em Portugal, “basta comparar o sistema social. Só vivendo em Portugal e não ter acesso ao sistema social na Alemanha, já me fez dar mais valor àquilo que é. E imaginando que nos Estados Unidos nem sequer há.”. Aliás, muitos dos valores que os indivíduos consideram representar a Europa, e que os fazem sentir confortáveis na Europa, protegidos e seguros, são os direitos humanos, a igualdade, a solidariedade, bases do estado social¹⁷.

¹⁷ A reforçar a sua invisibilidade está o facto de os indivíduos que mais enfatizaram a importância dos sistemas nacionais de saúde terem beneficiado deste em situações graves. Adicionalmente, existe o descrédito de que as reformas não serão pagas no futuro, e não apenas nos países do sul e leste. Mas quando um indivíduo afirma que não espera usufruir de pensão de reforma e ao mesmo tempo não realiza opções alternativas de poupança está-se perante: 1) um *habitus* social de sentimento de proteção e, logo, a tal invisibilidade do sistema social, que não promove a poupança privada; 2) uma situação de simples opção individual; ou 3) incapacidade de poupar?

Em geral, constata-se o desejo de, em certa fase de vida, viver um período entre um a dois anos num qualquer outro país, noutra região, conhecendo outras culturas. A questão que se coloca é se esta abertura a conhecer novas culturas e lugares é uma característica dos indivíduos envolvidos em relações íntimas binacionais, e que *per se* pode ser uma abertura ao envolvimento na relação íntima, ou se por outro lado, é um aspeto específico da amostra em estudo. Independentemente do sentido da relação poder-se-á definir o perfil dos indivíduos como cosmopolita, composto por uma componente dual,

“the universal order of the ‘cosmos’ and the particular order of the ‘polis’ Cosmopolitanism, I argue, has a universalistic moment as well as a particularistic one. One of the tasks of a European identity is to express this double structure”. (Delanty, 2002, p. 346)

Delanty propôs, aliás, uma “*pluralised cosmopolitan European identity*” (Delanty, 2002), fundada não no universalismo moral, nem num particularismo cultural, mas numa conjugação entre o particularismo universal (o patriotismo constitucional de Habermas) e um pragmatismo baseado nos aspetos económicos e sociais do “*way of life*” europeu. Mas não sendo objetivo deste estudo definir, ou debater, o que significa ‘ser europeu’, a questão que se coloca é: em que medida a relação conjugal binacional influencia o sentimento de pertença europeu? O facto é que os indivíduos revelam um considerável interaccionismo transnacional antes da relação íntima, e que esse sentimento de pertença terá sido mais adquirido nessas etapas, uma vez que, “esse processo foi feito através das viagens e de conhecer pessoas. Neste caso cidadãos europeus” (GS, português), mas “não é por ter viajado em termos de viagens de férias, não é por isso. Mas por já ter vivido, já é o terceiro país em que vivo na Europa” (CN, portuguesa). As interações intensas transnacionais são então um elemento impulsionador de um sentimento de pertença europeu. Apenas num caso foi mencionado a dinâmica conjugal quotidiana como preponderante. Porém, a relação íntima proporcionou a oito indivíduos a vivência fora do seu país, logo, indiretamente, a relação binacional contribuiu para o desenvolvimento desse processo.

Mas os indivíduos que vivem no seu próprio país e que nunca realizaram interações intensas também declaram que a relação contribui para um sentimento de pertença europeu, atribuído à entrada de cidadãos europeus no seu círculo de sociabilidades e a um acréscimo na realização de interações transnacionais, (*e.g.*, viagens para visitar a família e amigos do parceiro). Então, uma das dimensões importantes da conjugalidade para o estudo da identidade europeia será a rede de sociabilidades dos cônjuges, remetendo parte da análise da identidade europeia para os modos de integração social. Deste prisma, enquanto o parceiro nativo estabelece a ponte de ligação entre o migrante e as redes sociais locais, *bridging social capital* (Putnam, 2000), no caso particular de integração europeia, é o parceiro migrante que estabelece a ponte com redes sociais transnacionais. De um determinado ponto de vista poderá argumentar-se tratar-se de algo semelhante ao *bridging*, ou seja, um “*transnational bridging*”. Neste caso particular está NH, britânico-galesa, a residir no seu país, cujo envolvimento na relação íntima binacional poderá dotá-la de um *transnational bridging social capital*.

“... I feel attached to Europe and I felt that more since I met *MG*. (...) Before *MG*. I hadn't many European friends, I've met more Europeans since I met *MG* (...) but I think I may feel more attached to Portugal... yeah... yeah... definitely. I mean if we have a child, for example, then I'll ever feel more attached to Portugal then.” (*NH*, britânico-galesa)

Mas estando a efetuar-se um estudo à escala europeia, poderá, também, o cônjuge local estabelecer algum tipo de ponte ao parceiro migrante? À partida, o cônjuge nativo também estará capacitado a estabelecer o *transnational bridging*. Por exemplo, a aprendizagem do idioma do parceiro(a) nativo mune o migrante de novo capital cultural – capital linguístico - estando demonstrado que quantos mais idiomas um indivíduo falar mais possibilidades tem em se identificar como europeu. Assim, tanto o parceiro nativo como o migrante podem estabelecer pontes de capital social e cultural. O caso mais pragmático será o de *ME* que nunca tinha realizado interações transnacionais intensas antes da relação binacional, e que após viver um ano no país do parceiro aprendeu a falar português, e inseriu-se em círculos de sociabilidades transnacionais, se bem que de momento já retornada ao seu país:

[sobre a relação binacional, sentir-se europeia] “Por causa do meu marido e de outras coisas, o contacto com várias pessoas, por causa dos amigos estrangeiros, é um conjunto de vários fatores. Acho que é um conjunto de fatores, mas acho que mais importante foram as minhas viagens para Portugal e Eslováquia, viver noutro país com outras pessoas de outra cultura. (...)” (*ME*, polaca)

Ressalva-se que o conceito de *bridging* (Putnam, 2000) não está associado diretamente à questão da identidade mas sim da integração dos migrantes, tendo-se efetuado apenas um exercício didático. Será então lógico propor o termo de *identity transnational bridging*? Ou seja, a aquisição de capital que fomenta um sentimento de pertença europeu? É neste sentido, e de acordo com a penúltima citação, a de *NH*, que se coloca uma nova questão: terá a relação binacional maior efeito num sentimento de pertença à Europa ou ao país do cônjuge? Em parte, direta ou indiretamente, por viver noutro país, verificam-se as duas possibilidades. Na primeira o discurso é mais orientado para uma ligação à Europa e na segunda para o país do parceiro.

“estar num relacionamento com uma pessoa de outro sítio da Europa faz-te sentir mais europeu do que se tiveres fechado (...) tens um contacto diário. Grande parte da minha identidade é ser português mas estou diariamente num país que não é o meu, eu estou numa mini-Europa (...) se não estivesse noutro país estava diariamente a interagir com uma pessoa de um outro país que não é o meu.” (*MF*, português)

“Através da minha relação eu sinto-me mais portuguesa-polaca do que portuguesa-europeia. Mas o facto de estar a viver na Polónia faz-me sentir portuguesa-europeia (...) Neste momento já me sinto aqui embrenhada na Polónia e sinto-me portuguesa e polaca e deixei de pensar um bocado em sentimento abrangente de cidadã europeia que afinal também sou.” (*NA*, portuguesa)

Considerando então que os indivíduos apresentam um elevado conjunto de interações intensas antes da relação conjugal, esta permite reforçar e sustentar esse sentimento, prolongando-o, mas mais nos indivíduos que vivem fora do seu país. Regista-se também uma associação entre o envolvimento na

relação íntima binacional intraeuropeia e uma identidade coletiva nacional, pois a entrada no relacionamento pode dever-se mais a uma (pre)disposição latente quando os indivíduos a consideram como uma vantagem comparativamente a um cidadão co-nacional.

“Não tanto a relação mas o facto de estar na Bélgica faz-me perceber um bocado mais por vezes Portugal (...) Por outro lado ainda me confirma ainda mais, aquela sensação que eu sempre tive de não pertencer a onde estava (...) Portugal (...) não é a mentalidade que eu procuro para me inserir.” (*LP*, portuguesa.)

Este ponto coloca em debate as relações do envolvimento numa relação íntima binacional também com a identidade nacional. Indiretamente surgem duas questões: qual a associação entre a nacionalidade do cônjuge, se de um país mais próximos ou mais afastado culturalmente, e a identidade nacional do indivíduo? E, será possível que a relação entre as nacionalidades dos cônjuges medie, ou modere, um sentimento de pertença à Europa ou ao país do cônjuge?

3.2.3 Identidade europeia

Até ao momento não se discutiram as representações sobre a Europa porque, na verdade, verificou-se uma associação entre estas e o sentimento de pertença à Europa. As representações dos entrevistados agrupam-se em duas dimensões principais: a cultura e o projeto da UE. Subsistem outras dimensões secundárias como a Geografia e a História. A estas dimensões podem associar-se algumas representações simbólicas como a moeda (o Euro), a arquitetura, os idiomas. De um ponto de vista mais pragmático, os aspetos mais positivos da Europa, que surgiram nas entrevistas, são a livre circulação de pessoas e a opinião de um espaço geográfico pequeno mas multicultural. No oposto, os fatores mais negativos estão sempre associados à UE, como o défice democrático, a ausência de solidariedade, e as posições nacionalistas, enquanto traços que a caracterizam após a crise financeira de 2008 e, principalmente, a mais recente crise dos refugiados. Tanto os fatores positivos como negativos são transversais na amostra. Por outro lado, as representações (ver citações no anexo F) apresentam-se diferenciadoras e explicativas de uma autocategorização como europeu, nomeadamente no vetor cultura-UE. É neste cenário que a identidade europeia pode ser conflituosa com a identidade suíça, por exemplo, uma vez que, “the European Union is a constructe made of individual countries and everybody feels first for their country and then European” (*MM*, suíço), logo, porque o conceito de Europa está associado à UE. De facto, a estruturação de um espaço de identidade europeia tem os seus efeitos nas representações sobre a Europa, principalmente através da escolha do país de residência.

Maybe Switzerland will change more my vision of Europe because they are outside of Europe, they have different thinking's, they are afraid of Europe. Maybe living here with the few stuff that happened recently, that may change my relationship with Europe, but I would say our couple, our relationship didn't change it. (*NS*, francês)

Quanto ao sentimento de pertença à Europa, regista-se uma distinção cognitiva entre os dois indicadores de identidade europeia. A primeira questão, “Como se vê a si próprio”, é uma questão

exclusiva, pois ver-se a si próprio como membro de uma certa nacionalidade conflitua com ver-se de uma outra, embora possível. Esta questão de autocategorização mobiliza o reconhecimento do próprio indivíduo da sua identidade social, pois, “This question is really about me, like a mirror” (HO, húngara). Quanto à segunda questão, “Em que medida se sente ligado?”, é uma questão inclusiva, uma vez que, um indivíduo poderá estar ligado não só ao país da sua nacionalidade e à Europa, mas também a outros países, por exemplo, ao país de residência, ao país do parceiro(a), ou a qualquer outro país onde tenha, por exemplo, estudado ou trabalhado, não implicando obrigatoriamente sentimento de pertença ao lugar¹⁸. Então, os indivíduos aceitam um sentimento de ligação a países com os quais rejeitam autocategorizarem-se. A tensão registada nesta questão encontra-se nos níveis de resposta, pois na maioria dos casos, estar muito ligado a um lugar implica não poder estar ligado a outro, o que não se destitui de a questão mobilizar, em parte, uma “intensidade” da ligação. Os critérios que mantêm os indivíduos ligados aos países das suas nacionalidades são principalmente as redes familiares e amicais, e o reconhecimento de um percurso de vida e de uma partilha cultural. Os critérios evocados para um sentimento de ligação à Europa são semelhantes, tais como viver noutra país europeu, ou o facto de pertencerem a uma nova família num outro país, mas igualmente o reconhecimento de pertença a um espaço cultural semelhante. Assim, em hipótese, e comparativamente, se a autocategorização¹⁹ apresenta maior associação com as representações, o sentimento de ligação apresentará maior associação com a realização de interações transnacionais. Talvez a análise precedente explique parte da maior volatilidade, tanto diacronicamente como entre categorias sociais, do sentimento de ligação, fornecendo adicionalmente pistas para explicar a divergência na evolução dos dois indicadores de identidade europeia entre 2007 e 2014.

3.2.4 Para uma tipologia de identidade europeia

Nesta seção apresenta-se uma proposta tipológica que explora a associação entre o envolvimento na relação íntima binacional intraeuropeia e a identidade europeia. Pretende-se que a tipologia produzida seja adaptável a novos casos mas que os tipos sejam suficientemente objetivos. A proposta apresenta seis dimensões: 1) Autocategorização; 2) Representações da Europa; 2) Interações transnacionais; e 3) Relação íntima binacional intraeuropeia; 4) Nacionalidade; e 5) País de residência.

Considerando o indicador de autocategorização identitária e as suas associações com as representações sobre a Europa, é possível, em primeira instância, realizar uma filtragem “forte” entre os indivíduos que se autocategorizam primeiro como europeus e em segundo lugar como nacionais, e aqueles que se autocategorizam na ordem inversa, de acordo com o vetor cultura-UE. Além da

¹⁸ A dialética entre “*place identity and place attachment*” é debatida, no campo da Psicologia Social, não consensual na comunidade científica, e resumida num artigo de Lewicka, (2008).

¹⁹ Sinnott (2005) concluiu que a autocategorização é mais adequada que o sentimento de ligação como indicador de identidade europeia. Porém, o autor correlacionou estas variáveis com outras referentes maioritariamente a políticas de integração europeia preconizadas pela UE, remetendo para o conceito de UE e não de Europa.

associação entre as representações e a autocategorização identitária, outros motivos tornam o indicador de autocategorização preferível ao de sentimento de ligação como uma das dimensões da tipologia proposta. Por exemplo, a análise de conteúdo permitiu constatar que as dimensões latentes na explicação de um sentimento de ligação não são diferenciadoras *per se* de um sentimento de pertença europeu, pois incluem principalmente fatores de interação (viver noutro país, amigos estrangeiros, etc). Ora, no grupo em estudo, devido ao elevado número de interações transnacionais realizadas, estes critérios são transversais, não se rejeitando a possibilidade de serem relevantes em outros grupos. Em segundo lugar, é incorporada a dimensão das *Interações transnacionais* na construção tipológica. A vantagem de inserir diretamente esta dimensão é que permite posicionar as interações transnacionais diacronicamente no percurso de vida, ou seja, sabe-se se foram realizadas antes ou depois do atual relacionamento afetivo-conjugal. É possível assim estimar a relevância do envolvimento na relação binacional intraeuropeia para a realização de interações transnacionais, principalmente as prolongadas. Adicionalmente, verificar-se-á que, apesar de o efeito das interações prolongadas e multiculturais ser semelhante, o caminho diverge, existindo uma distinção analítica importante.

A quarta dimensão da tipologia é a *Relação íntima binacional intraeuropeia* que distingue se o efeito desta é orientado mais para uma ligação ao país do cônjuge ou à Europa. Por último, as dimensões *Nacionalidade e País de residência*, introduzem a componente estrutural de um espaço de identidade europeia, e posicionam sincronicamente o efeito de uma interação prolongada, ou a sua ausência.

Alcançaram-se seis modos diferentes de os entrevistados se sentirem europeus, o que conduziu a uma tipologia composta de seis tipos de identidade europeia. Podem assim, ser considerados os seguintes tipos: 1) Transcendente; 2) Apátrida; 3) Afetivo, 4) Flutuante; 5) Cidadão; 6) Passivo.

O primeiro tipo, o *Europeu Transcendente* (3 casos) considera ser primeiro cidadão do Mundo, em segundo lugar europeu e em terceiro nacional, fundando esse sentimento na sua empatia com as pessoas, em valores igualitários e num sentido de Humanidade. Consoante as experiências de vida, nomeadamente a realização de interações transnacionais, tanto intraeuropeias como fora da Europa, o sentimento de cidadão do Mundo é reforçado, pois estes indivíduos tendem a concluir que se sentem ligados a pessoas e não a lugares. Assim, o sentimento de pertença europeu não é influenciado pelas representações sobre a Europa nem pela realização de interações transnacionais intensas.

“And the third is that as I get older I've realized there are bigger things than just one country. So I am more concerned to the all planet so to speak, then just some regional issue. I think that local governments are very important on neighborhood level. In small communities that's very important to people to be rooted in, but I think at a larger scale I think it's better if things are organized on a continental level or even on a higher level than that. It's just very difficult to do that democratically. (...) I'm attached to people not to places.” (DH, neerlandês)

O segundo tipo, o *Europeu Apátrida* (2 casos), autocategoriza-se unicamente como Europeu, atribuindo um prestígio simbólico positivo à Europa e negativo à sua nacionalidade, pois não se identifica com a sua cultura e/ou História. Assim, o sentimento de pertença ao espaço Europeu é

indiferente tanto ao vetor primário das representações sobre a Europa como à realização de interações transnacionais. No seguimento da rejeição da sua nacionalidade, o envolvimento na relação íntima binacional intraeuropeia é mais uma *confirmação* dessa negação e não algo impulsionador de um sentimento identitário europeu. Poder-se-á então afirmar que o envolvimento na relação íntima binacional é mais uma consequência da saliência da identidade europeia comparativamente à nacional.

“Porque a Alemanha não. Primeiro não tenho muita ligação à Alemanha, nem gosto muito. E a Alemanha minha já não existe, quer dizer, o meu país já não existe. Não tenho país. (...) Eu sou uma daquelas alemãs que tem uma relação difícil com o seu país. Por causa da História, há um antinacionalismo que eu acho saudável (...) Não me sinto confortável em me identificar como alemã.” (CA, alemã)

“Another positive side is that I compare her to many of the Belgium girls I know and Belgium girls are way more superficial and materialistic and capitalistic than Portuguese people. (...) I like how the mentality is different from the mentality of my peers here in Belgium.” (KA, belga)

O terceiro tipo é o *Europeu Afetivo* (9 casos), cujas representações sobre a Europa estão mais ancoradas na dimensão cultural do que na da UE, daí denominar-se de Afetivo. No entanto, todos os indivíduos neste tipo têm nacionalidade de países da UE. A realização de interações transnacionais intensas, antes ou depois de iniciada a relação íntima binacional, é muito importante neste tipo, pois consubstancia a afetividade e reforça o sentimento de pertença à Europa. Assim, na sua maioria vivem fora do seu país, e o envolvimento na relação conjugal binacional intraeuropeia tende a orientar cognitivamente o efeito da relação íntima mais para uma ligação à Europa. Considera-se vantajoso dividir este, em três subtipos: o *Assimilado*, o *Itinerante* e o *Passivo*.

O primeiro subtipo, o *Afetivo Assimilado* (4 casos), caracteriza-se por, discursivamente, focar especialmente o efeito das interações *prolongadas*, assumindo assim um progressivo distanciamento cultural relativamente à sua nacionalidade. O afastamento pode ser coadunável com a cultura de origem, ou seja, processando-se meramente no reconhecimento de que a vivência fora do seu país assimilou-o(a), ou, por outro lado, pode associar-se à negação de certos valores e normas do país de origem. Esclarece-se que, por assimilação compreende-se o “processo de inclusão dos imigrantes no espaço identitário definidor da pertença à sociedade de chegada” (Pires, 2003: 96), e “os processos pelos quais pessoas de diversas origens raciais ou com diferentes heranças culturais, que ocupam um mesmo território, adquirem uma solidariedade cultural” (*idem*: 97). Ressalva-se que na disciplina das migrações a assimilação sustenta uma pertença comum nacional mas, no caso em estudo, é estabelecida uma analogia à escala europeia, assumindo-se que os indivíduos adquirem uma solidariedade cultural para com a Europa, definindo-se assim a sua inclusão num espaço identitário europeu, a “sociedade de inclusão”. Então, os Afetivos Assimilados tendem a sentir uma saliência identitária europeia, autocategorizando-se em primeiro lugar como europeus e em segundo como nacionais, e a relação íntima binacional pode ter um efeito estabilizador ou impulsionador do sentimento de pertença à Europa, seja pela vivência fora do seu país que nutre o processo de assimilação, seja pela *confirmação* da não (pre)disposição do envolvimento íntimo com uma pessoa da sua própria nacionalidade.

“Just after living some time out of Slovenia I see also many negative points about the way Slovenian live at the moment. It would be hard for me to return at the moment because of the mentality mainly. (...) they mostly complain a lot and it's something here in Spain is very different (...) I would like to move back but I think that would bored me because everyone is so negative. (...) I consider myself less Slovenian than I did 5 years ago, for sure.” (LM, eslovena)

“de alguma forma há uma série de coisas que eu sei que são bastante distintas daquilo que eu poderia ter cá em Portugal com uma mulher da mesma geração (...) Se uma pessoa gostar disso, se estiver aberta para outro tipo de comportamento, outro tipo de atitude, de cultura, tanto melhor (...) As mulheres nórdicas são muito mais autónomas. Poderá ser um problema, agora para mim foi bastante vantajoso uma vez que eu já estava mais ou menos predisposto para esse tipo de cultura.” (LP, português)

O segundo subtipo, é o *Afetivo Itinerante* (4 casos). Discursivamente estes indivíduos focam sobretudo as interações *multiculturais*, assumindo, primeiro, o reconhecimento de um espaço europeu multicultural. Mas cognitivamente o seu sentimento de pertença funda mais na comparação a um exogrupo (outros países ou regiões no resto do Mundo, sendo a Europa o próprio grupo de pertença, ou seja o endogrupo), logo, na construção de uma referência de pertença comum europeia de índole cultural, que é reforçada e/ou despoletada pela realização de interações no resto do Mundo, mesmo que não intensas. A comparação com os exogrupos instiga assim o indivíduo a enfatizar as proximidades culturais entre europeus com o efeito de sobressair o sentimento de pertença à Europa, o endogrupo, em detrimento da sua nacionalidade. O envolvimento na relação íntima binacional ocorreu a jusante das interações multiculturais mas, diacronicamente, é indiferente ao momento de realização das interações no resto do Mundo. Assim, a relação íntima tem mais um efeito estabilizador do sentimento de pertença europeu, nomeadamente pela vivência fora do seu país.

“Porque acho que... imaginemos que eu tinha nascido na China, eu seria completamente diferente. Mas imagina que eu tinha nascido na França, eu seria um bocado diferente mas não completamente diferente. Em muitos aspetos, na forma de me relacionar, na forma de falar que condiciona também a minha forma de pensar (...) Começou a ser desde que comecei a conhecer países diferentes, comecei a conhecer pessoas doutros países e culturas diferentes e de maneira mais profunda (...) De certeza que foi muito mais viagens como o BEST, o Erasmus, os programas de voluntariado, porque mais do que visitar outros países é aí que te apercebes de características culturais diferentes e é muito enriquecedor.” (AV, italiana)

O último subtipo é o *Afetivo Passivo* (1 caso). Ainda que as suas representações da Europa privilegiem a dimensão cultural, autocategoriza-se primeiro como nacional e em segundo lugar como Europeu. Incluiu um indivíduo que começou a viver no estrangeiro há cerca de ano e meio, em que o processo de assimilação é ténue, incipiente, logo insuficiente para inverter a ordem de autocategorização.

Retornando aos tipos principais, o quarto tipo é o *Europeu Flutuante* (6 casos). As suas representações sobre a Europa são predominantemente culturais, embora a dimensão da UE também possa ter um efeito considerável num dos seus subtipos. Ao contrário do Europeu Afetivo, autocategoriza-se primeiro como nacional e em segundo lugar como europeu e, assim, à partida,

poderá ter a nacionalidade de qualquer país do espaço Schengen. No entanto, apresenta um discurso dúbio sobre a sua identidade social, pois anuí o efeito das suas interações intensas que o remete para uma indecisão, ou ambiguidade, entre a sua nacionalidade e a Europa. Mas tal como o Afetivo, o envolvimento na relação íntima binacional tende a orientar cognitivamente o seu efeito mais para a ligação à Europa. O facto de viver no estrangeiro ou no seu país pode determinar o subtipo de sujeito Flutuante, propondo-se três subtipos: o *Assimilado*, o *Itinerante* e o *Utilitarista*.

No caso do *Flutuante Assimilado* (2 casos), e da mesma forma que os Afetivos Assimilados, os indivíduos vivem fora do seu país e assumem a sua assimilação ou integração, e as suas representações sobre a Europa são predominantemente culturais.

[sobre as viagens] “Mas hoje em dia claro que as fronteiras já não são tão nítidas como eram antigamente. Somos mais um povo europeu hoje do que éramos antes. (...) Sinto-me mais Europeia, sem dúvida nenhuma, do que alemã. Portuguesa é que não me sinto. Se alguém me pergunta a minha nacionalidade eu sou alemã. Mas o próximo passo ... já não sou bem bem alemã, mas portuguesa também não sou. Sinto-me nesse sentido Europeia. Mas não pelas viagens, mais pela vida cá.”

[autocategorização] “Alemã e Europeia. Porque se alguém me pergunta quem é que tu és, de onde és, eu digo alemã, ou qual é a tua nacionalidade. Não me ocorre dizer Europeia. De facto, vivendo em Portugal, e já não tendo essas feições tão nítidas que caracterizam os alemães, eu considero-me mais Europeia mas se me perguntam eu digo alemã. Pensando eu vou para Europeia, mas de facto eu respondo alemã.”
(CS, alemã)

O segundo subtipo, o *Flutuante Itinerante* (2 casos) é mais semelhante ao Afetivo Itinerante, pois a inversão da ordem entre nacional e europeu também está ancorada na relação com um exogrupo. Mas os Flutuantes apenas invertem a ordem esporadicamente, para primeiro europeu e em segundo lugar nacional, em momentos específicos respeitantes à realização de interações fora da Europa, logo, a sua saliência identitária europeia é perecível. O país onde residem é portanto indiferente.

“Swiss first and then European. I have a Swiss passport, I’ve lived in Switzerland most of my life and I speak the languages of the Switzerland (...) Europe I think it always depends with whom you’re talking to, because (...) I’m for example Swiss-italian and when I’m with Italian people I say, yeah I’m also Italian. (.). And it depends with whom are you comparing yourself. For example if I go to the US I’m European, they even say it like that, they kind of see it right away I am. (...) if it’s on a macro perspective, let’s say I’m outside of Europe, it’s easier to say that I’m European, but when I’m in Europe I’m more specific and would say I’m Swiss (...) how I see myself also depends on others.” (CC, suíça)

O terceiro subtipo é o *Flutuante Utilitarista* (2 casos). Estes indivíduos apesar de já terem realizado interações prolongadas, vivem ao momento no seu país, o que diluí o anterior processo de assimilação. Por outro lado, apresentam também um discurso baseado na dimensão do projeto da UE e os seus processos reflexivos identitários incorporam motivos utilitaristas e estratégicos, pelo que o sentimento de pertença à Europa depende em certa medida da opinião sobre o projeto da UE e/ou sobre o seu país, sentindo-se mais ou menos europeu consoante a satisfação com a UE ou a situação do seu país.

[sobre as viagens] “Gosto muita da Polónia, mas não estou tão ligada ao meu país. Acho que me sinto mais Europeia do que Polaca, se calhar.”

[sobre a Europa] “O que o nosso governo faz é tudo para sair da União Europeia. Eu tenho um bocado medo disso.”

[autocategorização] “Polaca e Europeia. Mas eu não diria que a minha identidade polaca é muito forte. Eu sou polaca, igualmente polaca e europeia. (...). Mas depende dos dias, porque às vezes estou um bocado chateada com a Polónia.” (ME, polaca)

O quinto tipo principal é o *Cidadão* (11 casos). Neste, os indivíduos autocategorizam-se primeiro como nacionais e em segundo lugar como europeus, revelando as suas representações uma prevalência relativa da dimensão UE, mesmo que a dimensão cultural seja expressiva, porventura por terem realizado significativas interações transnacionais. E, talvez, pela prevalência de representações da dimensão UE, à partida, a sua nacionalidade será de um país da UE. Mas, pelo facto de ser indiferente o país onde reside, coloca-se a hipótese de, em geral, quando as representações sobre a Europa favorecerem a dimensão UE existirem menores possibilidades de saliência de um sentimento de pertença à Europa em detrimento do seu país. Então, o sentimento de pertença à Europa é mais cívico em contraponto com os Afetivos e Flutuantes que é mais étnico, daí a sua terminologia de Cidadão. Também em oposição aos Afetivos e Flutuantes, a relação íntima binacional intraeuropeia estabelece uma maior ligação ao país do cônjuge do que à Europa. Propõem-se três subtipos de Cidadãos: o *Itinerante*, o *Transcendente* e o *Local*.

O *Cidadão Itinerante* (8 casos), já realizou interações intensas, daí a denominação de Itinerante, que contribuíram para reforçar o sentimento de pertença ao seu país por fatores de orgulho, saudade, ou de ligação a aspetos culturais.

“When I was living in France I was not feeling French at all, I was just, part of it. It was when I've started to move abroad that I've started to feel the things I was missing from France. Things that you are always doing, naturally in your country, but then when you are abroad you realise they are in fact not so natural. (...) This is stupid, but now I feel more emotional when I hear the national anthem in the world's championship, in the Olympic Games, I feel more proud of that than when I was in France.” (NS, francês)

“Tu andares na Europa e seres cidadão europeu, à partida em qualquer país europeu em que tu andas as pessoas tratam-te como tal. Portanto tu sentes um diferenciamento positivo. Isso faz-te sentir parte daquilo.” (GS, português)

O *Cidadão Transcendente* (1 caso) é em quase tudo idêntico ao Cidadão Itinerante, logo, sente que primeiro pertence ao país da sua nacionalidade. Mas antes de se reconhecer como europeu, considera-se em segundo lugar cidadão do Mundo, pelos mesmos motivos que os Transcendentes.

O *Cidadão Local* (2 casos) nunca realizou interações intensas, daí a designação de Local. O sentimento de pertença à Europa é ligeiramente incrementado pela vivência diária com um indivíduo de outra nacionalidade. A dinâmica externa do casal, e as suas redes de sociabilidade, podem

revelar-se importantes pois, ao inscreverem-se numa rede fusional ou polivalente, permitem a sua inclusão em círculos transnacionais por intermédio do “*transnational bridging social capital*”.

“my friends are mostly British (...) His friends are half and half. Half British, half international. Also some Portuguese of his own. And the ones we’ve met after we’ve been together are probably more varied, lots of different countries.” (NH, britânico-galesa)

O sexto e último tipo é o *Europeu Passivo* (5 casos), cujo sentimento de pertença privilegia em primeiro lugar a sua nacionalidade e em segundo a Europa, ou só mesmo a sua nacionalidade, independentemente de realizar interações transnacionais. Adicionalmente, as suas representações sobre a Europa não são padronizadas e, quatro dos cinco indivíduos, reconhecem uma multiculturalidade europeia paralelamente à opinião de poucas afinidades culturais, e daí denominarem-se de Passivos na sua relação com a Europa. Então, o envolvimento na relação íntima binacional tende a orientar cognitivamente o efeito para a ligação ao país do cônjuge, sendo indiferente se vivem no seu país ou fora. Propõem-se dois subtipos: o *Isolado* e o *Itinerante*.

O *Passivo Isolado* (3 casos) tem nacionalidade de países não aderentes à UE, ou eurocépticos, e a Europa, ou a UE(?), é um espaço que envolve os seus países, portanto, a sua identidade europeia baseia-se em representações de dimensão geográfica. O seu sentimento de pertença respeita a posição do respetivo país, não aderente à UE ou “eurocéptico”, na estrutura do espaço de identidade europeia, independentemente de realizar ou não interações intensas.

“again Europe is also my home but it's not where I've grew up. So Europe for me is also, something outside of Switzerland. It's like living in Spain, around would be Europe, but inside would be your home, your neighborhood I would guess.” (MM, suíço)

Por último, o *Passivo Itinerante* (2 casos), autocategoriza-se apenas como nacional se bem que realizou interações intensas e apesar de a posição do seu país na estrutura do espaço de identidade europeia ser favorável a uma integração europeia, ou seja, membro da UE, daqui a sua relação identitária com a Europa caracterizar-se como passiva e itinerante.

“If I need to introduce myself I say Estonian, I really don't say european. (...) That's where I've grew up, that's where my home is, that's where I live, that's where I count to live. The rest of Europe it's just a nice place to visit. (...) I think this European issue, people are not so connected, there are still huge differences in cultures, in languages, in history.” (MK, estónia)

A tipologia proposta está resumida no quadro E.1 do anexo E. A inclusão de subtipos torna a tipologia extensa mas esta opção tem um objetivo prático: a análise detalhada dos processos identitários permite operacionalizar pesquisas subsequentes (e.g., será possível efetivar uma nova proposta de tipologia de interações transnacionais com maior capacidade descritiva e explicativa). Mas subsistem algumas questões e a necessidade de alguns esclarecimentos. Por exemplo, ao distinguir os Afetivos Assimilados e Itinerantes está-se a interpretar os critérios relacionais e cognitivos que impõem um sentimento identitário europeu e não a afirmar que os Itinerantes não possam estar

integrados na sociedade recetora por um processo de assimilação. Noutro sentido, será que a tangibilidade da saliência identitária europeia tem iguais possibilidades de se evidenciar em indivíduos de nacionalidades de países da UE e de Schengen quando predominam as representações de cariz cultural? Ou será que ser ou não cidadão da UE pode mediar o efeito das representações de índole cultural no sentimento identitário? Se sim, então justifica-se por que nos Afetivos só se incluíram indivíduos de países da UE, enquanto os Flutuantes já abrangem outros cidadãos de Schengen.

A última questão que se coloca é se existe alguma associação entre as posições dos cônjuges na tipologia proposta. Na verdade, dos 16 casais (em que ambos os companheiros participaram), em mais de metade (10 casais) as posições não são de todo divergentes, definindo-se divergência pelo vetor das representações cultura-UE, o filtro “forte”. De facto, nesses 10 casais as representações de ambos são bastante próximas. Acrescenta-se que, cruzando os dados dos aspetos positivos e negativos da Europa, no total nove casais, dos quais seis têm representações próximas, apresentam a mesma opinião quanto aos aspetos negativos. Coloca-se então a hipótese de que o interacionismo simbólico entre os cônjuges também poderá constituir-se como uma abordagem sociológica válida para o estudo da associação entre a identidade europeia e as relações íntimas binacionais intraeuropeias. Registam-se então três casais em que prevalecem representações de dimensão referente à UE, cinco casais em que prevalece a dimensão cultural, três casais em que existe um equilíbrio relativo entre ambas as dimensões, e cinco em que as posições se distanciam em maior ou menor grau.

3.2.5 Considerações finais da análise de conteúdo das entrevistas

Em geral, desenha-se um perfil cosmopolita a nível individual e um perfil moderno a nível conjugal, manifestando-se indícios de os processos reflexivos serem mediadores das práticas e valores o que, em hipótese, poderá diminuir os conflitos internos comparativamente a outros casais binacionais de menor capital cultural, incluindo o incorporado adquirido por intermédio das experiências transnacionais.

Do prisma identitário, em diversas ocasiões recorreu-se à utilização de conceitos aplicados no estudo de migrações, tais como o *bridging social capital*, *bridging cultural capital* e assimilação. Esta opção, além de demonstrar a ainda insuficiente concetualização teórica de uma identidade europeia, ao nível horizontal, pelo menos que seja do conhecimento resultante da revisão literária elaborada, e de uma integração europeia, é, obviamente, permeável a discussão. Então, deve-se estar ciente tanto das limitações como do potencial, enquanto possibilidade de produzir um campo teórico à escala supranacional europeia, desta abordagem. Por exemplo, a tipologia de interações transnacionais deverá ser aclarada, testando a relação entre alguns indicadores (*e.g.*, contexto institucional da interação, caracterização das redes sociais transnacionais, duração, etc) e um sentimento de pertença.

Tratando-se de um estudo exploratório as conclusões devem ser cautelosamente interpretadas. Por exemplo, não estão representadas todas as nacionalidades incluídas no espaço Schengen e não é possível avaliar o perfil dos indivíduos que recusaram participar. Adicionalmente, devem-se enquadrar as conclusões de acordo com as propriedades sociais dos agentes, e também a sua fase de vida.

CONCLUSÃO

A partir da teoria transaccional de Deutsch, construiu-se uma tipologia de interações transnacionais - Interações prolongadas (viver, estudar ou trabalhar noutra país), Interações curtas (outras que não as prolongadas) e Sem interações - relativamente ao modo como os indivíduos de uma determinada nacionalidade se relacionam ou não com outros países europeus. Verificou-se que a correlação entre o tipo de interação por país e as variáveis macrossociais podem alcançar intensidades altas (até 0,75) comparativamente às ordens de grandeza habituais nas ciências sociais. E uma vez que o sentimento de pertença à Europa depende, em parte, da realização de interações transnacionais, os indicadores de identidade europeia apresentam, também, maior intensidade de relação com indicadores macrossociais. Então, as desigualdades sociais, tanto internas como entre países, influenciam, em parte, um sentimento de pertença europeu. Neste sentido, as desigualdades educacionais condicionam a posição de cada país na estrutura de identidade europeia: maiores desigualdades internas de rendimentos promovem maiores *gaps identitários escolares*, e maiores valores de PIB e IDH fomentam menores *gaps*. Logo, na categoria de indivíduos com escolaridade superior, as representações sobre a Europa adquirem preponderância na distinção de um sentimento de pertença porque, será, exatamente, esta categoria social menos afetada por desigualdades internas, e menos exposta a desigualdades entre países, ainda que não colmatadas. Ressalva-se que o estudo do efeito das interações transnacionais a partir da tipologia proposta, e das desigualdades, deve ser aprofundado com análises multivariadas.

A análise a 36 entrevistas efetuadas a indivíduos com estudos superiores e envolvidos numa relação íntima binacional intraeuropeia, provou a especificidade do grupo. De facto, realizaram um elevado número de interações prolongadas e/ou multiculturais antes da conjugalidade, pelo que, na sua maioria, os indivíduos possuíam *à priori* um sentimento de pertença significativo. A análise de conteúdo permitiu então reconhecer um outro tipo de interações, as multiculturais (*e.g.*, através de voluntariado, cursos de línguas), marcadas pela presença de indivíduos de várias nacionalidades e pela sua duração variável, mas com efeito pelo menos tão marcante quanto as interações prolongadas. Então, redefiniu-se a tipologia de interações para incluir as prolongadas e as multiculturais num tipo denominado de interações intensas e as interações curtas num tipo denominado de interações não intensas. Mas também se verificou que tanto as interações dentro da Europa como no resto do Mundo mobilizam processos cognitivos que se relacionam com um sentimento de pertença, indicando a pertinência de se considerar o próprio endogrupo mas também exogrupos. Provavelmente, as representações sobre a Europa medeiam o efeito das interações transnacionais sobre o sentimento de pertença à Europa, sem excluir que a relação entre as duas variáveis explicativas pode ser dinâmica, e que as interações transnacionais realizadas podem moderar o efeito das representações. As representações substantivam-se num vetor primário, cultura-UE, e quanto mais peso adquire a componente cultural maiores as possibilidades, em hipótese, de se verificar saliência da identidade europeia comparativamente à nacional. Estes resultados poderão consubstanciar maior utilitarismo e menor afetividade na emergência da identidade europeia, pois apenas 8% dos europeus, em 2015, se

consideram primeiro europeus, enquanto nesta amostra metade dos entrevistados apresentam saliência europeia. Mas se a identidade europeia se associa mais à noção de cidadania, ancorada no conceito de UE, em que sentido tal compromete ou beneficia um sentimento de solidariedade e a coesão europeia?

A nível conjugal o efeito mais significativo no sentimento de pertença estabelecer-se-á, de modo indireto, através da vivência noutro país, sendo que a Europa é um espaço preferencial de opções de vida: pelas possibilidades de equilíbrio entre a vida profissional e a vida familiar; por permitir prestar apoio aos ascendentes na sua velhice e manter a ligação entre avós e netos; por ser um espaço 'identitário' de valores. Logo, as ligações intergeracionais associam família e identidade europeia, mesmo que indiretamente, pela opção de viver na Europa. A dinâmica externa da vida conjugal também será uma dimensão importante, principalmente para os indivíduos que nunca realizaram interações intensas e que vivem no seu país, pela sua inclusão em círculos de sociabilidades transnacionais. Propõe-se avaliar o potencial teórico-empírico do conceito de *transnational bridging social capital*, para definir a ponte que o parceiro migrante estabelece entre o parceiro nativo e essas redes de contacto à escala europeia, e do conceito de *transnational bridging cultural capital* quando o cônjuge facilita a incorporação de capital cultural, como a língua. A relação íntima binacional, ora orienta o indivíduo para uma ligação em sentido do país do cônjuge ora em sentido da Europa, indicando que estas relações conjugais também devem ser estudadas na dialética com a nacionalidade do parceiro. Foram então definidos 6 tipos de Europeus envolvidos nestas relações íntimas. O *Afetivo* e o *Flutuante* apresentam representações mais de dimensão cultural e uma orientação do efeito da relação íntima para a ligação à Europa. Mas o primeiro apresenta saliência da identidade europeia e o segundo uma dualidade e efemeridade na saliência identitária. O *Cidadão* e o *Passivo* orientam o efeito da relação íntima para uma maior ligação ao país do cônjuge e expõem uma saliência da pertença à sua nacionalidade. Mas o primeiro privilegia representações sobre a UE e, no segundo, as representações não são padronizadas, baseando a sua pertença europeia mais no critério geográfico, incluindo, assim, cidadãos fora da UE. O *Apátrida* dota a Europa de maior prestígio simbólico do que o seu país, considerando-se apenas europeu, sendo o envolvimento íntimo binacional uma *confirmação* da sua identidade social. Aliás, opiniões culturais negativas do país de origem incrementam, em hipótese, as possibilidades de iniciar uma relação binacional. O *Transcendente* considera-se cidadão do Mundo.

Por último, numa lógica de prosseguimento científico, propõe-se investigar os seguintes pontos em futuras pesquisas: as relações entre as desigualdades sociais e a identidade europeia; objetivar uma tipologia de interações transnacionais que se associe a diferentes níveis de sentimento de pertença; avaliar a invisibilidade do estado social; investigar as associações entre os vários estados sociais e os modos de apoio dos migrantes aos seus ascendentes; consubstanciar as redes sociais transnacionais na conjugalidade; replicar o estudo a casais com baixo capital cultural; e, objetivar a estrutura do espaço de identidade europeia, considerando as descobertas relacionais entre capitais e a sua distribuição no espaço social, a diferenciação qualitativa entre autocategorização e sentimento de ligação, e a relevância de uma abordagem entre os níveis inferior e superior, ou seja, a nacionalidade e o Mundo.

BIBLIOGRAFIA

- Aboim, Sofia, Teresa Amor, Vítor S. Ferreira, e Cátia Nunes (2010), “Transições para a Velhice”, em José M. Pais, e Vítor S. Ferreira (orgs.), *Tempos e Transições de Vida – Portugal ao Espelho da Europa*, Lisboa, ICS, p. 69-106.
- Aboim, Sofia (2010), “Cronologias da vida privada”, em José M. Pais, e Vítor S. Ferreira (orgs.), *Tempos e Transições de Vida – Portugal ao Espelho da Europa*, Lisboa, ICS, p. 107-148.
- Aboim, Sofia (2007), “Clivagens e continuidades de género face aos valores da vida familiar em Portugal e noutros países europeus”, em Karin Wall e Lúcia Amâncio (orgs.), *Família e Género em Portugal e na Europa*, Lisboa, ICS, p. 35-92.
- Aboim, Sofia (2006), *Conjugalidades em Mudança. Percursos e Dinâmicas da Vida a Dois*, Lisboa, ICS.
- Aboim, Sofia (2005), “A formação do casal: formas de entrada e percursos conjugais”, em Karin Wall (org.), *Famílias em Portugal – Percursos, interações, redes sociais*, Lisboa, ICS, p. 185-116.
- Aboim, Sofia (2005), “As orientações normativas da conjugalidade”, em Karin Wall (org.), *Famílias em Portugal – Percursos, interações, redes sociais*, Lisboa, ICS, p. 169-230.
- Aboim, Sofia (2005), “Dinâmicas de interação e tipos de conjugalidade”, em Karin Wall (org.), *Famílias em Portugal – Percursos, interações, redes sociais*, Lisboa, ICS, p. 231-302.
- Almeida, J. Ferreira, Fernando Luís Machado, e António F. Costa (2006), “Classes sociais e valores em contexto europeu”, em Jorge Vala, e Anália Torres (orgs.), *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*, Lisboa, ICS, p. 69-96.
- Almeida, João F. (1986), *Classes Sociais nos Campos. Camponeses parciais numa região do noroeste*, Lisboa, ICS.
- Almeida, A. N., Maria D. Guerreiro (1993), “A Família”, em L. França (org.), *Portugal, Valores Europeus, Identidade Cultural*, Lisboa, IED, p. 181-219.
- Amâncio, Lúcia (2007), “Género e divisão do trabalho doméstico – o caso português em perspectiva”, em Karin Wall e Lúcia Amâncio (orgs.), *Família e Género em Portugal e na Europa*, Lisboa, ICS, p. 181-210.
- Amor, Teresa, Cátia Nunes, e Rui C. Lopes (2010), “Conjugalidade e parentalidade”, em José M. Pais, e Vítor S. Ferreira (orgs.), *Tempos e Transições de Vida – Portugal ao Espelho da Europa*, Lisboa, ICS, p. 149-184.
- Archer, Margaret S. (2003a), *Realist Social Theory. The Morphogenetic Approach*, Cambridge, Cambridge University Press, citado por Ana Caetano (2011), “Para uma Análise Sociológica da Reflexividade Individual”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 66, p. 157-174.
- Archer, Margaret S. (2003b), *Structure, Agency and the Internal Conversation*, Cambridge, Cambridge University Press, citado por Ana Caetano (2011), “Para uma Análise Sociológica da Reflexividade Individual”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 66, p. 157-174.
- Bourdieu, Pierre (2007), *A Distinção. Crítica social do julgamento*, Porto Alegre, Editora Zouk.
- Bourdieu, Pierre (1998), *Practical Reason. On the Theory of Action*, Stanford, California, Stanford University Press.
- Bourdieu, Pierre (1989), *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil.
- Brandt, Martina, Klaus Haberkern, e Marc Szydlik (2009), “Intergenerational Help and Care in Europe”, *European Sociological Review*, (Online), .251 (51), p. 585-601. DOI: 10.1093/esr/jcn076.
- Brannen, Julia, Suzan Lewis, Ann Nilsen, e Janet Smithson (2002) *Young Europeans, Work and Family. Futures in transition*, London e New York, Routledge.
- Burguière, André, Christiane Klapisch-Zuver, Martine Segalen, Françoise Zonabend (1998), *História da Família III. O Choque das Modernidades: Ásia, África, América, Europa*, Lisboa, Terramar.

- Burguière, André, Christiane Klapisch-Zuver, Martine Segalen, Françoise Zonabend (1999), *História da Família IV. O ocidente: Industrialização e Urbanização*, Lisboa, Terramar.
- Caetano, Ana (2011), “Para uma Análise Sociológica da Reflexividade Individual”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, (Online) 66, 2011, p. 157-174.
Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/spp/n66/n66a08.pdf>
- Casanova, J. Luís (2004), *Natureza Sociais*, Oeiras, Celta Editora.
- Casanova, J. Luís (1995), “A ‘Teoria da Prática’ – Uma prática menos teorizada”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 17, p. 61-73.
- Citrin, Jack, e John Sides (2004), “Can Europe Exist Without Europeans? Problems of Identity in a Multinational Community”, *Advances in Political Psychology*, Elsevier, (Online), p. 41-70. Disponível em <http://home.gwu.edu/~jsides/europeans.pdf>
- Comissão Europeia (2015), “*Standard Eurobarometer / Autumn 2015, n°83 - European Citizenship*”, (Online). DOI: 10.2775/011080
- Comissão Europeia (2014a), “*Standard Eurobarometer / Autumn 2014, n°82 - European Citizenship*”, (Online). DOI: 10.2775/14950, Base de dados: Eurobarometer 82.3. TNS Opinion, Brussels [producer]. GESIS Data Archive, Cologne. ZA5932 2.0.1, DOI:10.4232/1.12259
- Comissão Europeia (2014b), “*Standard Eurobarometer / Spring 2014, n°81 - European Citizenship*”, (Online), Disponível em http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/eb/eb81/eb81_citizen_en.pdf Base de dados: Eurobarometer 81.4, TNS Opinion, Brussels [producer]. GESIS Data Archive, Cologne. ZA5928 2.0.0, DOI:10.4232/1.12201
- Comissão Europeia (2007), “*Special Eurobarometer n° 278. European Cultural Values*”, (Online). Disponível em http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_278_en.pdf Base de dados: Eurobarometer 67.1 (Feb-Mar 2007). TNS OPINION & SOCIAL, Brussels [Producer]. GESIS Data Archive, Cologne. ZA4529 3.0.1, DOI: 10.4232/1.10983
- Comissao Europeia (2012), “*The Development of European Identity/Identities: Unfinished Business - A Policy Review*”, (Online). Disponível em <http://www.euroidentities.org/>
- Costa, António F., Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, Nuno Nunes, e Ana Lúcia Romão (2015), “*A Constituição de um Espaço Europeu de Desigualdades*”, Observatório das Desigualdades, (Online), e-Working Paper 1/2015, DOI: 10.15847/CIESODWP012015
- Costa, António F. (2008 [1999]), *Sociedade de bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*, Oeiras, Celta Editora, 2º edição.
- Cunha, Vanessa (2007), *O Lugar dos Filhos. Ideais, práticas e significados*, Lisboa, ICS.
- Delanty, Gerard (2005), “What does it mean to be a ‘European?’”, *Innovation*, (Online), 18 (1), p. 11-22. DOI: 10.1080/1351161042000334763
- Delanty, G. (2002), “Models of European Identity: Reconciling Universalism and Particularism”, *Perspectives on European Politics and Society*, (online), Leiden, 3 (3), p. 345-359. DOI: 10.1080/15705850208438841
- Delhey, Jan, Emanuel Deutschmann, Timo Graf, e Katharina Richter (2014) “Measuring the Europeanization of Everyday Life: Three New Indices and an Empirical Application”, *European Societies*, (Online), 16 (3), p. 355-377. DOI: 10.1080/14616696.2014.904916
- Dellgran, Peter, Majen Espvall, Maria das Dores Guerreiro, e Rosário Mauritti (2012), “Crowding out, crowding in or just a matter of transformation? Informal financial support in Portugal and Sweden”, *European Journal of Social Work*, (Online), 15 (3), p. 393-411. DOI: 10.1080/13691457.2011.554803
- Deutsch, Karl (1978), *Análise das relações internacionais*, Brasília, Editora Universidade de Brasília.

- Deutsch, Karl (1966), *Nationalism and Social Communication*, Massachusetts Institute of Technology, 2ª Edição.
- Deutsch, Karl (1963), *The Nerves of Government*, London, The Free Press of Glencoe.
- Djurdjevic, Marija (2013), “*Inter-European Mixed Families’ Identity Negotiation: Crossing Borders of the National, Transcending Boundaries of the Western*”, COST Action IS0803, E-Working Paper. Disponível em http://www.eastbordnet.org/working_papers/open/relocatingborders/Djurdjevic_InterEuropean_Mixed_Families_Identity_Negotiation_130527.pdf
- Durkheim, Emile (1978), *On Institutional Analysis*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Durkheim, Emile (1893), “A Divisão do Trabalho Social”, em Braga da Cruz, *Teorias Sociológicas. Os fundadores e os clássicos (Antologia de textos I Volume)*”, Lisboa, Fundação Calouste de Gulbenkian, 7ª edição, 2013, p 313-323.
- Durkheim, Emile (1893), “Solidariedade Mecânica e Orgânica”, em Braga da Cruz, *Teorias Sociológicas. Os fundadores e os clássicos (Antologia de textos I Volume)*”, Lisboa, Fundação Calouste de Gulbenkian, 7ª edição, 2013, p 325-343.
- Esping-Andersen, Gosta (2003), *Social Foundations of Postindustrial Economies*, Oxford, Oxford University Press.
- Eurostat (2016a), *GDP per capita in PPS*, disponível em <http://ec.europa.eu/eurostat/tgm/table.do?tab=table&init=1&language=en&pcode=tec00114&plugin=1>, Consultado em 1 de Abril de 2016.
- Eurostat (2016b), *Gini coefficient of equivalised disposable income - EU-SILC survey*, disponível em <http://ec.europa.eu/eurostat/tgm/table.do?tab=table&language=en&pcode=tessi190> Consultado em 1 de Abril de 2016.
- Eurostat (2016c), *Population by educational attainment level, sex and age (%) - main indicators*, disponível em http://appsso.eurostat.ec.europa.eu/nui/show.do?dataset=edat_ifse_03&lang=en Consultado em 1 de Abril de 2016.
- Favell, Adrian (2008), *Eurostars and Eurocities. Free Movement and Mobility in an Integrating Europe*, Oxford, Blackwell Publishing.
- Ferreira, Vítor S., e Cátia Nunes (2010), “Transições para a idade adulta”, em José M. Pais, e Vítor S. Ferreira (orgs.), *Tempos e Transições de Vida – Portugal ao Espelho da Europa*, Lisboa, ICS, p. 39-68.
- Fligstein, Neil (2008), *Euroclash. The EU, European Identity, and the Future of Europe*, Oxford, Oxford University Press.
- Gaspar, Sofia (2012), “Patterns of Bi-national Couples Across Five EU Countries ”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, (Online), 70, p. 71-89. DOI: 10.7458/SPP2012701211
- Gaspar, Sofia. (2010), ‘Family and social dynamics among European mixed couples’, *Portuguese Journal of Social Science*, (Online), 9 (2), p. 109–125. DOI: 10.1386/pjss.9.2.109_1
- Gaspar, Sofia (2009), “*Mixed marriages between European free movers*”, CIES e-Working Paper n. ° 65/2009. Disponível em http://www.cies.iscte-iul.pt/destaques/documents/CIES-WP46_Gaspar_000.pdf
- Gaspar, Sofia (2008), “*Towards a definition of European intra-marriage as a new social phenomenon*”, CIES e-Working Paper, 46. Disponível em http://cies.iscte-iul.pt/destaques/documents/CIES-WP65_Gaspar.pdf
- Gelles, Richard J. (1995), *Contemporary families: a sociological view*, Thousand Oaks, Sage Publications.
- Giddens, Anthony (2001), “*ransformações da Intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*”, Oeiras, 2ª Edição, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (2000), *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, 4ª Edição, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (2009), *Sociology*, Cambridge, Polity Press, 9ª Edição.

- Goody, Jack (1995), *Família e Casamento na Europa*, Oeiras, Celta Editora.
- Guerreiro, Maria, e Helena Carvalho (2007), “O stress na relação trabalho-família”, em Karin Wall, e Lúcia Amâncio (orgs.), *Família e Género na Europa*, Lisboa, ICS.
- Guerreiro, Maria, Anália Torres, e Cristina Lobo (2006), “Famílias em Mudança: configurações, valores e processos de recomposição” em Maria das Dores Guerreiro, Anália Cardoso Torres e Luís Capucha (orgs.), *Quotidiano e Qualidade de Vida, (Portugal no Contexto Europeu)*, Lisboa, Celta Editora.
- Haandrikman, Karen (2014), “Binational Marriages in Sweden: Is There an EU Effect?”, *Population, Space and Place*, (Online), 20, p. 177–199. DOI: 10.1002/psp.1770
- Hantrais, Linda (2004), *Family Policy Matters. Responding to family change in Europe*, Bristol, The Policy Press.
- Huici, Carmen, Ángel Gómez, e Antonio Bustillos (2010), “Identidade Nacional, Regional e Europeia: identidade comparativa e diferenciações em Espanha”, em José M. Sobral, e Jorge Vala (org.), *Identidade Nacional, Inclusão e Exclusão Social*, Lisboa, ICS, p. 173-190.
- Jacobone, Vittoria, e Giuseppe Moro (2015), “Evaluating the impact of the Erasmus programme: skills and European identity”, *Assessment & Evaluation in Higher Education*, Routledge, (Online), 40 (2), p. 309-328. DOI: 10.1080/02602938.2014.909005
- Joye, Dominique, Nicole Schobi, e Eva Green (2010), “Imigração, União Europeia e Identidade Nacional: será a Suíça um caso especial?”, em José M. Sobral, e Jorge Vala (org.), *Identidade Nacional, Inclusão e Exclusão Social*, Lisboa, ICS, p. 155-172.
- Judt, Tony (2011), *Pós-guerra. História da Europa desde 1945*, Lisboa, Edições 70.
- Judt, Tony (2008), *Reappraisals. Refelctions on the Forgotten Twentieth Century*, London, William Heinemann.
- Kaina, Viktoria, e Ireneusz Paweł Karolewski (2013), “EU governance and European identity”, *Living Reviews in European Governance*, (Online), 8 (1). DOI: 10.12942/lreg-2013-1
- Kellerhals, Jean, e E. Hugghetty McCluskey (1988), “Uma Topografia Subjectiva do Parentesco. Contributo para o Estudo das Redes de Parentesco nas Famílias Urbanas”, *Revista Sociologia Problemas e Práticas*, 5, p. 169-184.
- Koelet, Suzana, e Helga A.G. de Valk (2014), “European Liaisons? A Study on European bi-national Marriages in Belgium”, *Population, Space and Place*, (Online), 20, p. 110–125. DOI: 10.1002/psp.1773
- Koelet, Suzana, Christoph van Mol, e Helga A.G. de Valk (2014), “Social embeddedness in a harmonized Europe: The social networks of European migrants with a native partner in Belgium and the Netherlands”, Working Paper 2014/11, Netherlands Interdisciplinary Demographic Institute (NIDI). DOI: 10.1111/glob.12123
- Kuhn, Theresa (2012), “Why Educational Exchange Programmes Miss Their Mark: Cross-Border Mobility, Education and European Identity” *Journal of Common Market Studies*, (Online), Oxford, Blackwell Publishing Ltd, Volume 50 (6), p. 994–1010. DOI: 10.1111/j.1468-5965.2012.02286.x
- Lewicka, Maria (2008), “Place attachment, place identity, and place memory: Restoring the forgotten city past”, *Journal of Environmental Psychology*, (Online), 28, p. 209–231. DOI: 10.1016/j.jenvp.2008.02.001
- Mau, Steffen, e Jan Mewes (2012), “Horizontal Europeanisation in Contextual Perspective” *European Societies*, (Online), 14 (1), p. 7-34. DOI: 10.1080/14616696.2011.638083
- Mauritti, Rosário, Susana Martins, Nuno Nunes, Ana Lúcia Romão, e António Firmino da Costa (2016), “The Social Structure of European Inequality. A multidimensional perspective”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, (Online), 81, p. 75-93. DOI: 10.7458/SPP2016818798

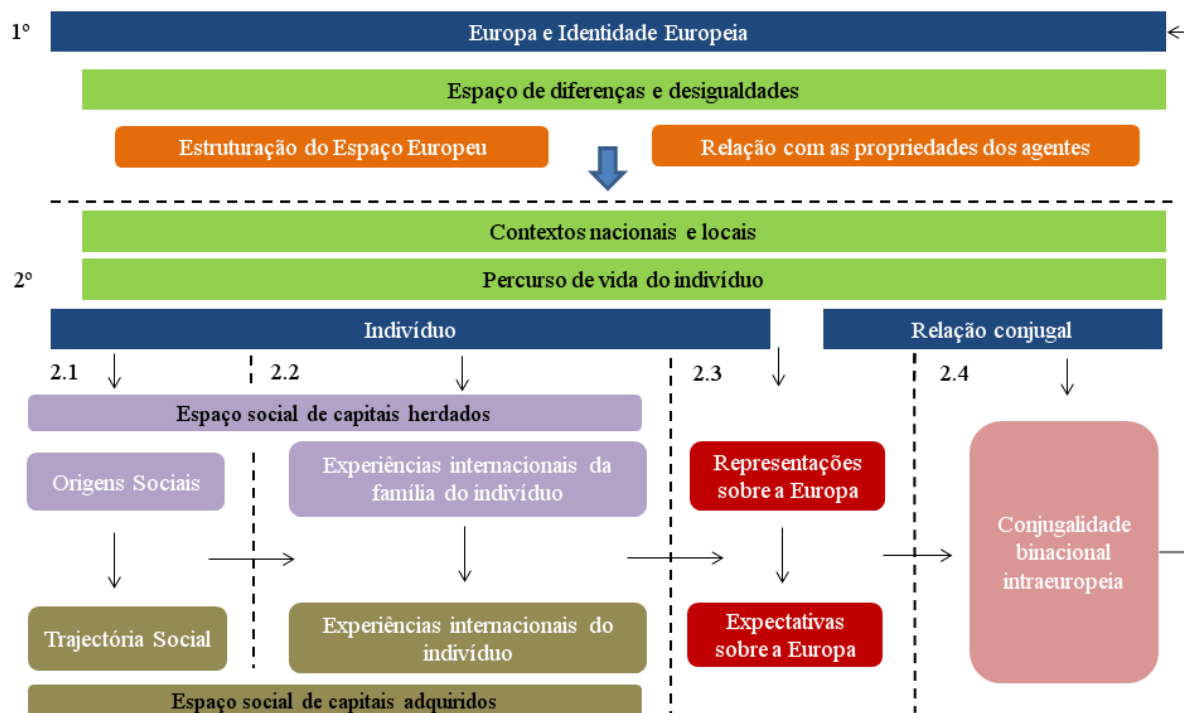
- Medrano1, Juan Díez, Clara Cortina, Ana Safranoff, e Teresa Castro-Martín (2014), “Euromarriages in Spain: Recent Trends and Patterns in the Context of European Integration”, *Population, Space and Place*, (Online), 20, p. 157–176. DOI: 10.1002/psp.1774
- Merton, Robert (1970), *Sociologia: Teoria e Estrutura*, São Paulo, Editora Mestre Jou
- Mol, Christof, e Peter Ekamper (2015), “*Destination cities of European Exchange Students*”, Working Paper: 2015/05, (Online), Netherlands Interdisciplinary Demographic Institute (NIDI). DOI: 10.1080/00167223.2015.1136229
- Mol, Christof, e Helga de Valk (2015), “*European movers’ language use patterns at home. A case-study of European bi-national families in the Netherlands*”, Working Paper 2015/06, (Online), Netherlands Interdisciplinary Demographic Institute (NIDI). Disponível em <http://www.nidi.nl/shared/content/output/papers/nidi-wp-2015-06.pdf>
- Mol, Christof, e Helga de Valk (2014), “*Relationship satisfaction of European binational couples in the Netherlands*”, Working Paper no.: 2014/13, (Online) Netherlands Interdisciplinary Demographic Institute (NIDI). DOI: 10.1016/j.ijintrel.2015.12.001
- Mol, Christof, Helga de Valk, e Leo van Wissen (2015), “Falling in love with(in) Europe: European binational love relationships, European identification and transnational solidarity”, *European Union Politics*, (Online), Sage Publications, 0 (0), p. 1-21. DOI: 10.1177/1465116515588621
- Mol, Christof (2013), “Intra-European Student Mobility and European Identity: A Successful Marriage?”, *Population, Space and Place*, (Online), 19, p. 209–222. DOI: 10.1002/psp.1752
- Parsons, Talcott (1982), *On Institutions and Social Evolution*, Chicago and London, The University of Chicago Press.
- Parsons, Talcott (1970), *Social Structure and Personality*, London, The Free Press.
- Parsons, Talcott, e Robert Bales (1955), *Family, Socialization and Interaction Process*, Illinois, The Free Press.
- Pires, Rui Pena (2012), “O problema da integração”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 24, p.55-87.
- Pires, Rui Pena (2003), *Migrações e Integração. Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*, Oeiras, Celta Editora.
- Putnam, Robert (2000), *Bowling Alone: Collapse and Revival of American Community*, New York: Simon & Schuster.
- Quintelier, Ellen, Soetkin Verhaegen, e Marc Hooghe (2014), “The Intergenerational Transmission of European Identity: The Role of Gender and Discussion within Families”, *Journal of Common Market Studies*, (Online), Oxford, Blackwell Publishing Ltd, 52 (5). p. 1103–1119. DOI: 10.1111/jcms.12129
- Quivy, Raymond, e LucVan Campenhoudt (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa.
- Recchi, Ettore, e Adrian Favell (orgs.) (2009), *Pioneers of European Integration Citizenship and Mobility in the EU*, Cheltenham, Edward Elgar Publishing Limited.
- Scalise, Gemma (2015) “The Narrative Construction of European Identity. Meanings of Europe ‘from below’, *European Societies*, (Online), 17 (4), p. 593-614. DOI: elow’, *European Societies*, 17:4, 593-614, DOI: 10.1080/14616696.2015.1072227
- Schroedter , Julia H., Jörg Rössel, e Georg Datler (2015), “European Identity in Switzerland: The Role of Intermarriage, and Transnational Social Relations and Experiences”, *ANNALS, AAPSS*, (Online), 662, p. 148-168. DOI: 10.1177/0002716215595394

- Schroedter, Julia H., e Jörg Rössel (2014), “Europeanisation without the European Union? The Case of Bi-national Marriages in Switzerland”, *Population, Space and Place*, (Online), 20, p. 139–156. DOI: 10.1002/psp.1771
- Segalen, Martine (1999), *Sociologia da Família*, Edições Terramar, Lisboa.
- Sigalas, Emmanuel (2010), “Cross-border mobility and European identity: The effectiveness of intergroup contact during the Erasmus year abroad”, *European Union Politics*, Sage Publications, (Online), 11 (2), p. 241–265. DOI: 10.1177/1465116510363656
- Silva, Filipe Carreira (2004), “Cidadãos da Europa? Algumas reflexões sobre o patriotismo constitucional”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (Online), 70, p. 127-145. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/70/RCCS70-FCarreira%20Silva-127-145.pdf>
- Simmel, Georg (1923), “O Cruzamento de círculos sociais” em Braga da Cruz, *Teorias Sociológicas. Os Fundadores e os Clássicos (Antologia de textos)*, Lisboa, Fundação Calouste de Gulbenkian, 7ª edição, 2013, p.573-578.
- Sinnott, R. (2005), “An Evaluation of the Measurement of National, Subnational and Supranational Identity in Crossnational Surveys”, *International Journal of Public Opinion Research*, (Online), 18 (2), p. 211–223. Disponível em <http://hdl.handle.net/10197/1846>
- Sobral, José M., e Jorge Vala (org.) (2010), *Identidade Nacional, Inclusão e Exclusão Social*, Lisboa, ICS, 2010.
- Therborn, Göran (2004), *Between Sex and Power. Family in the world, 1900–2000*, London, Routledge.
- Torres, Anália (2001), *Sociologia do Casamento: a Família e a Questão Feminina*, Oeiras, Celta Editora
- Torres, Anália, Rita Mendes, e Tiago Lapa (2006), “Famílias na Europa”, em Jorge Vala, e Anália Torres (orgs.), *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*, Lisboa, ICS, p 97-146.
- UNPD (2014), “*Human Development Report 2014*”. Disponível em <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr14-report-en-1.pdf>
- UNPD (2015), “*Human Development Report 2015*”. Disponível em http://hdr.undp.org/sites/default/files/2015_human_development_report.pdf
- Valk, Helga A. G., e Juan Díez Medrano (2014), “Guest Editorial on Meeting and Mating Across Borders: Union Formation in the European Union Single Market”, *Population, Space and Place*, (Online), 20, p. 103–109. DOI: 10.1002/psp.1768
- Vasconcelos, Pedro (2011), *Capital Social, Solidariedade Familiar e Desigualdade Social no Portugal Contemporâneo*, Tese de Doutoramento em Sociologia, Lisboa, Departamento de Sociologia, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa,.
- Wall, Karin (2007), “Atitudes face à divisão familiar do trabalho em Portugal e na Europa”, em Karin Wall e Lígia Amâncio (orgs.), *Família e Género em Portugal e na Europa*, Lisboa, ICS, p. 211-257.
- Wall, Karin (2005), *Famílias em Portugal – Percursos, interações, redes sociais*, Lisboa, ICS.
- Wall, Karin, e Maria das Dores Guerreiro (2005), “A divisão familiar do trabalho”, em Karin Wall (org.), *Famílias em Portugal – Percursos, interações, redes sociais*, Lisboa, ICS, p. 303-362.
- Weber, Max (1978), “Chapter I - Basic Sociological Terms”, em Guenther Roth, e Claus Wittich (orgs.), *Economy and Society*, Berkeley. Los Angeles, London, University of California Press, p. 3-43.
- Whelan, Christopher, e Bertrand Maître (2009) “The ‘Europeanisation’ Of Reference Groups” *European Societies*, (Online), 11 (2), p. 283-309. DOI: 10.1080/14616690701846938
- Wissen, Leo J. G., e Liesbeth Heering (2014), “Trends and Patterns in Euro-Marriages in the Netherlands”, *Population, Space and Place*, (Online) 20, p. 126–138. DOI: 10.1002/psp.1769

ANEXOS

ANEXO A – Modelo de análise e Tipologia de interações transnacionais

Figura A.1 – Modelo de análise



Quadro A.1 – Construção da variável referente à tipologia de interações transnacionais

Item	Tipo de interação
1 Nenhum/menor controlo das fronteiras quando viaja para o estrangeiro	Curta
2 Melhoria dos direitos dos consumidores na compra de produtos ou serviços noutra país da UE	Curta
3 Custos mais baixos das comunicações quando utiliza um telemóvel noutra país da UE	Curta
4 Receber assistência médica noutra país da UE	Curta
5 Fortalecer os direitos dos passageiros de transporte aéreo na UE	Curta
6 Trabalhar noutra país da UE	Prolongada
7 Viver noutra país da UE	Prolongada
8 Estudar noutra país da UE	Prolongada
9 Voos menos caros e uma maior escolha de companhias aéreas	Curta

* Opções de resposta em cada item: 1) Beneficiou; 2) Não beneficiou e; 3) NS/NR

Não foram consideradas as não respostas.

Questão: “Para cada um dos resultados alcançados pela União Europeia diga-me se beneficiou deles ou não”

Fonte: Eurobarómetro 81.4 (Comissão Europeia, 2014b)

ANEXO B – Guião da entrevista

Instruções: verificar os itens referenciados por baixo das questões. Questionar se não mencionado ou se aplicável.

1. Importa-se de se apresentar?

- *Idade, nacionalidade, naturalidade, local de residência, escolaridade, profissão, condição perante a profissão, tem filhos (da atual relação ou de anteriores)*

2. Suncintamente gostaria de saber as mesmas informações sobre os seus pais.

- *Idade, nacionalidade, naturalidade, residência, escolaridade, profissão, condição perante a profissão*

3. Os seus pais viveram, ou viajaram, noutros países?

- *Se sim quais?*

Gostaria agora de pedir-lhe que me falasse do que foi o seu percurso de vida até ao momento em que começou a sua atual relação conjugal.

4. Aprendeu a falar outras línguas? Quais?

- *Na escola, por iniciativa própria, outro cenário?*

5. Quais os locais onde viveu até esse momento, e quais os mais marcantes para si?

- *Quais os motivos da mudança e em que idade ocorreram?*
- *Se estudou, trabalhou ou simplesmente viveu, porque é que escolheu esse(s) país(es)?*

6. E realizou viagens a outros países? Se sim, o que representaram no momento e que significados lhes atribuiu na sua vida?

- *Quais as mais marcantes? Viagens em lazer/trabalho? E as viagens ao resto do Mundo?*
- *Manteve/mantém contacto com amigos dessas experiências?*

7. As viagens que realizou fizeram-no repensar as suas ideias sobre a Europa?

- *Viagens dentro e fora da Europa*

8. Pode-me falar o que representa para si a Europa?

- *Algumas palavras ou expressões sucintas que traduzem para si a Europa. Quais as suas primeiras ideias?*

9. Na sua opinião quais os aspetos positivos e os aspetos negativos da Europa?

10. A sua opinião sobre a Europa tem mudado ao longo do tempo?

11. Em que países, europeus ou não europeus, preferiria viver?

- *E trabalhar? E é possível trabalhar onde prefere?*

Agora gostaria que me falasse mais da sua vida desde o início da sua atual relação íntima.

12. Para começar gostaria de saber se é a primeira relação com uma pessoa de outro país? Se não, pode-me contar rapidamente um pouco sobre essas relações?

- *Como se conheceram? Porque terminaram a relação?*
- *Existem outros relacionamentos binacionais na sua família?*

13. Conte-me, relativamente ao seu parceiro(a) atual, como e quando se conheceram, e quando começaram a namorar?

- *Quando é que contaram aos familiares, aos amigos e quais as reações? Procedeu de forma diferente de outros relacionamentos?*

14. Em que língua costumam comunicar?

15. Quais os motivos que os levaram a viver juntos?

- *Formalizaram o casamento ou vivem em união de facto?*
- *Quais os países em que já viveram?*
- *Equacionaram viver noutra país? Porquê?*

16. Consideraram a hipótese de formalizar a união?

- *O que pesou na vossa decisão? Tradições familiares ou do país foram tidas em conta?*

17. Fizeram algum pré-acordo quando decidiram viver em casal relativamente à divisão das tarefas domésticas?

- *Divisão de tarefas domésticas diárias (cozinhar, lavar a roupa, lavar a louça, arrumar a roupa, limpar a casa, etc)*
- *Divisão de tarefas domésticas esporádicas (compras, jardinagem, carro, tarefas administrativas, reparações, etc)*
- *Fazem as tarefas em conjunto ou autonomamente?*
- *Está mais perto do modo de se fazerem as coisas no seu país, do país do seu parceiro(a) ou do país de residência?*

18. A que horas costumam tomar as refeições? E que tipo de gastronomia cozinham?

19. Em termos percentuais como considera ser a vossa repartição de tarefas domésticas?

- *Sente que faz o que deve fazer, faz menos ou faz mais do que lhe compete?*

20. E o que pré-acordaram relativamente às atividades de lazer?

- *Fazem atividades em conjunto ou autonomamente?*
- *Tipo de atividades (ir ao cinema, ao teatro, ir a um evento desportivo, fazer desporto, exposições, ir ao restaurante, ir ao café/bar, jantar em casa de amigos, etc)*
- *Está mais perto do modo de se fazerem as coisas no seu país, do país do seu parceiro(a) ou do país de residência?*
- *Encontra diferenças entre os seus amigos e o que você faz?*

21. Como descreve a vossa rede de sociabilidade e amigos, etc?

- *Diversidade de nacionalidades, frequência de interação, Autonomia ou Fusão de redes*

22. A sua rede de sociabilidades alterou-se com o envolvimento na atual relação?

- *Se sim, sente que isso altera a sua opinião ou o que sente sobre a Europa?*

23. Relativamente à vida profissional, tomaram decisões em conjunto ou autónomas neste aspeto?

- *Trabalham os dois, só um? Regime full-time, part-time?*
- *Qual a carreira a que dão maior prioridade?*

24. Têm filhos / Planeiam ter filhos?

- *Se sim, pode-me dizer as suas idades?*
- *Quais as suas nacionalidades*
- *Qual a importância dos apoios estatais para terem filhos (licença de parentalidade, creche, ensino, cuidados de saúde, etc)*

25. Negociaram as opções profissionais no cenário de terem filhos?

- *Se por algum motivo particular, familiar, um dos dois tiver de faltar ao trabalho, qual dos dois falta, por exemplo para ir com um filho ao médico?*

26. Que educação deram/esperam dar aos filhos?

- *Em que escolas? Que línguas devem aprender? Devem estudar num outro país? Que valores espera transmitir?*

27. Se tem filhos: Como dividem as tarefas com os filhos em casa?

- *Vestir a roupa, ajudar nos trabalhos escolares, levar à escola, levar os filhos ao médico – perguntar item a item*
- *Se não tem filhos, como será a divisão, etc?*

28. E quanto à guarda dos filhos?

- *Frequência de creche/infantário? Qual seria a situação ideal? Como seria se estivesse no seu país?*

29. Espera que os seus filhos o apoiem na velhice?

- *Como? Cuidando, apoiando?*

30. E você presta/espera prestar apoio ou cuidados aos seus pais na velhice deles?

- *Como conjugar esse apoio se eles viverem num país diferente?*
- *O que lhe parece ser o modo ideal de prestação de cuidar das gerações mais velhas?*

31. Por acaso algumas das opções tomadas pessoalmente, ou em família, tiveram em consideração as vantagens dos diferentes estados sociais nacionais?

- *Por exemplo, em termos de apoio à constituição de família, de reforma no futuro, de cuidados de saúde, da educação das crianças*

Farei agora algumas questões para concluirmos a nossa entrevista.

32. De acordo com a sua experiência pessoal pode-me dizer quais os aspetos que considera mais positivos e negativos na relação com uma pessoa de outro país, em particular na sua atual relação com outra pessoa europeia?

- *Que aspetos normalmente geram mais conflito?*

33. Estar envolvido numa relação com uma pessoa de outra nacionalidade europeia mudou a sua opinião, ou o que sente, sobre a Europa?

Por último, farei agora duas questões em que lhe dou opções de resposta.

34. Como se vê a si próprio? *(o entrevistado deve escolher apenas uma opção)*

- 9.1 *Nacionalidade*
- 9.2 *Nacionalidade e Europeu (por ordem)*
- 9.3 *Europeu e Nacionalidade (por ordem)*
- 9.4 *Europeu*
- 9.5 *Outra*

35. Pode-me explicar por que se vê a si próprio como *ditar resposta do entrevistado?*

36. O envolvimento na sua atual relação mudou em alguma forma a forma como se vê?

37. Em que medida se sente ligado(a): Muito ligado / Ligado / Pouco Ligado / nada Ligado

- 9.2 *A Portugal?*
- 9.3 *E à Europa?*
- 9.4 *E ao Mundo?*
- 9.5 *Ao país do seu/sua parceiro(a)?*
- 9.6 *Ao país de residência ou outros países que sinta ligação?*

38. Pode-me explicar sucintamente o que o faz sentir ligado a cada um desses lugares?

39. O envolvimento na sua atual relação mudou em alguma forma como se sente ligado à Europa?

ANEXO C – Análise contextual: apontamentos complementares

C.1 Interações transnacionais: análise descritiva bivariada - complementos

Variáveis microssociais (usando dados do Eurobarómetro 81.4 (Comissão Europeia, 2014b))

A análise por sexo, revela que quase um terço dos homens nunca realizou qualquer interação enquanto nas mulheres esse valor é de 38,4%. Os homens realizaram mais interações, nomeadamente de tipo prolongado, 23,5% contra 19,3% das mulheres, enquanto as percentagens de interações do tipo curto são mais próximas, 44,% contra 42,2% respetivamente. A relação entre sexo e tipo de interação é muito fraca (V de Cramer =0,072) e significativa ($\chi(2)=144,62;p<0,001$).

Quanto à determinante etária, cerca de um quarto dos indivíduos entre os 15 e os 44 anos não realizaram interações, e o valor cresce com a idade até mais de metade acima dos 75 anos. As interações curtas prevalecem no grupo etário entre os 15 e os 75 anos ($\approx 45\%$). Só os indivíduos com mais de 75 anos apresentam um valor inferior a um terço. Por último, as interações prolongadas também foram mais realizadas por indivíduos mais novos, pouco mais de um quarto até aos 44 anos. Os valores diminuem progressivamente até 10% na faixa dos 75 anos. A relação entre as faixas etárias e o tipo de interação é muito fraca (V de Cramer=0,151) e significativa ($\chi(12)=1276,39;p<0,001$).

Em termos de classe profissional salienta-se que entre um terço e metade dos reformados, domésticos, desempregados e trabalhadores manuais nunca efetuaram qualquer interação, enquanto nos estudantes, trabalhadores por conta própria e “*other white collar*” o valor é de cerca de um quarto, e para os “*managers*” de 12%. Os “*managers*” também realizaram mais interações prolongadas, quase um terço, enquanto os reformados são os que realizaram menos, cerca de 14%. A relação entre a classe profissional e o tipo de interação é muito fraca (V de Cramer=0,021) e significativa ($\chi(4)=13,30;p<0,05$).

Variáveis macrossociais

Quadro C.1 – Correlações entre o tipo de interação e as variáveis macrossociais em 2014 por país

		Gini2014	PIB_PPS_2014	IDH_2014
Grupo Sem Interações	Pearson Correlation	,617**	-,654**	-,644**
	Sig. (1-tailed)	0	0	0
	N	28	28	28
Grupo Interações Curtas	Pearson Correlation	-,606**	,471**	,746**
	Sig. (1-tailed)	0	0,006	0
	N	28	28	28
Grupo Interações Prolongadas	Pearson Correlation	-0,127	,357*	-0,013
	Sig. (1-tailed)	0,259	0,031	0,474
	N	28	28	28

** . Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

Fonte: produção própria em SPSS usando dados do Eurobarómetro 81.4 (Comissão Europeia, 2014b), Eurostat (2016a; 2016b) e UNPD (2015)

C.2 Escolaridade: análise descritiva e bivariada – complementos

Foram testadas as relações entre a diferença em percentagem absoluta nas variáveis de indicadores de identidade europeia entre os indivíduos nas categorias de quem terminou os estudos após os 20 anos de idade e os que terminaram até aos 15 anos - denomine-se esta variável de *gap identitário escolar* - e o coeficiente de Gini dos rendimentos, o PIB PPS e o IDH. A primeira conclusão é que em 2014 a intensidade das relações são todas superiores a 2007, excepto entre o sentimento de ligação e o coeficiente de Gini.

Sentimento de Ligação: 1) o *gap* identitário escolar é maior quanto maior for o coeficiente de Gini do respetivo país. Em 2014 e em 2007 a relação é moderada ($r=0,467$ e $r=0,525$, respetivamente); 2) O *gap* identitário escolar tende a ser menor quanto maior for o PIB PPS do respetivo país. Em 2014 e em 2007 a relação é fraca ($r=-0,352$ e $r=-0,366$, respetivamente); 3) O *gap* identitário escolar tende a ser menor quanto maior for o IDH do respetivo país. Em 2014 e em 2007 a relação é fraca ($r=-0,336$ e $r=-0,239$, respetivamente).

Autocategorização: 1) o *gap* identitário escolar tende a ser maior quanto maior for o coeficiente de Gini do respetivo país. Em 2014 a relação é baixa ($r = 0,205$) e em 2007 a relação ainda é mais baixa ($r=0,056$); 2) o *gap* identitário escolar tende a ser menor quanto maior for o PIB PPS do respetivo país. Em 2014 a relação é baixa moderada ($r=-0,577$) e em 2007 a relação ainda é fraca ($r=-0,366$); 3) o *gap* identitário escolar tende a ser menor quanto maior for o IDH do respetivo país. Em 2014 a relação é fraca ($r=-0,344$) e em 2007 a relação é muito fraca ($r=-0,104$).

Quadro C.2 – Correlações entre o *gap* identitário escolar e as variáveis macrossociais em 2014 por país

		Gini_2014	PIB_PPS_2014	IDH_2014
Sentimento de Ligação	Pearson Correlation	,467**	-,352*	-,336*
Gap identitário escolar (diferença +20 anos edu. - 15 anos edu.)	Sig. (1-tailed)	0,005	0,031	0,037
	N	29	29	29
Autocategorização	Pearson Correlation	0,205	-,577**	-,344*
Gap identitário escolar (diferença +20 anos edu. - 15 anos edu.)	Sig. (1-tailed)	0,148	0,001	0,036
	N	28	28	28

*. Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

**. Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

Fonte: produção própria em SPSS usando dados do Eurobarómetro 82.3 (Comissão Europeia, 2014a), Eurostat (2016a; 2016b) e UNPD (2015)

Quadro C.3 – Correlações entre o *gap* identitário escolar e as variáveis macrossociais em 2007 por país

		Gini_2007	PIB_PPS_2007	IDH_2008
Sentimento de Ligação	Pearson Correlation	,525**	-0,273	-0,239
Gap identitário escolar (diferença +20 anos edu. - 15 anos edu.)	Sig. (1-tailed)	0,002	0,084	0,115
	N	27	27	27
Autocategorização	Pearson Correlation	0,056	-,366*	-0,104
Gap identitário escolar diferença +20 anos educ - 15 anos edu.)	Sig. (1-tailed)	0,391	0,03	0,302
	N	27	27	27

**. Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

*. Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

Fonte: produção própria em SPSS usando dados do Eurobarómetro 278 (Comissão Europeia, 2007), Eurostat (2016a; 2016b) e UNPD (2014)

Estes resultados reforçam a necessidade de elaborar análises diacrónicas, assim como a distinção analítico-concetual entre os dois indicadores. O sentimento de ligação aparenta ser mais influenciado pelas desigualdades internas a nível de rendimentos e a autocategorização pelo PIB, enquanto o IDH apresenta relações mais equiparadas com ambas as variáveis dependentes. A questão que se coloca é se o aumento do efeito de todas as variáveis macrossociais entre 2007 e 2014, à exceção do coeficiente de Gini para o sentimento de ligação, poderá ser explicado pelo facto de até 2007 a Europa crescer economicamente, e entre 2007 e 2014 ter-se registado não só o inverso como o aumento de diferenças entre alguns países? E que influencia terão as maiores, ou menores, alterações das condições de vida após a crise financeira de 2008? Por outras palavras, coloca-se a hipótese de o PIB, o coeficiente de Gini e o IDH terem efeito no sentimento de ligação à Europa e na autocategorização como europeu mas moderadores por outros fatores como os ciclos económicos, ou a convergência/divergência entre as diversas economias europeias e a opinião das populações do benefício, ou prejuízo, de uma integração europeia.

C.3 Interações transnacionais e escolaridade: análise trivariada - correlações

Quadro C.4 – Correlações entre o *gap* identitário escolar na autocategorização por tipo de interação e as variáveis macrossociais em 2014 por país

		Gini_2014	PIB_PPS_2014	IDH_2014
Autocategorização	Pearson Correlation	-0,112	0,173	-0,006
Grupo Sem Interações	Sig. (1-tailed)	0,286	0,19	0,487
Gap identitário escolar.	N	28	28	28
Autocategorização	Pearson Correlation	0,131	-,345*	-0,192
Grupo Interações Curtas	Sig. (1-tailed)	0,253	0,036	0,164
Gap identitário escolar	N	28	28	28

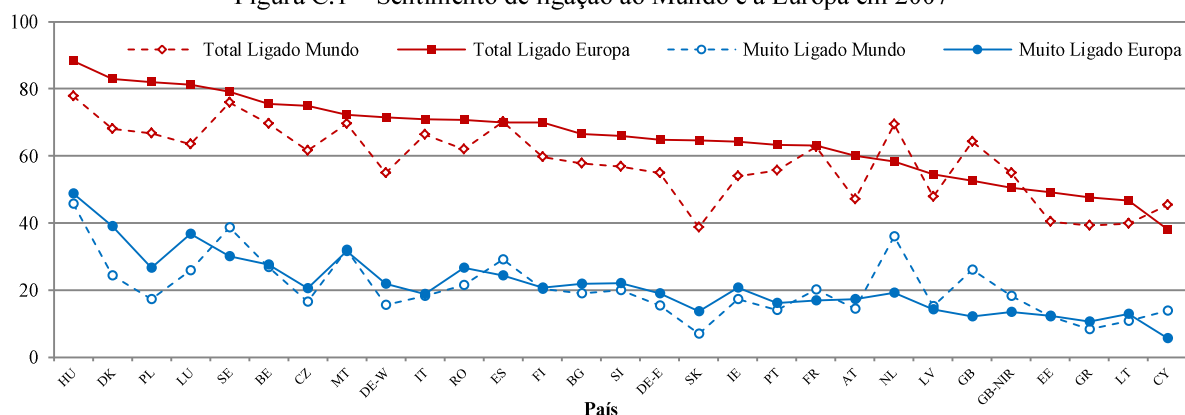
*. Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

Fonte: produção própria em SPSS usando dados do Eurobarómetro 81.4 (Comissão Europeia, 2014b), Eurostat (2016a; 2016b) e UNPD (2015)

C.4 A alteração de referencial: a Europa versus o Mundo - complementos

A leitura dos resultados é completada se se considerar apenas a categoria de resposta “Muito Ligado”, ou seja, considerando as hipóteses de resposta iniciais e não a sua dicotomização.

Figura C.1 – Sentimento de ligação ao Mundo e à Europa em 2007



Fonte: Eurobarómetro 278 (Comissão Europeia, 2007)

Assim, nos seguintes países existem mais indivíduos que se sentem mais “Muito ligados” ao Mundo do que à Europa: Chipre (0,41), Espanha (0,84), França (0,84), Grã-Bretanha (0,47), Países Baixos (0,53), Suécia (0,78) e Letónia (0,94). Verifica-se que apesar de os países nórdicos apresentarem todos valores superiores de “Muitos Ligados” à Europa, no caso da Suécia esse valor é menor do que a ligação ao Mundo, enquanto na Dinamarca e na Finlândia a ligação é maior à Europa. Tal como o sentimento de ligação à Europa são os indivíduos mais escolarizados e os mais novos que se sentem ligados ao Mundo. De facto, em 2007 quanto maior o sentimento de ligação à Europa maior o sentimento de ligação ao Mundo. A relação é moderada ($\Phi=0,535$) e significativa ($\chi(1)=7359,04; p<0,001$). Em termos de variáveis macrossociais quanto maior o PIB ($r=0,21$) e o IDH ($r=0,10$) maior tende a ser o sentimento de ligação ao Mundo. E tal como o sentimento de ligação à Europa quanto maior é o coeficiente de Gini dos rendimentos menor tende a ser a percentagem de indivíduos que se sentem ligados ao Mundo ($r=-0,337$). Então as variáveis explicativas de um sentimento de ligação à Europa poderão, em parte, ser as mesmas variáveis explicativas para um sentimento de ligação ao Mundo.

Quadro C.5 – Correlações entre o sentimento de ligação ao Mundo e as variáveis macrossociais em 2007

		Gini_2007	PIB_PPS_2007	IDH_2008
Sentimento de	Pearson Correlation	-,337*	,214	,103
Ligação ao Mundo	Sig. (1-tailed)	,043	,142	,300
2007	N	27	27	28

*. Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

Fonte: produção própria em SPSS usando dados do Eurobarómetro 278 (Comissão Europeia, 2007), Eurostat (2016a; 2016b) e UNPD (2014)

ANEXO D – Caracterização da amostra e perfil na conjugalidade

Quadro D.1 – Caracterização sociodemográfica e perfil na conjugalidade

Caraterização sociodemográfica							Perfil na conjugalidade			
Nome	Idade (anos)	Sexo	Nacionalidade	Residência	Escolaridade do pai	Escolaridade da Mãe	Integração Externa	Coesão interna	Dinâmica	Tipo
NH	27	F	Britânica-Galesa	País de Gales	Secundário	Secundário	Polivalente	AR	PEI	Companheirismo
MG	35	M	Portuguesa	País de Gales	1º Ciclo EB	3º Ciclo EB				
DL	41	F	Britânica-Inglesa	Inglaterra	Superior	Superior	Autonomia	A	A	Paralela
HA	35	M	Portuguesa	Inglaterra	3º Ciclo EB	3º Ciclo EB				
AR	32	F	Polaca	Suíça	Superior	Superior	F/A	AR	FEI	Associação / Companheirismo
RB	37	M	Portuguesa	Suíça	Superior	3º Ciclo EB				
CN	35	F	Portuguesa	Suíça	3º Ciclo EB	3º Ciclo EB	Fusão	AR	FEI	Companheirismo
NS	35	M	Francesa	Suíça	3º Ciclo EB	3º Ciclo EB				
HO	37	F	Húngara	Países Baixos	Superior	Superior	Polivalente	AR	PEI	Associação / Companheirismo
DH	39	M	Neerlandesa	Países Baixos	CET	Superior				
ZZ	28	F	Eslovena	Suíça	Superior	Superior	Polivalente	AR	PEI	Companheirismo
MM	31	M	Suíça	Suíça	Secundário	Secundário				
CS	40	F	Alemã	Portugal	3º Ciclo EB	3º Ciclo EB	Fusão	A	FE	Associação
PG	36	M	Portuguesa	Portugal	1º Ciclo EB	Superior				
MS	36	F	Estónia	Estónia	Superior	Superior	Polivalente	A	PE	Associação
JR	34	M	Portuguesa	Estónia	3º Ciclo EB	Secundário				
ME	35	F	Polaca	Polónia	sem estudos	sem estudos	Polivalente	AR	PEI	Companheirismo
TE	34	M	Portuguesa	Polónia	Secundário	Superior				
FG	42	F	Espanhola	Portugal	Superior	Secundário	Fusão	AR	FEI	Companheirismo
GS	38	M	Portuguesa	Portugal	Superior	Superior				
LP	25	F	Portuguesa	Bélgica	Superior	Superior	Fusão	AR	FEI	Companheirismo
KA	31	M	Belga	Bélgica	Superior	CET				
GH	37	M	Britânica-Escocesa	Inglaterra	Superior	Superior	Polivalente	A	PE	Associação
AM	34	F	Grega	Inglaterra	Superior	Superior				
BG	34	F	Islandesa	Islândia	Secundário	Secundário	Polivalente	AR	PEI	Associação
MF	31	M	Portuguesa	Islândia	3º Ciclo EB	3º Ciclo EB				
CA	40	F	Alemã	Portugal	Superior	Superior	Polivalente	A	PE	Associação
LP	41	M	Portuguesa	Portugal	Superior	3º Ciclo EB				
MK	32	F	Estónia	Estónia	Superior	Superior	Polivalente	AR	PEI	Associação
RC	35	M	Portuguesa	Estónia	Superior	Superior				
NB	30	F	Polaca	Noruega	Secundário	Secundário	Polivalente	AR	PEI	Companheirismo
RS	32	M	Portuguesa	Noruega	3º Ciclo EB	3º Ciclo EB				
AN	30	F	Portuguesa (1)	Polónia	Secundário	Superior	Polivalente	AR	PEI	Companheirismo
AV	28	F	Italiana (2)	Portugal	Superior	Superior				
LM	35	F	Eslovena (3)	Espanha	Superior	Superior	Fusão	AR	FEI	Companheirismo
CC	27	F	Suíça (4)	Noruega	Secundário	Secundário				

Notas: Sexo: F – Feminino; M – Masculino.

Nacionalidade: (1) – parceiro polaco; (2) – parceiro português; (3) – parceiro italiano; (4) – parceiro islandês.

Integração Externa: F/A – Fusão/Autonomia (alterado após mudança de país de residência)

Coesão Interna: AR – Autonomia relativa; A – Autonomia.

Dinâmica: PE – Polivalente expressiva; PEI – Polivalente expressiva e instrumental; A – Autonomia

Perfil: de acordo com os tipos definidos por Kellerhalls (Segalen, 1999: p. 256).

ANEXO E – Tipologia

Quadro E.1 – Tipos de relação entre indivíduos envolvidos em relações íntimas binacionais intraeuropeias e o sentimento de pertença europeu

Tipo / Subtipo		Dimensões					
		Representações da Europa	Autocategorização	Interações Transnacionais na Europa	Relação Íntima Binacional	Nacionalidade	País de Residência
<i>Transcendente</i>		Indiferente	Cidadão do Mundo, Europeu e Nacional	Indiferente	Indiferente	Schengen	Indiferente
<i>Apátrida</i>		Indiferente	Europeu / Localidade	Indiferente	Indiferente	Schengen	Indiferente
<i>Afetivo</i>	Assimilado	Prevalência da dimensão cultural	Europeu ou Europeu e Nacional	Realização de interações Intensas antes e/ou depois de iniciado o relacionamento, com particular ênfase nas Prolongadas	Orientação para a ligação à Europa	UE	Fora do seu país.
	Itinerante		Europeu ou Europeu e Nacional	Realização de interações Intensas antes e/ou depois de iniciado o relacionamento, com particular ênfase nas Multiculturais			Indiferente.
	Passivo		Nacional e Europeu	Realização de interações Intensas antes e/ou depois de iniciado o relacionamento			Indiferente.
<i>Flutuante</i>	Assimilado	Prevalência da dimensão cultural	Nacional e Europeu (Espontâneo); Europeu e Nacional (discursivamente)	Realização de interações Intensas antes e/ou depois de iniciado o relacionamento	Orientação para a ligação à Europa	Schengen	Fora do seu país.
	Itinerante		Nacional e Europeu (Espontâneo); Europeu e Nacional fora da Europa				Indiferente
	Utilitarista	Equilíbrio relativo entre as dimensões cultural e da UE	Nacional e Europeu (Espontâneo); Europeu e Nacional (discursivamente, mas oscilante)				No seu país
<i>Cidadão</i>	Transcendente	Prevalência da dimensão da UE	Cidadão do Mundo, Nacional e Europeu	Realização de interações Intensas antes e/ou depois de iniciado o relacionamento binacional	Orientação para a ligação ao país do cônjuge	UE.	Indiferente
	Itinerante		Nacional e Europeu				
	Local		Nacional e Europeu	Sem a realização de interações Intensas			No seu país
<i>Passivo</i>	Isolado	Indiferente	Nacional e Europeu, ou Nacional	Indiferente	Orientação para a ligação ao país do cônjuge	Schengen	Fora da UE, ou "Eurocépticos"
	Itinerante		Nacional, ou Região/Nação, ou Localidade	Realização de interações Intensas antes e/ou depois de iniciado o relacionamento binacional			Indiferente

ANEXO F – Conteúdo discursivo: representações sobre a Europa

AR, polaca, Transcendente	"I don't have really strong feelings to Poland or Europe, I don't really feel I'm connected to Europe. (...) I identify myself as European about the culture and so on, but if it comes about the European Union, for example, I really don't believe on the structure."
DH, neerlandês, Transcendente	"Europe as in the European Union for me is very interesting. I think basis, a nobel experiment to move past, or beyond the concept of the nation state. That comes with a lot of benefits but as also major issues and challenges built into it's structure that may prevent it from succeeding."
KA, belga, Apátrida	"Europe represents to me diversity. You can go from Portugal to Denmark and meet completely different people but still they believe in a shared ideology which is nice."
AV, italiana, Afetiva Itinerante	"Do ponto de vista cultural é a cultura onde eu me identifico. (...) Pelo menos na maioria dos países europeus partilhamos, por exemplo as relações entre pessoas, claro que há uns mais parecidos, Portugal é mais parecido com Itália do que com, sei lá, a Holanda ou Inglaterra (...). Nuns países mais que outros as pessoas já não praticam muito [a religião] mas a nossa base cultural é a religião cristã."
MF, português, Afetivo Itinerante	"A Europa é um grupo de diferentes países com diferentes macroculturas, mas mais que a região geográfica partilham mais alguns elementos em comum. E desses elementos, talvez com a exceção de alguns países do Leste, tens: não gostar muito de violência, não serem demasiado individualistas, isto a comparar com americanos (...) mas talvez não tanto como algumas culturas asiáticas. São pessoas que, regra geral, procuram estar em paz. São pessoas que a nível cultural, em gosto pela arte e pela comida, existem alguns elementos em comum."
JR, português, Afetivo Itinerante	"Na altura (...) precisava de escolher um sítio para viver. E na altura já tinha a MS a minha namorada, estávamos indecisos onde ir. Mas uma coisa que nós sabíamos, era que ia ser na Europa. (...) E passa um bocado por esse aspeto, o respeito pelo cidadão e a relação do cidadão com o estado. A segunda é os benefícios sociais que a Europa tem e que por exemplo os Estados Unidos não têm. Portanto se fosse numa perspectiva de criar família a Europa seria sempre um sítio muito mais apetecível."
LM, eslovena, Afetiva Assimilada	"Administratively not much. I think it's practical we have no problems with borders and so on, that's very good. (...) I think I like the way of life, the history, all these values that we have and also each country has, compared to the US. I went to Australia to do my diploma, that was for 4 months and I like Europe for their values and way of life."
ZZ, eslovena, Afetiva Assimilada	"It's so difficult to say because Europe is such a big thing for me. For me growing up in Europe and being part of Europe and the European Union is just... I like that there are so many cultures and some many countries that are mixing and that are giving me the opportunity to meet different cultures and to being able to understand different people. (...) So, are we talking now of Europe as European Union or not?"
RN, português, Afetivo Passivo	"A Europa é um continente bastante desenvolvido. Também as fronteiras abertas nos torna muito mais próximos. E a diversificação cultural talvez seja mais marcante noutros continentes do que aqui."
CS, alemã, Flutuante Afetiva	"A melhor palavra que descreve a Europa para mim é Liberdade. Comparando com todos os sítios que existem do Mundo mesmo os paradisíacos, e Europa é um sítio muito agradável para viver, seja na liberdade e na liberdade de expressão, seja ainda em termos sociais, seja na qualidade de vida que nós temos aqui. Eu não trocaria a Europa por nada."
HO, húngara, Flutuante Afetiva	"A kind of cultural background. I feel it when I meet people outside of Europe, and they show me the mirror in which way I am more European. If there is more people together, for example an African or American you just feel they're totally different."
MS, estónia, Flutuante Itinerante	"It's a place with great culture diversity. And it's a place where these connections with other nations. In such a small area there are so many different cultures and languages. I think what's valuable for us is to embrace that diversity and we should do that more often."
CC, suíça, Flutuante Itinerante	"For me it's home (...) and Swiss is also kind of separated as well in a way but of course geographically we are in the middle of everything (...) With time we also see we have a kind of similar culture, after all we feel that Europeans have a common background."
ME, polaca, Flutuante Utilitarista	"É como um grande país onde as pessoas de várias nacionalidades vivem juntas."
MG, português, Cidadão Itinerante	"Eu acho a Europa algo muito curioso, eu acho que é uma tentativa diplomática de se juntarem vários países numa espécie de país pseudo, com pseudo federações, em que se tenta falar a uma voz. Portanto acho que isto tem sido uma tentativa... tem sido algo que se tem tentado há muitos anos, há vários milhares de anos e nunca tem resultado muito bem."
NB, polaca, Cidadã Itinerante	"It's nice we have European Union but I hope it doesn't go to far away with losing our own identity, like national identity. It's really nice we have so many countries and we are so diverse, we are close and we keep attached (...) but now I see it opened a lot of borders and now we have this huge migration (...) which is good."
AN, portuguesa, Cidadã Itinerante	"Cada país não são assim tão diferentes... estás a ver os Estados Unidos? Eu agora encaro a Europa como se fosse uns Estados Unidos da Europa, percebes?"
LP, portuguesa, Cidadã Itinerante	"Teoricamente, é um grupo de países que trabalham em conjunto para se ajudarem (...) na forma de não faltar nada, na educação, na saúde e em várias áreas (...) Também é haver segurança base que noutras áreas do Mundo não há."
GS, português, Cidadão Itinerante	"Por questões históricas e de desenvolvimento social e Europa para mim neste momento é o sítio onde as pessoas se podem realizar de uma forma mais tranquila. Através de uma questão de quantidade de direitos adquiridos que depois tu te apercebes quando andas no Mundo de que não é necessariamente assim em todo o lado. (...) Eu tinha um amigo já velho que me dizia 'Sabes, nesta altura eu já só consigo viajar pela Europa civilizada' (...) e começo a entender, há coisas que já custa. Se nos depararmos com violência, não será necessariamente violência armada, assaltos, mas violências para com outros seres humanos, já dói, já não há paciência."
PG, português, Cidadão Local	"Um conjunto de países que em termos ideológicos tentam criar uma Europa Unida mas que no entanto, todos puxam a brasa à sua sardinha. E os mais pobres continuam mais pobres e os mais ricos continuam a monopolizar as decisões."
MM, suíço, Passivo Isolado	"Very much culture in a very small space."
DL, inglesa, Passiva Isolada	"It's only part of a continent. It doesn't really mean anything to me. I don't think about it. When it comes to England, we've got England, Northern Ireland, Scotland and Wales to me that should be united because we're all in the same island apart of Northern Ireland, so we should be united."
FG, espanhola, Passiva Itinerante	"Tenho uma imagem positiva se penso em termos culturais e em História. As bases de uma cultura ocidental. (...) mas também representa uma parte negativa que tem a ver com a dominação do resto do Mundo, com o colonialismo, com a preponderância e a imposição de uma certa forma de viver e de ver o Mundo."
MK, estónia, Passiva Itinerante	"When you travel (...) it feels like home, you know what to expect. (...) maybe because I know about the countries, I have friends in some countries (...) in any corner there's someone you can visit."

ANEXO G – Conteúdo discursivo: interações transnacionais: ... as viagens...

DH, neerlandês, Transcendente	"In my profession, more or less journalist, a lot of people travel. I'm Dutch, were not very nationalistic but I'm definitely European and outlook in mindset. (...) Mostly travelling gave me perception as a western culture as a whole rather than specifically european parts of it."
TE, português, Transcendente	"Sim, eu gosto de ver o Mundo assim um bocado sem fronteiras. Somos também pessoas e há bastantes semelhanças apesar das diferentes culturas, etc. Sempre encontrei bastante empatia pelas outras pessoas tanto no estrangeiro como em Portugal."
KA, belga, Apátrida	"All of them taught me things. All of them made me release things about the world. I always make a try to speak to the locals. Most of the time I was also travelling alone, sometimes with a few friends.(...) There's one beach in Albania, it's completely deserted. There's a very small village nearby with no shops, so you have to buy your food from the locals."
CN, portuguesa, Afetiva Assimilada	"A mais marcante foi talvez a Polónia, talvez por tido ido sozinha, e não foi para um sítio que fosse fácil. (...) Foi uma viagem menos para conhecer os monumentos mas para conhecer a cultura e isso marcou-me bastante."
LM, eslovena, Afetiva Assimilada	"Maybe the most important one was the first BEST course in Lisbon. I could see that meeting all these people from Europe we have more in common. You start to think Europe is smaller than you thought before, you feel, yeah, nationality doesn't make much importance. Maybe this is something I can see now but before I would say it was interesting to see and to learn also the differences, or characteristics of each nationality."
MF, português, Afetivo Itinerante	"Viajar deu-me uma compreensão melhor da Europa e quando tu compreendes melhor podes apreciar. (...) Existem estas pessoas com diferentes culturas com diferentes concepções do que é certo e é errado e foi aí que eu percebi que tenho mais de só português. Tenho um bocado deste e daquele, e pronto, foi por aí que eu percebi. (...) Eu agora percebo diferentes pontos de vista."
AV, italiana, Afetiva Itinerante	"De certeza estes campos de voluntariado que fiz no Verão (...) tivemos lá um mês com pessoas de todas as nacionalidades europeias sobretudo. (...) na verdade todas as viagens que fiz, e aquelas que fiz fora da Europa, foram quando aprendi mais sobre outras culturas. E mesmo conhecendo pessoas fora da Europa, acabei por conhecer muitas, embora haja diferenças entre as culturas europeias acabam por ser bastante parecidas (...) especialmente quando falamos de culturas do Médio Oriente e da Ásia."
JR, português, Afetivo Itinerante	"Sendo que na altura já tinha feito bastantes viagens pela Europa, conhecido bastantes culturas europeias e ainda estava um bocado focado nas diferenças, mas quando fui ao Japão apercebi-me da dimensão global e vi que eles nos encaravam como uma unidade, como europeus."
AM, grega, Afetiva Itinerante	"Maybe in a positive way. I've always liked the idea a... Europe and free movement. (...) It strengthened what I already thought about Europe."
RS, português, Afetivo Passivo	"Eu gosto de quando vou a uma cidade nova, de sentar-me um pouco no café sentir um pouco a cidade, sentir o dia à dia das pessoas, andar de transporte público e isso faz-te também sentir um bocadinho o local. E ver os hábitos que as pessoas têm (...) Agora quando eu viajo gosto de me meter com as pessoas. Meto conversa no comboio por exemplo"
CS, alemã, Flutuante Afetiva	"A viagem para a Índia e Nepal foi muito importante para mim, porque é muito diferente daquilo a que chamo Europa. A vida na Índia pode-se dizer que é um choque cultural em todos os seus sentidos. (...) Quando eu cheguei à Alemanha depois de ter estado na Índia e no Nepal um mês e meio eu entrei em choque durante 2 ou 3 meses."
MS, estónia, Flutuante Itinerante	"especially Japan. Because that gives you a certain perspective. You see Europe to be much closer, or the people here being much similar. If you live here all the time then the differences seem much bigger but if you look from very far away we seem like a very small place and much more united or much more similar."
ME, polaca, Flutuante Utilitarista	"Eu estou muito mais aberta agora. Por exemplo eu não me importava de viver noutro país. Gosto muita da Polónia, mas não estou tão ligada ao meu país. Acho que me sinto mais Europeia do que Polaca, se calhar. (...) Não sei, não faz muito sentido fronteiras, e os povos que ficam fechados dentro de um país com um pensamento muito fechado. Tenho a sensação que ainda há na Polónia muitas pessoas com esses pensamentos e eu não gosto nada disso."
BG, islandesa, Flutuante Utilitarista	"The cultural exchange in Croatia. A group of Icelanders met a group of Croatian people and we travelled.(...) , we met locals in different places and we got this really nice view into different cultures in Croatia."
GS, português, Cidadão Itinerante	"Mais na América Latina. (...) Porque tem a ver com a visão eurocêntrica que temos cá, e achamos que é tudo por referência a isto. E depois apercebemo-nos de que há quem tenha outras referências e as nossas poderão não estar exatamente corretas. (...) Terá mais a ver com a visão política do mundo."
RB, português, Cidadão Itinerante	"Quando vais para os Estados Unidos ou Canadá notas que as pessoas são diferentes da Europa. (...) Nos Estados Unidos, nas grandes cidades as pessoas falam muito mais umas com as outras do que na Europa. São mais abertas nesse sentido. Aqui ninguém fala muito uns com os outros."
MG, Cidadão Itinerante	" (...) no Canadá, como por exemplo na Austrália. Falei com várias pessoas e dá-me a sensação que as pessoas que não têm vivido na Europa ou perto da Europa têm a sensação que existe uma entidade que é a Europa. Embora tenho de salvaguardar o facto que é muito mais comum as pessoas referirem-se aos países individuais como seja a França, a Espanha, Portugal, ou o Reino Unido, do que à Europa. Mas há uma sensação que as pessoas percebem que há uma identidade Europeia."
NH, galesa, Cidadã Local	"I don't think they can be compared as such. I think Jordan and Morocco are far from my comfort zone, whereas Europe is far more similar to what I was used culturally, so in terms of broadening your mind I think Jordan and Morocco were far better but in terms of feeling comfortable in a country I would say Europe is better.(...) It's just the similar culture I would guess, You just never feel unsafe in Europe, although there's variations about what's polite and what's not."
MM, suíço, Passivo Isolado	"Maybe Australia, but maybe not Europe but Switzerland. Because in Switzerland we really focus on work and that also makes us forget a little bit the joys of life but then in Australia they're still focusing on work but they also know how to relax and have a good life style. So the life-work balance is better, I believe."
GH, escocês, Passivo Isolado	" when I was in Australia (...) Feeling that I could live probably somewhere in Europe but not feeling I could live in Australia for example."
MK, estónia, Passiva Itinerante	"Of course Erasmus time has a very special mark. (...) I really met very nice people. (...) I think it really opens up the mind."

ANEXO H – Conteúdo discursivo: dimensões da relação íntima binacional intraeuropeia

Formalidade/Informalidade na conjugalidade	
CA, alemã, parceiro português	“Eu acho que preferíamos a união de facto porque é uma coisa mais leve (...). E a razão por que estamos a casar é por causa dos impostos, e porque não sabemos como vai correr a nossa vida. Ele está a acabar o doutoramento e eu também não sei quando tempo vai durar o meu contracto, é também uma forma de segurança. Mudando de país é mais fácil irmos juntos casados.”
CN, portuguesa, parceiro francês	“Quando fomos viver juntos nunca chegamos a falar em casar. (...) Ponderámos casar antes de ter o nosso filho. (...) Mas depois começamos a falar. (...) Para mim ao fim ao cabo não tem de ser, porque o casamento é um papel assinado. Não é o que define se uma pessoa gosta da outra. Tanta gente casa e depois descasa, não é por isso. É mais um papel para mim.”
DH, neerlandês, parceira húngara	“We do intend to get married at some point. We do talk about it sometimes, but neither of us is that traditional I guess (...) It is not that high in the list of priorities. (...) living first together and then get married.”
PG, português, parceira alemã	“Acho que nunca fui muito dado aos casamentos, ligo mais à parte dos sentimentos do que à parte do documento, ou da necessidade de ter algo assinado para justificar a nossa união.”
JR, português, parceira estónia	“As uniões de facto cá na Estónia não davam os mesmos direitos como dão por exemplo em Portugal. E caso alguma coisa acontecesse, para a nossa filha e a minha mulher terem todo o estatuto de casado, decidimos formalizar.”
LP, portuguesa, parceiro belga	“Falámos em casar, ou uma união de facto oficial, dá-me jeito. Isto é um bocado frio dizer assim, mas dá jeito. E por outro lado porque é uma confirmação do que há entre nós (...) mas ainda é bastante cedo.”
NB, polaca, parceiro português	“It's not a priority for me. My mom was always angry with me (...) I really don't want to get married. I mean I can get married but I don't want the white dress.”
LM, eslovena, parceiro italiano	“Personally I don't think marriage is important. S. thinks it's a bit more important than me but we did it just because things could be easier, someone could be sick, you have more rights to visit in the hospital, or something like this.”
Divisão de tarefas domésticas	
CS, alemã, parceiro português	“Não, não se fala. Uma pessoa ajusta-se e compreende-se também o que a outra pessoa é, os vícios, do que gosta e não gosta de fazer. Complementa-se.”
GH, escocês, parceira grega	“We do discuss it a lot and try to make it fair.”
CA, alemã, parceiro português	“Falámos depois, foi um processo mais natural. Cada um faz o que gosta mais primeiro. (...) Aquelas tarefas de que ninguém gosta, tipo limpar, lavar a louça, dividimos por cada um, um bocadinho.”
GS, português, parceira espanhola	“Estranhamente temos os problemas ao contrário dos casais. Estamos sempre a chatearmo-nos um ao outro para que o outro não faça.”
AR, polaca, parceiro português	“At that time it was easy. Who would come first from work would cook. (...) we didn't have to talk about this, it was coming natural (...) Now it's different because I'm at home.”
Carreira profissional e Conciliação vida profissional-vida familiar	
RS, português, parceira polaca	“A questão do tempo, lá está, eu estou a gostar muito de trabalhar aqui na Noruega, respeita-se muito essa questão das tais 8 horas de trabalho. Eu vinha habituado a trabalhar 14 e 16. (...) É bom teres uma carreira, é bom ganhares dinheiro, mas a tua vida tem de ser mais do que isso (...) trabalhar 8 horas é bom, depois tens mais 8 horas para fazer outra coisa qualquer e mais 8 horas de descanso. (...) O que havia de diferença para aquilo que eu tenho agora é o tempo que tenho para mim, trabalhava muito mais horas aí (...) a nível financeiro tinha uma vida, se calhar, mais confortável do que aqui (...)”
LP, português, parceira alemã	“A forma como as empresas encaram os trabalhadores é muito diferente daquela que se faz em Portugal (...) e eu gosto bastante de trabalhar na Alemanha porque a partir do momento em que uma pessoa é bom profissional é logo reconhecido (...) eu não estou a falar de salários, isto vai muito além da questão salarial.”
HO, húngara, parceiro neerlandês	“We try to support each other. Right now I don't have a job but he has. Last year I was working but I had a really bad time in the job so he told me I should do something I like and he supported me. I should earn money but also do what is okay for me.”
BG, islandesa, parceiro português	“Personally I think both partners should be able to have a career and to have a personal life. MF in the past has worked a lot and that's one of our conflicts. (...) Now we're in a place where he's willing to reduce that. You cannot really sustain that with any personal life. I think if we would have kids we both would have to reduce a bit and focus more in personal life. (...) In Portugal he was working in a very demanding place where we was working probably 10 to 12 hours a day. He would come home at 6 or 7, then we would have dinner and spend a little time together, and then he would be working something more from home.”
AR, polaca, parceiro português	“I didn't know this, but Switzerland is a country where they promote the mother to stay with the children. Also the obligatory kindergarten it just starts from 5 years old, and before you can put the child but it's actually so expensive that you need to spend all your salary. You can decide both to work but you'll not get any profits from this. This actually tries to keep the mothers at home.”
MK, estónia, parceiro português	“I think we didn't even argued, it was just very natural (...) With the second one [child] we've kind of considered it [being the man staying at home with parental leave]. But then again he really didn't want to quite the job and he likes what he's doing, and I was at home, so things were just working out. And in my office I'm not sure I really wanna go back there (...) also money wise. Because RC would be losing some income. I'm actually even receiving more than I was receiving at work. (...) I like to be at home.”
CS, alemã, parceiro português	“No caso, ele deu-me a oportunidade de eu ir trabalhar para Lisboa. Significou que durante 2 anos e meio ele tinha toda a carga em relação à nossa filha, escola, tratar da roupa, tratar do pequeno-almoço, banho etc, e chegou à conclusão que não dava mais. Em conjunto tomámos a decisão que não poderíamos levar essa vida em diante. Portanto eu tinha de alterar a minha vida profissional em prol da família, em prol da nossa felicidade, dos três.”
JR, português, parceira estónia	“O que é que a filha veio alterar? Agora que ela está a começar a start-up dela acontece que há fins de semana que não pode ficar em casa, então fico só eu com a nossa filha. Portanto a disponibilidade dela para tomar conta da filha é menor.”
Filhos	
CN, portuguesa, parceiro francês	“ainda há muita coisa que eu sou portuguesa. (...) eu sou muito mais protectora, e digo, ‘Não o deixes fazer isso que ele vai-se magoar’... e ele vai logo dizer...’ Não, deixa-o viver, ele tem que viver ,tem que aprender’. .Eu acho que em Portugal somos muito mais protectores e eles são muito mais liberais. (...) mas depois começo a pensar, ‘Não, isso é o que eu faria por impulso. Mas o que é que está correto?’, a pessoa acaba por discutir, ‘Ok, a minha cultura diz-me isto, A minha diz-me isto. Então neste aspeto o que é que está mais correto?’ E depois acabei por pensar que ir para a escola mais cedo e sozinho é melhor, porque começa logo a aprender o alemão, e está bem, vem com arranhões e aleijado e sujo, mas depois com 6 anos já se sabe defender.”
PG, português, parceira alemã	“Sim, eu sou capaz de ser um bocadinho mais pai galinha porque também fui criado assim, filho único, fui sempre muito protegido pela minha mãe. No caso da CS acho que é diferente, pelos pais lhe darem mais liberdade, por ela ter irmãos e não haver tanta atenção sobre ela. Ela dá um bocadinho mais de autonomia e liberdade à nossa filha. (...) Mas percebo e tenho plena consciência, e tenho alterado a minha maneira de ser nesse ponto de lhe dar mais autonomia, porque tem de ser. Ela vai crescer e tem de cometer os seus erros e bater com a cabeça.”

Apoio à velhice dos pais	
RB, português	“Europa é o sítio mais conveniente. Ainda por cima estamos os dois a meio caminho da Polónia e de Portugal, e isso faz todo o sentido. Tanto é que se os meus pais precisarem se calhar tenho mais hipóteses de fazer umas rectificações.”
LM, eslovena, parceiro italiano	“For example in my husband’s family his father is not so well, it made us think a little bit more about this. At the moment he’s helping him financially (...) but we are thinking on moving out of Spain maybe to Italy or Slovenia.”
RC, português	“será um critério para ter de regressar para mais perto de casa. Por exemplo se tiver de regressar aos Estados Unidos para trabalhar mas se entretanto tiver de regressar porque os meus pais estão a ficar mais velhos e a precisar de ajuda, aí sim, acho que regressaria”
BG, islandesa	“My ideal, if they need help (...) probably they would live in a place with service and I would visit them (...)”
FG, espanhola	“Uma das minhas irmãs, que tem uma relação mais próxima (...) terá essa iniciativa.”
MG, português, parceira galesa	“O apoio que poderei prestar aos meus pais é o possível de acordo com a distância que nós estamos. A minha mãe tem necessitado, (...) já aqui estive umas 3 ou 4 vezes. (...) Quando eles entrarem numa idade mais avançada, de saúde vai ser difícil prestar apoio, temos vidas ativas e vidas profissionais exigentes que se calhar não nos deixem dar o apoio que seria o ideal.”
KA, belga	“Yes, they also did for their parents, it makes sense you take care for your parents. (...) when it’s combined with children and a professional career. If not we have a very good welfare system, there are many solutions around here”
NB, polaca	“Me and brother will make a decision whom will take them at the time. Moving back only if it doesn’t affect my family life.”
RS, português	“Nunca vou deixar a minha mãe abandonada. Agora estou a viver na Noruega e se a minha mãe se tornar dependente terei de trazer para cá, ou mudar-me para lá.”
Estado-providência	
MS, estónia, a viver na Estónia	“Here in this region is much easier, the state support for having kids is much bigger. For that I wouldn’t like to go to any southern part of Europe, during that period. Because maternity leaves are much shorter and the state support is less. Maybe central Europe is still ok. That’s why when I was looking to the post-doc I was looking into places where the state supports the child care more.”
CS, alemã, a viver em Portugal	“Ninguém sabe se vai ter reforma ou não. Por causa disso tenho pensar em estar saudável. Não posso pensar em estar num L.ar. Eu quero ter saúde, quero ter a possibilidade de trabalhar, quero preparar a minha reforma com uma atividade própria, minha.”
GS, português, a viver em Portugal	“Sendo que eu vivo no pior da Europa (...) à partida quase todos têm um sistema melhor que o nosso. Não, esse não é um fator de decisão. (...) A partir do momento em que tu das como garantido que já não tens reforma, é uma coisa que já não te preocupa.”
ME, polaca, a viver na Polónia	“Não, aqui na Polónia não vale a pena pensar nisso. (...) É por isso que eu também disse [pensar viver na] Áustria ou Alemanha. A situação é melhor.”
BG, islandesa, a viver na Islândia	“There are some places where I wouldn’t like to live in because they have no support or they have very little support for families, older people (...) for example America, the US. They don’t have these basic things as maternity leave, paid maternity leave.”
NB, polaca, a viver na Noruega	“it’s important because you have different situations in life. Especially when you give a birth and have children .The country is amazing, the amount of the days you can be in maternity leave. So you actually plan to have children.”
Relação entre sentimento de pertença e o relacionamento binacional	
DH, neerlandês, Transcendente	“I pay even more attention to the things that happen in her home country, I would never really follow the news from Hungary”
LM, eslovena, Afetiva Assimilada	[European] I think because of living abroad or because of the relationship. I don’t know. I’ve never lived that long abroad. Or I had never had a reason to stay that long (...) Maybe more because of the relationship. I would say first because of the relationship and second because of living abroad. (...) If I hadn’t an Italian boyfriend I would still see the same differences living abroad, yeah”
JR, português, Afetivo, Itinerante	“E o que eu digo é que hoje em dia o meu rectângulo é a Europa, e eu decidi sair do meu canto e ir para outro canto. (...) A relação vem reforçar isso, porque apercebeste dos benefícios da União Europeia.”
RS, português, Afetivo Passivo	“Sim. Estar numa relação com uma pessoa europeia e ter amigas com outras pessoas europeias. E também estar ligado a um estilo de vida de um outro país que não é o meu.”
HO, húngara, Flutuante Assimilada	“No, I don’t think so. In Hungary I’ve worked with so many nationalities. I already was in a multicultural sphere. I also had friends from other countries living there. (...) Because Europe both includes the Netherlands and Hungary. Now I feel a less Hungarian, living here. Maybe if I came from Africa or Canada and living here I would say I’m a world citizen, but now it’s the Netherlands I still feel within Europe. The more you integrate more you try being Hungarian and European.”
CS, alemã, Flutuante Assimilada	“Sinto-me mais Europeia, sem dúvida nenhuma do que alemã. Portuguesa é que não me sinto. Se alguém me pergunta a minha nacionalidade eu sou alemã. (...) Nós temos a possibilidade de conviver com muitos estrangeiros. (...) por exemplo na Alemanha não tinha tanto contacto com estrangeiros como aqui. Sentir-me mais Europeia é ter mais contacto com pessoas que são de outros países. (...) Não tendo a antiga fronteira que separava os dois países é a Europa, é assim que posso dizer.”
MS, estónia, Flutuante Itinerante	[European] “Yes, I think so (...) when Russia attacked Ukraine then people here were also afraid it might attack also Estonia. I thought then I would move (...) Maybe it’s something I don’t acknowledge so much but in my life there’s always some other country present. (...) I don’t think it’s only the relation it’s a combination of all activities.”
BG, islandesa, Flutuante Utilitarista	“Probably, I would say more European. (...) In this relationship I’ve learn to appreciate Europe a little bit more. But now in recent times it’s kind of going down but not because of the relationship but just about what’s happening in the world. What’s happening in the world makes me dislike Europe more, or the European Union. It’s kind of difficult to tare those things apart. (...) Yeah I’m starting to dislike Europe as the concept of European Union.”
MG, português, Cidadão Itinerante	“Da Europa? Não. Sinto-me mais ligado ao Reino Unido, vivo aqui, trabalho aqui e a minha namorada é galesa. A família da NH são super simpáticos, receberem-me bem e isso faz-me sentir bem aqui.”
NS, francês, Cidadão Itinerante	“I don’t think it changed my vision of Europe. Again I feel French, probably I feel Portuguese, and probably I don’t feel European. (...) maybe it changed my concept of the Portuguese. I know more about the culture, I understand it and as soon as you know something you start to like it”
RB, português, Cidadão Itinerante	“O que me faz sentir mais europeu é estar na Europa. A relação com uma polaca faz-me sentir um pouco polaco.”
PG, português, Cidadão Viajante	“É devido à minha relação que me faz mais sentir ligado à Europa e não tanto às viagens. (...) Interesse-me principalmente mais agora pelo país dela.”
MM, suíço Passivo Isolado	“No (...) I’m understanding more what things are happening in Slovenia.”
GH, escocês, Passivo Isolado	“I think so (...) I suppose I’m thinking more about Europe but a lot of that is about Greece. (...) I’m probably more interested on what happens in Greece, there, so probably by extension in Europe as well. And as far as I understand Greece has a similar ... just generally has a slightly unusual place on Europe in the same way, not exactly the same way, but similar to Britain, so historically sees itself not so much part of Europe as other central and western European countries (...) So I’m far more interested in Greece.”

ANEXO I – Conteúdo discursivo: sentimento de pertença

AR, polaca, Transcendente	"This is just a space where we live. What makes our lives is the people that surround us, this is for me important."
TE, português, Transcendente	"Porque também os meus avós já vieram de Angola, eram portugueses mas nasceram na Angola. Então acho que essa linhagem já me deixou assim um bocado fora do solo português. E depois, já agora, para não mingar logo para um retângulo pequeno acho que é mais complacente falar em Europa do que Portugal. Como também vivi e trabalhei em muitos sítios na Europa fui ganhando essa multiculturalidade, tipo a língua. Quando era pequeno já ouvia tão frequentemente o espanhol, entrava ali pela casa adentro pela televisão que já era um bocado difícil estar fechado da Europa."
KA, belga, Apátrida	"I don't like to be pointed out as from the Flemish region, because it makes a small country even smaller. (...) So I've always said to everybody that I consider myself European and then an inhabitant of the city of Ghent. (...) Other reasons are, I don't feel connected to the mentality of this place."
CS, portuguesa, Afetiva Assimilada	"E acho que em Portugal devíamos ter a mentalidade mais aberta, e acho que temos a mentalidade um bocado fechada. Eu vejo isso agora quando ai vou, e gosto de ir, tenho ai a minha família, de passar férias e gosto dos sítios, mas às vezes vejo determinadas coisas e penso ainda bem que já não vivo aqui. E é por isso que me faz pensar que sou Europeia primeiro que portuguesa."
LP, português, Afetivo Assimilado	"Vejo-me Europeu. Porque eu acho que o meu contexto cultural, a minha cultura é essencialmente europeia. Nem posso dizer que é portuguesa. Aliás nem posso dizer que gosto muito dos aspetos da cultura portuguesa. Não sou nacionalista (...) Quando eu penso, é uma coisa diferente, é que eu gosto muito da Europa e quando olha para a sua história, passado e presente fico mesmo fascinado. (...) é uma cultura em que eu me sinto compreendido.(...) É aqui que me sinto bem."
ZZ, eslovena, Afetiva Assimilada	"Because now that I live in Switzerland it's difficult to answer a question about where I've come from, so I guess it's just easier to be European. Because now I see...now I am a mix of both Slovenian and Swiss."
JR, português, Afetivo Itinerante	"Aquela viagem para fora da Europa em que me foiquei mais as semelhanças do que as diferenças. (...) Se tivesse a viver em Portugal talvez a ordem fosse primeiro português e depois europeu. Mas a maior parte da minha vida adulta já foi feita fora de Portugal. Estou aqui por escolha, estou no país onde escolhi viver. Ter nascido em Portugal foi um acaso."
RS, português, Afetivo Passivo	"E o que me faz ser Europeu, mais agora do que nunca, eu acho que quando emigras é um bilhete sem volta. Eu já fiz amigos aqui, conheci a NB, eu não posso voltar a 100% em voltar a Portugal. Por isso eu sou um europeu."
HO, húngara, Flutuante Afetiva	"I disagree with many things being Hungarian. But I was born and raised with Hungarian mentality, also being European of course. I love being European. I really think it's important for me, it really defines me, but I couldn't live not being Hungarian no matter in which country I live."
MS, estónia, Flutuante Itinerante	"It depends where I am. (...) it's all a matter of perspective. When I'm further from Europe, it's the closer point where I am from. [in the US] If I say I'm from Estonia no one knows, so I feel that time first European and then I feel I'm Estonian also. "
BG, islandesa, Flutuante Utilitarista	"Icelandic because I grew up here, I've lived here most of my life, coz it's where my family comes from. European because I've lived in European countries, my partner is from Portugal (...) I think if I live somewhere else I might think differently at some point. I'm a mixed way the way I identify... I'm not nationalistic."
HA, português, Cidadão Transcendente	"eu sinto-me cidadão do Mundo, nascido em Portugal, criado para o Mundo. Os sítios por onde andei fez-me pensar, e quanto mais ando por a í mais percebo que isto é tudo igual. Cada vez estou mais convencido que todos queremos as mesmas coisas.(...) Depois sinto-me mais português mas com uma crença europeia. Lá está, como nascido no meu país vou pôr o meu país como uma coisa importante, mas a maneira de ser é o Mundo, estar unido, e a Europa está incluída nesse Mundo.(...) porque sou nascido e criado em Portugal, como tal acho que o primeiro sentimento de pertença há-de ser ao país que tu tens, de onde tu vens. (...) Na Europa, lá está nascido e criado numa era em que a Europa e a União Europeia, mais especificamente a União Europeia, estava, e está, a dar mais nome à Europa como continente, talvez seja essa a razão de me sentir europeu."
GS, português, Cidadão Itinerante	"A minha geração revê-se muito como uma geração europeia. Mas depois com o tempo tu apercebeste que tens outras especificidade. (...) Isso é normal, todos os povos europeus que foram colonizadores têm isso. Ou seja, a quantidade de povos com quem tu tens proximidades, que tem a ver com razões históricas, como os Espanhóis terão com a América Latina, excepto Brasil, e nós temos com Angola, Moçambique, Brasil (...) e até coisas culturais, como o frango no churrasco, isso é ser português. (...) Eu para o Brasil levava garrafas de vinho, bacalhau e queijos da serra, não levava Camembert e Bordeaux. Primeiro sou português e depois europeu. "
NS, francês, Cidadã Itinerante	"And on the other way around when I go back to France all my friends were seeing me doing small things differently and they were commenting 'Oh, you are doing that. That's not something we do in France, so you're not French anymore'. (...) So from my point of view I think I'm more French now with an European part. I feel strongly French and then European, where clearly to my friends they were all noticing the small differences, the small things I took from the other countries and then for them I was more European than French"
NB, polaca, Cidadã Itinerante	"Because I grew up in Poland and mainly the person I am is what I've gained when I was living in Poland. (...) Also speaking polish and polish mentality (...) And second now we have globalisation and open borders, and Poland is part of the European Union, I feel like an European and also as an international person (...)When I was in the States, it was very in fashion to look for your roots (..) so it's really nice to say your background (..) Whenever people asked where I'm from I said 'I'm from Poland' and it was nice, people are proud to say their nationality. "
RB, português, Cidadão Itinerante	"Português e Europeu. Portugal, é aonde eu nasci, onde eu cresci, onde estão as minhas raízes basicamente"
RC, português, Cidadão Itinerante	"Português porque é o que eu sinto, quando vejo a seleção jogar por exemplo. Até mesmo agora na Estónia quando ouves alguém falar português, ou quando vem algum artista português. Diríamos que é mais por saudosismo."
LP, portuguesa, Cidadã Itinerante	"Porque acima de tudo sou portuguesa, porque aonde eu vou faço questão de dizer que sou portuguesa, porque Portugal também tem boas coisas e eu tenho um bocado de orgulho no meu país. E europeia basicamente pela mesma razão (...) A Europa é uma organização que na sua base tem boas intenções mas se calhar não correu tão bem."
PG, português, Cidadão Local	"Português pelos usos e costumes, e eu ainda nasci antes de sermos da União Europeia. Antes de ser cidadão europeu era cidadão português. Sou português porque eu rejeito-me um bocadinho na nossa cultura, no gostar de receber bem, de sermos extrovertidos, de gostar comer bem, enquanto sentir-me cidadão europeu acaba por ser um acréscimo. A decisão não foi minha foi dos governos."
DL, inglesa, Passiva Isolada	"I'm English, then British and then European. (...) I would say first European just because it's closer than the Rest of the World"
GH, escocês, Passivo Isolado	"Probably British and then European. It's probably the most representative. Sometimes I feel world citizen, sometimes I feel very much I'm from London but most of the time I would say I feel British and then European. (...) My perception is that there's a unique culture in Britain, (...) probably because it's an island, very particular, very long history as an island nation"

